COMMISSÃO DO MADEIRA

PARÁ E AMAZONAS

COMMISSÃO DO MADEIRA.

PARÁ E AMAZONAS

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conego Francisco Bernardino de Souza.

3.ª PARTE.

RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA NACIONAL.
1875

311—75.

COMMISSÃO DO MADEIRA.

PARÁ E AMAZONAS

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conego Francisco Bernardino de Souza.

3.ª PARTE.

Am
981.1
S729p

RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA NACIONAL.
1875.

311—75

Arthur Reis
Registro: 01037
Data: 28/02/02

COMMISSÃO DO MADEIRA

Pará e Amazonas.

I.

A serra de Parintins e o rio Nhamundá ou Jamundá, são, como disse, a divisa official das duas provincias do Amazonas e Pará.

Continuando a descer o Amazonas, e na distancia de 85 milhas pouco mais ou menos da serra de Parintins, encontra-se a foz do rio *Trombetas*, denominado primitivamente *Oriximina* pelos indigenas.

E' o Trombetas um dos importantes affluentes do Amazonas, e notavel por sua extensão e falta de sinuosidade na parte inferior do seu curso. Parece descer das cordilheiras da Guyana e lança-se no Amazonas a 4 milhas a ONO da cidade de Obidos. Tem um curso de mais de 240 milhas navegaveis, durante a cheia, para qualquer canôa, e ainda vapores, que não demandem grande calado.

Segundo conjectura o Sr. Ferreira Penna, deve o Trombetas ter as suas fontes nas immediações das do Anauaú, affluente do Rio Branco e do Rupunury, que vai ao Essequebo. Desce no rumo ESE, recebendo na margem esquerda, antes de chegar ás suas grandes cachoeiras, um affluente notavel, que vem dos campos do norte, por onde os indios e os negros do mocambo se communicam com as malocas de negros, que povoam as cabeceiras do Saramacá e do Surinam, na colonia hollandeza.

As terras de suas margens são baixas e ás vezes alagadas até a barra do *Cuminá*, seu principal affluente. Dahi em diante começam as cachoeiras, que vão subindo gradualmente até ás terras altas e montanhosas do Rio Branco. Occupam as cachoeiras, uma extensão de 14 a 16 leguas, geralmente coberta de grandes matas, percorrendo o rio um verdadeiro labyrintho de ilhas pedregosas de diversas dimensões, variando sempre de rumo nos canaes e alargando-se consideravelmente. Tem uma milha de largura até á foz do Cuminá, que com elle corre quasi parallelamente, cortando sempre ao norte.

Passada a ultima cachoeira, diz o Sr. Ferreira Penna, o Trombetas entra logo na planicie do Amazonas, torna-se gradualmente tranquillo, profundo, estreito e sinuoso até o lago do Mura. Continúa dahi para baixo com flexões iguaes, sempre no rumo geral de ESE, tendo aos lados numerosas bocas de lagos, grande numero delles accessiveis a vapores, e encontra o Cuminá, que conflue á esquerda, vindo de E.

O Cuminá é ainda desconhecido, mesmo dos intrepidos regatões, cujas excursões acabam onde começa o deserto, e o deserto aqui começa nas cachoeiras do rio.

Abaixo destas cachoeiras, continúa o Sr. Ferreira Penna, o Cuminá, que parece vir do N, reune-se com outro affluente, que vem do ENE. Augmentado assim o seu volume e entrado na planicie, dirige-se a O, percorrendo uma região baixa e deprimida, onde as suas aguas, como que estagnadas, anastomoseam-se, repartindo-se em defluentes, ora estreitos, como o Janauacá e Terra Preta, ora tomando proporções de lagos extensos, como o Arapicurú e o Salgado, onde os ventos agitam a sua superficie, levantando grandes ondas.

O Cuminá reune todos estes braços em um só, exactamente ao lançar-se no Trombetas.

Este toma então ahi o rumo SE, seguindo em uma linha recta de cerca de 20 milhas. Por mais da metade deste estirão estendem-se duas ilhas estreitas e longas, chamadas Caypurú e Jacitara, ficando defronte da primeira, na margem esquerda, a bocca do rio que tem o seu nome.

Quasi ao S da ponta inferior da ilha Jacitara, está na margem direita a fóz do rio Jamundá, que, com suas aguas toldadas por defluentes do Amazonas, chega ahi com o humilde nome de igarapé de Sapucuá.

Dessa confluencia para baixo volta de novo ao rumo geral ESE, recebe á direita o Paraná-Mirim Cachuiry, depois o igarapé Arapicú e outros menores á esquerda, passa pela bocca de diversos lagos, lança á direita dous Paraná-Mirins, que mais adiante se confundem em um só, descreve uma ligeira curva para SE, depois para E, e com este rumo perde-se no Amazonas, cerca de uma milha a OSO da extincta colonia militar de Obidos.

O Paraná-Mirim menor segue á esquerda por um capinzal para E, reune-se ao igarapé Curumú, procedente do lago e serra deste nome, e incorpora-se com o segundo, que parte

do mesmo lado e segue quasi o mesmo rumo. Este, que é denominado Paraná-Mirim de *Maria Thereza*, logo que recebe o antecedente, inclina-se a ESE, e entra no Amazonas, quasi junto á foz do Trombetas, de que se destacára.

Até aqui o Sr. Ferreira Penna.

As margens deste rio, notavel pela sua extensão, pelo volume de suas aguas limpidas, pela fertilidade de suas terras e por sua importancia geographica, contém grande abundancia de pedra calcarea e sulfureto de ferro. «Este rio, escrevia em 1853 um engenheiro da provincia do Pará, é nimiamente rico, tanto em producções de suas vastas florestas, como em productos mineraes e metallurgicos, que só esperam pela visita do geologo, que os vá reconhecer.»

D'ahi, segundo me asseveram, se tem tirado amostras de ouro, e consta-me até, bem que tenha alguns fundamentos para descrer da noticia, que entretanto consigno aqui, que em uma praia do Trombetas já se achou um diamante, pelo que ainda é hoje conhecida pelo nome de praia do diamante.

« As bellas pedras de amolar, escrevia ainda o mesmo engenheiro acima citado, de que abunda este rio, e o carvão que dizem haver no lago Aripecú, a 50 leguas da foz, a abundancia de um mineral, que pelo aspecto parece ser sulfureto de antimonio, e outras muitas pedras de differentes côres, talvez marmores, que me informam haver pelo leito do rio em grande quantidade, convidam e excitam a uma exploração em regra.»

Fórma no centro duas grandes bacias, que são um verdadeiro labyrintho de ilhas. Acham-se nas suas praias diversas crystallisações e muito cascalho. Todo esse terreno tem certo aspecto mineralogico muito pronunciado, sobretudo nas cachoeiras, onde se tem encontrado grandes massas de ferro e de onde já se tiraram amostras de pedra hume, crystal de rocha, estanho, antimonio, plumbagina e mica.

São apenas cinco as cachoeiras conhecidas do Trombetas.

A primeira é a da *Conceição de Nossa Senhora*, assim denominada em 1868 pelo Sr. Manoel Valente do Couto, quando visitou o mocambo. Era anteriormente, e quiçá ainda hoje, conhecida pelo nome de *Porteira* ou *Encontro*, naturalmente pelo encontro do rio, que vem do Nhamundá trazer o tributo de suas aguas ao Trombetas.

A segunda cachoeira, denominada *Vira Mundo*, é simplesmente a reunião de muitas corredeiras, que, precipitando-se umas sobre outras, formam um torvelinho admiravel.

A terceira, denominada *Inferno*, é o ponto de passagem mais perigosa ao ingresso dos mocambos, de que mais adiante fallarei.

A quarta tem o nome de *Maravilha*. E' bella e quasi inoffensiva.

A quinta e ultima chama-se *Cachoeirinha*. Deveria antes chamar-se *Porteira* ou *Entrada* porque, com pouco navegar, esbarra-se com o Mocambo.

O leito do Trombetas é arenoso, a agua é muito clara e formado por elle ha um lago, cujas aguas são tão salitrosas,

que se não podem beber e tem por isto a denominação de lago salgado.

Tributarios deste rio são muitos igarapés e lagos, nos quaes abunda o peixe. Em suas matas é prodigiosa a quantidade de caça; a sua flora é superabundante. Entre os seus productos distinguem-se o cacáo, a castanha, a salsa, o cravo, o oleo de copahyba e o cumarú. Tem excellentes madeiras de construcção naval e civil, sobresahindo entre ellas a bella *muerapinima* e a *paracuúba-pinima*. Encontram-se tambem alli *taquaras*, que medem quasi palmo e meio de diametro. No genero de madeiras, diz o Sr. Ferreira Penna que o Trombetas por si só póde fornecer toda quanta precise o Estado para as suas construcções durante longos annos.

E' o Trombetas um rio magestoso, diz o capitão-tenante Parahybuna, que o explorou até o lago do *Mura*, não só pela cópia de suas aguas, porém ainda pelo duplo scenario de suas margens.

Este duplo scenario, acrescenta o Sr. Ferreira Penna, de que vi exemplos na secção inferior, abaixo da fóz do Jamundá, é representado por duas zonas de terrenos, que constituem a margem esquerda do rio. Quasi ao nivel d'agua está a primeira zona, revestida de uma vegetação pouco desenvolvida, quasi toda igual em altura: é o terreno recentemente formado, que no paiz se conhece pelo nome de *igapó*, mato alagadiço, por baixo do qual uma pequena canôa póde navegar. Este primeiro degráo de terreno é interrompido a cada momento por um igarapé, que vem de algum lago proximo.

A segunda zona, paralella á antecedente, é composta de terrenos que, por sua altura, escapando completamente ás inundações, constituem a verdadeira margem do rio. Uma vegetação possante e variada reveste toda a sua superficie.

Atrás deste segundo degráo do terreno, avista-se de espaço a espaço, áquem da confluencia do Cuminá, uma serra de chapada como o *Uaracy-tapera*, ou composta de grupos, terminando em cimos arredondados pela vegetação, que a corôa, como as bellas montanhas de Curumú.

E' nesta segunda zona, formada pelas terras altas, que em geral apparecem as castanheiras, que fornecem as amendoas tão apreciadas no commercio; as copahybeiras, que produzem o oleo tão util á industria e á medicina, e emfim uma infinidade de madeiras estimadas para toda a sorte de obras de construcção, de marcenaria e das mais delicadas peças de moveis.

A salsa, o cacáo, a canna, a laranja, o café, mandioca, milho, tabaco, algodão, etc., produzem com facilidade nessas terras.

A companhia de navegação a vapor (limitada) do Amazonas possue no rio Trombetas quatro leguas quadradas de terreno. Começa na fóz do lago *Iripixy* até a do *Caipurú*, cortando a linha no rumo magnetico de 62° NE.

Este terreno é bastante rico em madeiras de construcção, e já em eras passadas houve nelle, por conta do Estado, uma

grande fabrica, que muitas remessas fez para o arsenal de marinha do Pará, e uma outra, onde, por conta de particulares, construiram-se muitas embarcações.

E' tambem proprio para a cultura do café e da canna.

A parte inferior do rio é pouco habitada, havendo todavia alguns estabelecimentos de civilizados. Um pouco acima encontram-se os celebres *mocambos* ou aldêas de escravos fugidos.

Em meu livro sobre o *Valle do Amazonas* escrevi as seguintes linhas sobre os quilombos ou mocambos:

« Constam, segundo os melhores calculos, de mais de 2.000 escravos fugidos os *mocambos* do Trombetas, em Obidos, e de Curuá, em Alemquer.»

Os negros, industriados talvez pelos outros companheiros de desterro, diz o Sr. Dr. Tavares Bastos, vivem alli debaixo de um governo despotico electivo; com effeito, elles nomeam o seu governador, e diz-se que os delegados e subdelegados são tambem electivos. Imitam nas designações de suas autoridades os nomes que conheceram nas nossas povoações. Os mocambos attrahem os escravos; nomearam-me uma senhora que viu em pouco fugirem para alli 100 dos que possuia; outros proprietarios ha que contam 20 e 30 perdidos desse modo. Os negros cultivam a mandioca e o tabaco (o que elles vendem passa pelo melhor); colhem a castanha, a salsaparrilha, etc. A's vezes descem em canôas e vêm ao proprio porto de Obidos, á noite, commerciar ás escondidas, com os regatões, que sobem o Trombetas; elles o fazem habitualmente.

E, pois, acrescentei eu, além da grande falta de braços com que lutam os agricultores do Amazonas, em consequencia da avultada emigração que afflue para os seringaes, têm ainda de lutar com a praga dos *mocambos*, que são como uma viva e permanente ameaça! »

Ao que então escrevi, faço hoje algumas alterações, em consequencia das informações que me acabam de ser ministradas pelo intelligente e honesto Sr. Manoel Valente do Couto, que em 1868, commissionado pela camara municipal de Obidos, em companhia de Fr. Carmello Mazarin, visitou o mocambo do Trombetas.

Compõe-se o mocambo de 300 individuos, pouco mais ou menos, entre homens, mulheres e crianças, incluindo os invalidos e alguns individuos livres, filhos de pretos com tapuias. Formam como tres grupos distinctos: os pretos de Obidos, os de Alemquer e os de Santarem, constituindo os de Obidos a maioria. Acham-se disseminados pelas muitas ilhas, que ficam além das cachoeiras. Não têm governo algum permanente, e só nas occasiões de perigo geral e nas suas repetidas lutas intestinas, é que se sujeitam a um chefe. No tempo em que o Sr. Manoel Valente do Couto visitou o mocambo, era chefe o filho do fundador do mocambo, e que, por ser filho de tapuia, era livre, e foi então baptisado por Fr. Carmello.

Entre os negros do mocambo, asseverou-me o Sr. Valente,

que não existiam criminosos, nem desertores, que os não consentiam lá, o que é certo é que ninguem se queixa de roubos e de violencias da parte delles.

Occupam-se no trabalho da lavoura e possuem algumas roças bem plantadas.

O mocambo do Trombetas já foi mais populoso do que o é actualmente. As lutas intestinas, as molestias, e entre ellas as sezões, o têm ido pouco a pouco dizimando.

Os indios, que habitam o rio Trombetas, moram além da ultima cachoeira, e são descendentes dos indios *Paecis*, que viviam na aldêa deste nome, convertida depois em *Pauxis*, e finalmente em *Obidos*. Elles têm relações commerciaes com a Guyana Hollandeza, d'onde recebem machados, armas e outros instrumentos. Fallam um dialecto especial, que não se assemelha ao das outras tribus.

Segundo as noticias que obteve o Sr. Ferreira Penna, os indios que habitam a bacia superior do Trombetas devem ser os restos ou descendentes da heroica nação dos Caraibas, que os velhos conquistadores hespanhoés exterminaram e perseguiram a ferro e fogo, aviltando-os com o appellido de canibaes.

Esses restos, sem duvida degenerados, acrescenta elle, podiam ser ainda uteis ao paiz, chamando-os á industria. Em seu estado de miseria actual, e longe do contacto da civilização, grande numero desses infelizes são hoje *escravos dos escravos* refugiados nos mocambos!

No relatorio do Sr. conselheiro Brusque, apresentado em 1863 á assembléa provincial do Pará, lêm-se as seguintes interessantes noticias:

« Asseguram-me algumas informações recebidas que existe no rio Trombetas grande numero de indios selvagens, que vagueiam nas matas acima das cachoeiras daquelle rio.

« Segundo o testemunho de um explorador de nome Thomaz Antonio de Aquino, que, na supposição de encontrar riquezas naquelle rio, subiu pelo seu principal rumo, denominado *Cuminá*, até encontrar as cachoeiras, e deste ponto em diante seguiu caminho por terra por espaço de 13 dias consecutivos, encontrou nesta paragem uma grande tribu selvagem, de côr quasi branca e semelhante ao typo que nesta provincia se chama *mameluco*.

« Refere este individuo que os homens desta tribu usavam apenas um cinto de embira trançada, e compridos os cabellos do meio da cabeça para trás, tendo por adorno uma delicada trança de palha, nos delgados das pernas e dos braços.

« As mulheres estavam semi-núas, tendo apenas uma grossa faxa pendente da cintura, adornada de missangas e pequenos guisos, enfeites estes que denotam ter tido seguramente esta tribu alguma communicação com homens civilizados, que lhes forneceram estes adornos, e são por certo os hollandezes.

« Affirma ainda aquelle explorador ter conseguido saber destes indigenas que naquelles desertos outras tribus existem para nós desconhecidas.

« Tenho por verdadeiras estas noticias, conclue o Sr. con-

selheiro Brusque, confirmadas tambem por alguns escravos, que, tendo fugido da companhia de seus senhores, foram expulsos daquella longinqua localidade, onde foram occultar-se, pelas hordas selvagens, que alli appareceram, referindo em seu regresso a Obidos estes mesmos factos. »

Pouco abaixo da foz do Trombetas, a menos de meia milha de distancia, vê-se o sitio em que existiu a antiga colonia militar de Obidos. Achava-se situada á margem esquerda do Amazonas, sendo de cerca de duas leguas de frente a extensão do seu territorio. Era limitada ao sul pela margem esquerda do Amazonas, a léste pela linha que passa pelo igarapé *Sucurijú*; ao poente pelo igarapé e lago *Kiri-Kiri*, e ao norte era cortado pelo rio *Curussambá*.

As terras são boas para a cultura e contém excellentes pastagens; ha tambem alli madeiras mais valiosas e estimadas para quaesquer especies de obras.

A colonia militar de Obidos, diz o Sr. Ferreira Penna que parece ter sido creada sem os conselhos da experiencia, mal organizada e mal administrada, teve ainda, para apressar a sua ruina, de experimentar desde logo a violação do unico artigo do seu regulamento, que podia amparar sua existencia, aquelle que garantia ao soldado a propriedade do terreno por elle cultivado e dos fructos que tirasse desse trabalho.

Em Obidos, alguns soldados, logo que chegaram á colonia, cuidaram de cultivar seu lote de terras; mas, quando dous delles estavam em vespera de colhêr os fructos do que plantaram, uma simples ordem os rendeu, chamando-os á capital.

Não foi preciso mais outro exemplo, para que os soldados, vendo destruida a esperança de se fazerem proprietarios, se guardassem de formar novas plantações. O desanimo foi geral; e, desde que este golpe foi desfechado, a colonia não tinha outro elemento de existencia e permanencia, senão sacrificando o governo avultadas sommas com o seu pessoal e com os viveres, porque ella os não produzia.

Effectivamente foi o que aconteceu. A colonia viveu emquanto o governo a sustentou, dando-lhe tudo quanto era preciso á vida, posto que ella nenhum serviço prestasse. As casas começaram a cahir em ruinas. De 255 colonos, mandados vir pela companhia do Amazonas, e que para alli foram mandados em 1854, não restava um ao menos em 1863.

Em 1864 o presidente do Pará deu-a por extincta, porque para isso tambem só faltava a declaração official.

Hoje funcciona alli uma olaria, pertencente a um particular.

A cidade de Obidos, situada em uma pequena collina, á margem esquerda do Amazonas, pouco abaixo da foz do Trombetas, é a antiga *Pauxis*, aldêazinha de *Curuá*.

Quando, depois de deixar-se Santarem e as barreiras de Paricatuba, diz o Sr. Ferreira Penna, navega-se para o poente até além da ponta sul da pequena ilha do Amador, quasi encostada á ilha grande dos Printes, a que Tardy de

Montravel deu em 1844 o nome de *Boulonnaise*, e a commissão de limites, em 1864, o de *Mamaurú*, avista-se uma linha de collinas de pouca altura, em cuja extremidade meridional começa a apparecer grande numero de casas que branquejam ao longe por entre as ramagens de mangueiras, larangeiras e outras arvores fructiferas, que na provincia formam o mais bello ornamento das povoações.

Essas casas são as da cidade de Obidos, que se estende desde a margem do Amazonas, por um terreno bastante inclinado, até quasi ao alto de um pequeno monte, que a domina.

O primeiro edificio que se distingue de longe, é a fortaleza, construida em 1854 por um distincto engenheiro paraense, o major Marcos Pereira de Salles, sobre uma especie de promontoro, que, avançando em semicirculo para dentro do rio, dá lugar, do lado oriental, a uma pequena enseada ou remanso.

Acha-se situado o forte de Obidos cerca de 5 milhas abaixo da foz do rio Trombetas, a 1°, 55' e 23" de latitude sul, e aos 12°, 21' e 24" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro.

O forte é um reducto semicircular, guarnecido por 10 peças.

Foi reparado ha pouco tempo, acrescentando-se-lhe uma plataforma corrida, de cantaria de Lisbôa.

E' actualmente commandado por um tenente coronel.

No seu estado actual, diz o Sr. Ferreira Penna, só póde servir para defesa do lado do E. e do Sul, ou do lado inferior do rio, porque do O. ou do lado de cima do rio, ha um monte de terra, que o occulta e embaraça os seus fogos nessa direcção. Sem remover-se esse monte inutil de terra, coberto de mato, a fortificação será sempre incompleta.

O Sr. engenheiro Aguiar Lima construio ao lume d'agua, junto á fralda da collina sobre que está assentado o forte, um reducto pentagonal, que lhe serve de complemento.

Fallando do forte de Obidos, assim exprimio-se um illustrado representante do Amazonas:

« Obidos é a posição do Amazonas mais propria para obras de fortificação.

«Levantou-se alli um forte sobre a barranca; mas esse forte, por concluir, como está, sem as obras complementares, não póde prestar o serviço para que foi construido. O engenheiro que planejou essas obras foi o major Salles, infelizmente, morto ha muitos annos. O seu plano era complexo.

« Além do forte sobre a barranca, deveria ter uma bateria ao lume d'agua, e do outro lado do rio uma outra bateria para cruzarem os respectivos fogos: o forte, como está, não póde evitar a subida de vapores. O exemplo do *Morona* em 1862 está ainda muito fresco.

« Outras embarcações forçam a sua passagem, encostadas á margem opposta, na distancia de 900 metros, e em pouco tempo se põem fóra do alcance da artilharia do forte, ou navegam junto á barranca ; e neste caso, a artilharia do forte, com quanto de grosso calibre, não poderá evitar a passagem

deilas, e só reappareceriam ao forte, quando estivessem fóra do alcance de sua artilharia. O vapor *Morona*, quando forçou a passagem de Obidos, apenas recebeu no seu costado uma bala, que não lhe fez damno algum.

« E' preciso, portanto, que os profissionaes estudem melhor o systema de fortificação que convem a Obidos. Como está, não presta o desejado serviço.

« Construio-se ha pouco tempo um fortim na raiz da serra ; esse fortim parece mais um brinquedo de criança do que um complemento de fortificação. Monta tres peças, sem ter o necessario espaço para recúo das peças, nem para conter as respectivas guarnições. »

A cidade de Obidos, situada á margem esquerda do Amazonas e no ponto em que mais estreita o grande rio, teve uma origem puramente militar, ou como diz o Sr. Ferreira Penna, deve a sua existencia ao facto de passar o Amazonas todo alli por um estreito canal.

Quando em 1697 o capitão general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, subio até o Rio Negro, a fim de inspeccionar e regular a administração no sertão da capitania, ao passar pelo ponto em que está hoje assentada a cidade de Obidos, conhecendo que a posição era muito vantajosa para uma fortificação, ordenou ao capitão Manoel da Motta e Siqueira, então superintendente das fortificações, que em vez do forte que devia construir no Ituki, fosse levantal-o naquelle ponto.

Obedecendo á ordem do capitão general, chamou Siqueira os indios, que alli mesmo ou muito perto demoravam, a fim de o auxiliarem na empreza.

Eram estes indios os *Pauxis* ou moradores do lago, porque parece que moravam junto a um lago, que alli existe. (1)

Ao lado do forte, e por causa delle, formou-se uma aldêa, missionada por padres da Piedade, a qual foi pouco e pouco crescendo com a addição de novas familias indigenas, que para alli eram mandadas.

O antigo forte subsistio por muitos annos, entretanto já se achava de todo desmoronado, quando em 1854 construio-se o actual.

Em 1758 foi a aldêa de *Pauxis* elevada á categoria de villa, com o nome de *Obidos*, pelo capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que assistiu pessoalmente á inauguração. Era então corregedor da comarca Paschoal de Abranches Madeira Fernandes, que alli mandou fixar o pelourinho.

Pouco tempo depois sabendo o capitão general que a villa não apresentava indicios de progresso por falta de população, mandou transportar para alli todos os indios *Barés*, que se achavam aldeados e estabelecidos junto á bocca do *Curuá* do

---

(1) O nome de *Pauxis*, diz o Sr. Ferreira Penna, dado a esses indios, parece uma corrupção de *Epauauchy* ou *Epauchy* ; a palavra *epaua* significando lago.

norte, onde tinham formado, sob a direcção dos seus dous missionarios capuchos, uma povoação que o mesmo governador havia condecorado com o titulo de *lugar* sob a denominação de *Arcozello*.

Em 1854, por lei provincial de 2 de Outubro, foi elevada á categoria de cidade.

Em 1867 foi creada a comarca de que é cabeça a cidade de Obidos.

Na collina em que está assentada a cidade, e onde foi levantada a primeira fortaleza, ainda se notam os restos de uma capellinha dedicada ao Senhor Bom Jesus.

Fica-se triste ao contemplar aquellas ruinas, que o mato espesso e cerrado tem já invadido e que attestam a fé e a piedade dessa geração que já se foi.

Ao lado da capellinha havia um cemiterio, onde iam descançar aquelles que cahiam vencidos nesse longo combate travado com o mundo. Hoje não existe mais o cemiterio. O rio, alluindo pouco a pouco a terra, ia desmoronando a collina, e os ossos daquelles que alli dormiam, julgando-se a coberto dos contra-tempos e vaivens do mundo, eram arrrebatados pelas aguas e sepultados na voragem do rio.

Ainda dormem alli alguns craneos, ainda existem alli alguns ossos, que serão arrebatados com os outros no torvelinho das aguas, se de lá não forem arrancados pela piedade dos vivos.

Eis o que ácerca da antiga capella do Senhor Bom Jesus, referio-me uma velha e respeitavel senhora, que é uma das mais vivas tradições de Obidos.

«— Fazem mais de sessenta annos, me disse, muito mais; eu, era ainda muito criança; nem se fallava na *cabanagem*, que é quasi negocio de hontem.

« Que cousa terrivel que era a *cabanagem!*

« Quanto soffremos todos nós, por causa desses homens, que queriam o que ninguem sabia, e nem elles sabiam!

« A *cabanagem* foi o flagello lançado por Deus para punir-nos; foi, como a peste que assollou esta terra onde nasci: tudo soffria; parecia que o proprio tempo andava triste....

« Fico triste sempre que fallo na *cabanagem*.... Fazem mais de sessenta annos; eu era ainda muito criança. Era vigario de Obidos o Rev, padre Raymundo Antonio Martins, a quem Deus lhe falle n'alma.

« Se era bom ou máo, não sei, que me não compete a mim tomar-lhe contas, que só a Deus devia prestar; mas o que é certo, é que tinha inimigos.

« Um dia, lembro-me como se fôra hontem, estava eu no *sitio* com meu pai. Foi ver-nos meu tio. Estava triste, como se grande magoa lhe pesasse no coração. Perguntou-lhe meu pai o que havia, e referio-nos elle, que na noite anterior diversos individuos haviam commettido em Obidos um crime horrivel.

« Haviam ido á igreja, á horas mortas e roubado a ambula e as sagradas particulas que alli se achavam.

« Na manhã seguinte déra o sacristão pelo sacrilego roubo.

A noticia espalhou-se pela villa, o povo alvoroçou-se, e sobre a collina que fica á margem do Amazonas foram encontradas intactas as particulas sagradas.

«Então, ahi nesse mesmo lugar em que os sacrilegos as deixaram cahir, levantou-se a capellinha sob a invocação do Senhor Bom Jesus. O povo prestou-se de bom grado, e em pouco tempo offerecia-se o sacrificio santo da missa no mesmo lugar em que fôra ultrajado o corpo do Cordeiro Divino.

«E os sacrilegos foram punidos pela justiça do céo.. O povo apontava-os e Deus quiz dal-os perfeitamente a conhecer.

«Nenhum delles morreu em sua cama, morte tranquilla em meio das lagrimas e das bençãos da familia reunida; nenhum delles teve mão amiga que lhes cerrasse os olhos... nenhum!

«Um morreu coberto de lepra; todo o corpo lhe era como uma chaga viva; o outro morreu soltando uivos e gritos terriveis; não eram de gente aquelles gritos; e o terceiro acabou afogado no Amazonas, de modo que o seu corpo não repousa em lugar santo á sombra da cruz!... »

.....

Hoje da capellinha apenas restam os alicerces, que, mais dia menos dia, a terra, alluida pelo rio, arremeçará no torvelinho das aguas (1).

A situação da cidade de Obidos sobre a face oriental da collina e os ventos, quasi constantes vindos do léste, não só lhe modificam a temperatura elevada, como concorrem poderosamente para a sua salubridade.

---

(1) Esse *alluimento* das terras que margeam o Amazonas é cousa muito commum ahi. Ha lugares que o povo denomina—*terras-cahidas*—por haver alli continuo desbarrancamento dellas durante o inverno, e ainda no verão.

Em Outubro de 1867, das 6 para as 7 horas da manhã, cahio na costa fronteira á cidade de Obidos uma consideravel porção de terra da margem do Amazonas. Furiosas ergueram-se as ondas e foram despedaçar-se do outro lado da praia, ameaçando sossobrar as canôas que se achavam no porto da cidade. O ruido daquella gigantesca massa de terra assemelhou-se ao estampido prolongado do trovão.

Felizmente as pessoas que se estavam banhando na praia, correram a tempo, para não serem envolvidas naquella immensa onda, que caminhava rugindo e espadanando espuma e que se foi despedaçar na praia, com medonho fragor.

Tres dias antes desse esboroamento, havia-se levantado no igarapé *Muratuba* um marulho muito forte, semelhante ao dos grandes rebojos ou caldeirões, o qual sahio do dito igarapé, seguindo ao longo da costa, até defronte da cidade, onde acabou.

Em 29 de Julho de 1866, escrevia o Sr. Wilkens de Mattos, o desbarrancamento da margem esquerda do Amazonas foi extraordinario; em a noite do dia indicado abateram-se mais de 50 leguas de barranca.

Estas quedas de terra, diz o Sr. F. Penna, são geraes em todo o curso do Amazonas, que *não cessa de aperfeiçoar o seu leito*, segundo a expressão de Humboldt.

A' excepção das febres intermittentes, e ás vezes diarrhéas, poucas são as molestias que affligem a cidade.

No pequeno valle, formado pelo morro do *Escama* e pela terra alta, em que está assentada a cidade de Obidos, existe um pequeno lago, que vai desaguar no Amazonas, quasi immediatamente, pois que muito proximo á margem do rio é que elle, estreitando, fórma um pequeno igarapé. Esta garganta, que o liga ao Amazonas, acha-se obstruida já por plantas, já por cascos de canôas velhas, troncos de arvores, etc., que alli se acham a apodrecer, e que são obstaculos que têm facilitado a accumulação de arêas, que impedem os escoamentos do mesmo lago, logo que o Amazonas desce abaixo de certo nivel, o que acontece annualmente, tornando-se as aguas do lago estagnadas.

A isso pois é que geralmente são attribuidas as febres intermittentes, que aliás não são muito frequentes.

Quanto ás diarrhéas, attribuem-n'as ás aguas do Trombetas, quando no tempo da enchente, e junto á cidade de Obidos, invadem as do Amazonas.

A população da cidade de Obidos, é calculada em 1.000 a 1.200 habitantes, e a de toda a comarca entre 8.000 e 10.000.

O recenseamento de 1873 dá á comarca de Obidos apenas 5.113 habitantes, calculo incontestavelmente incompleto e deficiente.

A população do municipio, diz o Sr. Ferreira Penna, não é bem conhecida; vive dispersa por tão grande extensão do territorio, como acontece em todas as demais comarcas da provincia, que é quasi impossivel poder ser enumerada com acerto. Creio que não ficarei muito longe da exactidão, dando a todo o municipio 10.000 almas.

Possue a cidade de Obidos de 150 a 160 predios, dispostos em duas praças e oito ruas, que se cortam quasi todas em angulo recto. Rarissimas são as casas cobertas de palha.

Tem duas igrejas: a matriz e a capella do Senhor Bom Jesus.

A igreja matriz, inaugurada a 8 de Dezembro de 1826, e tendo por orago Sant'Anna, passa por ser uma das maiores e das melhores do interior da provincia do Pará.

Foi levantada a expensas do povo, e a esforços do vigario, Raymundo Sanches de Brito.

O côro, espaçoso e bem construido, é sustentado por columnas, em meio das quaes ha duas pias de marmore branco. O baptisterio, á esquerda da entrada, tambem é de marmore. Possue cinco altares. A capella-mór é bastante espaçosa. No cimo do arco cruzeiro vêm-se as armas imperiaes, abertas em cedro por um curioso obidense. (1)

---

(1) Chamava-se Antonio de Souza Magalhães, e era ourives de profissão.

Morreu doudo, na cidade de Belém, em 1869.

Tem tres sacristias. Em uma dellas, e expostos á acção destruidora do tempo e da humidade e no meio de diversos objectos velhos, que alli se guardam, vi com summo desgosto sete magnificos paineis, representando os passos do Salvador. Tudo nelles revela que deviam ter sahido do pincel de um grande mestre.

Chamo para elles a attenção do governo geral ou provincial, e em nome da arte, peço uma providencia urgente, para que não desappareçam sob a acção do tempo e do abandono aquelles verdadeiros primores de um amestrado pincel.

Indagando qual a sua origem e como tinham ido parar alli, apenas me souberam informar que, depois da luta da cabanagem, haviam sido encontrados em uma casa particular e d'alli removidos para a igreja matriz.

A capella do Bom Jesus, no alto da praça do mesmo nome, foi levantada, á custa de uma subscripção dos moradores, em 1855, em virtude de uma promessa que fizera o povo, 20 annos antes, por occasião da guerra dos cabanos. Esteve abandonada por algum tempo, mas ultimamente acha-se restaurada ao culto.

Celebram-se ahi todos os annos, com mais ou menos pompa, duas festas : a do Bom Jesus e a da Senhora do Carmo.

— A casa da camara e a cadêa não merecem particular menção.

O intelligente Sr. Dr. Casimiro Borges Godinho de Assis, juiz municipal de Obidos e festejado autor de notaveis composições dramaticas, satisfazendo a uma das mais palpitantes necessidades das cidades civilizadas, e vencendo as maiores difficuldades, conseguiu levantar alli, auxiliado pela população illustrada da cidade, um excellente theatro.

Começando a edificação em Fevereiro de 1873, pôde o theatro principiar a funccionar a 21 de Junho do mesmo anno ; e no prazo de um mez foram alli representadas nove comedias, e deram-se treze espectaculos. A maior parte daquellas composições foram da penna do mesmo Sr. Dr. Assis.

Mede o theatro, denominado—Bom Jesus—, 90 palmos de comprimento sobre 41 de largura, tendo as paredes lateraes 23 palmos de altura do solo ás vigas, que sustentam o telhado. Deve ter uma ordem de 16 camarotes sobre uma galeria, que poderá comportar, talvez 100 pessoas.

A platéa mede 50 palmos de comprimento sobre 35 de largura, e póde accommodar 150 espectadores.

A posição em que se acha o theatro é magnifica.

Possue a cidade de Obidos duas escolas de instrucção primaria, uma do sexo masculino, frequentada por 63 alumnos, e outra do sexo feminino, onde se acham matriculadas 42 meninas. Ha mais uma escola nocturna, frequentada por 18 alumnos.

Houve em Obidos uma especie de seminario, denominado

—Collegio de S. Luiz Gonzaga—, instituido pelo finado bispo, o Sr. D. José Affonso de Moraes Torres (1).

Prestou esse estabelecimento de educação muito bons serviços á intelligente mocidade de Obidos; mas, infelizmente, e por motivos que não consegui averiguar, pouco tempo teve de duração.

Em 1857 publicava-se na cidade de Obidos um periodico semanal, intitulado—*Sentinella Obidense*. Durou pouco mais de um anno. Em 1867 appareceu um outro, tambem semanal, de pequeno formato, denominado—*A Industria*. Tambem durou pouco tempo.

A cultura do cacáo é quasi a industria exclusiva de Obidos. Os agricultores, diz o Sr. Ferreira Penna, reputam como uma fortuna o facto de se não haver até hoje descoberto bons seringaes no municipio, porque, dizem elles, com razão, uma tal descoberta importaria o mesmo que um golpe mortal dado á industria agricola, a qual ficaria desde logo privada dos poucos braços, que ainda lhe restam.

As margens do Amazonas e dos paraná-mirins na comarca de Obidos, são, com pequenos intervallos, extensas linhas de cacoaes.

Eis a cifra da exportação de cacáo, feita pelo municipio de Obidos, nestes ultimos annos, sómente nos vapores da companhia de navegação do Amazonas:—não entra nestes dados a exportação feita em outros vapores.

	Arrobas.	Libras.
Em 1867.....	45 419	22
Em 1868.....	10.129	
Em 1869.....	20 632	19
Em 1870.....	15.323	2
Em 1871.....	31.395	27
Em 1872.....	25.291	22

---

(1) A 28 de Junho de 1844 chegou á cidade de Belém, capital da provincia do Pará, o Exm. Sr. D. José Affonso de Moraes Torres, 9.° bispo da diocese, fazendo a sua entrada solemne no dia 7 de Julho do mesmo anno.

Foi eleito bispo no dia 13 de Maio de 1843, sagrando-se no dia 21 de Abril de 1844. Tomou posse da diocese, por seu procurador o arcipreste Manoel Theodoro Teixeira, em 15 de Maio de 1844.

O Sr. D. José Affonso de Moraes Torres visitou por differentes vezes o interior da sua diocese, publicando apenas o itinerario da sua primeira viagem.

Fundou dous estabelecimentos de educação e instrucção religiosa—o collegio de S. Luiz Gonzaga, em Obidos, e o seminario de S. José, em Manáos.

Representou a provincia do Amazonas na camara dos deputados.

Em 1857, por motivos de consciencia, resignou o bispado, e retirou-se para o Rio de Janeiro a 19 de Julho do mesmo anno.

Falleceu a 25 de Setembro de 1865, na cidade das Caldas, na provincia de Minas Geraes.

A exportação total nos differentes vapores e barcos, que navegam o Amazonas, foi em

	Arrobas.	Libras.
1862.....	82.128	
1868.....	66.405	29

Foi o anno de 1867 o de mais fertilidade, e até hoje ainda não houve colheita de cacáo igual á daquelle anno.

O café não é exportado, e mal chega a sua producção para o consumo.

O tabaco é cultivado ainda em menor escala que o café. A maior quantidade e a melhor qualidade que alli apparece no mercado, é proveniente dos mocambos do rio Trombetas.

O algodão produz alli perfeitamente bem, e, como o café, ha, em quasi todos os sitios, pequenas plantações, que não dão productos em quantidade sufficiente ás necessidades dos moradores.

Milho, feijão e arroz acham poucos cultivadores, e estes mesmos só plantam em quantidade insignificante.

A castanha abunda em varios lugares de terra. E' o Trombetas que fornece a maior quantidade da que Obidos exporta.

A exportação, feita só pelos vapores da companhia de navegação limitada do Amazonas, foi:

Em 1867.....	1.357	alqueires.
Em 1868.....	398	»
Em 1869.....	332	»
Em 1870.....	883	»
Em 1871.....	1.658	»
Em 1872.....	835	»

Depois da industria do cacáo, que constitue, por assim dizer, a riqueza de Obidos, é a criação de gado vaccum a industria mais geral do municipio. Contam-se alli perto de 40 fazendas com 40 a 50.000 cabeças de gado.

Affirma o Sr. F. Penna que nenhum dos principaes fazendeiros conta mais de 1.500 cabeças de gado, e avalia em 10.600 o numero total das que formam as fazendas. Supponho, porém, que não foi bem informado, porque, entre outros fazendeiros que possuem 2.000 e mais cabeças de gado, conheço um, o Sr. João Antonio Nunes, que possue perto, senão mais, de 5.000 cabeças.

Os campos ao SO do lago Sapucuá, os de Mari-apixy e os do Lago Grande, são os que contêm maior quantidade de gado, por serem tambem os melhores pastos do municipio.

A especie, diz o Sr. Ferreira Penna, se não é de raça superior á da ilha de Marajó, tem-se, pelo menos, conservado sem degenerar-se, e, em geral, é igual ao melhor gado que fazendeiros zelosos e intelligentes criam naquella ilha.

Este ramo da industria rural, continúa o mesmo Sr. F. Penna, é, sem duvida, muito vantajoso; mas nos districtos de Obidos, como nos de Faro Alemquer, Santarém, Villa Franca e Monte Alegre, tem sido muito contrariado no seu progresso, por numerosas causas, entre as quaes se deve contar em primeiro lugar as grandes cheias do Amazonas, que dão em resultado a inundação total dos pastos, morrendo afogados centenares de animaes, que se não teve o cuidado ou tempo de retirar para as terras firmes.

A grande cheia de 1859 produziu tão grandes estragos no gado, que fazendeiros que então possuiam 5.000 a 6.000 rezes, não contaram depois della senão 100 a 300. Foi, dizem os habitantes, um verdadeiro diluvio, que cahio sobre os campos de criação. Muitos criadores abandonaram a industria, persistindo nella o maior numero, mas sempre com o temor da reproducção daquella calamidade.

E por fallar em enchente do Amazonas, além do que já disse a respeito na primeira parte deste trabalho, acrescentarei aqui mais as seguintes e interessantes observações, que me foram offerecidas pelo intelligente Sr. Dr. Romualdo de Souza Paes de Andrade:

« — O dilatado curso do *rio-mar* influe para que as marés sejam inteiramente desconhecidas, de Obidos para cima.

« Esse immenso volume d'agua, que se observa, e que sem embargo de correr perennemente para lançar-se no Atlantico, se eleva á altura descommunal de 35 palmos, submergindo terras, que parece incrivel passarem por essa transformação annual, é todo originado pelas chuvas e pelo degelo das cordilheiras, que atravessam este continente de sul a norte.

« O degelo começa a operar-se no equinocio de Setembro pela passagem do sol para o hemispherio do sul. As aguas dessa proveniencia chegam ao leito do suzerano dos rios em Novembro, e fazem apparecer o que se chama *repiquete*.

« Na verdade, são um verdadeiro alarma, em toda a extensão do grande rio, as primeiras pollegadas d'agua que sobem acima do nivel da ultima vasante !

« E' assumpto de todas as conversações. Cada um faz as suas conjecturas, e perguntam-se mutuamente: *Será grande a enchente que começa* ?

« A resposta geral é conhecida : *Quem sabe ?* Todos estremecem com as apprehensões de futuros desastres.

« Entretanto, esta primeira impressão se desvanece e poucos são os que cuidam em acautelar-se !

« O Amazonas, cumprindo as leis do Eterno, vai, em sua marcha imperceptivel, subindo as altas ribanceiras e espraiando-se pelos prados, d'onde arrebata animaes, destruindo as plantações. Isto se repete muitas vezes, sem que se cogite em estabelecer meios de salvação.

« No Egypto, para obviar os estragos das enchentes do Nilo, fizeram um padrão, no qual estava marcado por dias o progresso ordinario das aguas, e bem assim o extraordinario de certo tempo em diante; entre nós, que vivemos em tempos de progresso, ainda ninguem se lembrou de estudar um

meio pelo qual se possam determinar os phenomenos que precedem as grandes enchentes, para assim evitar-se enormissimos prejuizos.

« Quanto a mim, julgo isto muito possivel.

« Estou na convicção de que se póde com precisão predizer se uma enchente tem de ser ordinaria ou extraordinaria pela observação das causas que a determinam.

« E' sabido que tres são as causas de diminuição das aguas vindas das cachoeiras e fornecidas pelas chuvas: 1.ª o esgoto feito pela corrente que as derrama no oceano; 2.ª a evaporação produzida pelo calorico atmospherico; e 3.ª a absorpção feita por uma vasta área de terras de alluvião. Ora, a primeira destas causas não póde falhar, nem modificar-se, porque, no mesmo plano inclinado, a corrente estará sempre na razão directa do volume d'agua, e o esgoto na razão da corrente;— a segunda causa póde modificar-se pela variação do tempo e omittir-se a abundancia de evaporação por falta de acção dos raios solares; e a terceira póde totalmente faltar, achando-se ensopados ou cheios os *igapós* (banhados).

« Fica evidente que, havendo falta de evaporação regular ou de absorpção, as aguas, que deviam desapparecer por esse modo, superabundam e avolumam nos leitos, causando as inundações.

« Os habitantes do valle do Amazonas são unanimes em affirmar que, cahindo tarde a Paschoa da Ressurreição, ha grande cheia; mas ignoram a razão dessa verdade. A Paschoa cahe sempre na primeira dominga depois da lua cheia do equinocio de Março; ora, se succede dar-se o equinocio conjunctamente com a lua nova, como em 1859, ou ao menos com o quarto crescente, é costume apparecerem grandes chuvas em todo o mez de Abril que imbebem os poros da terra; a passagem do sol para o hemispherio do norte produz o derretimento do gelo na cordilheira, e a agua dessa origem chega ao leito do rio em principios de Maio, encontrando já os igapós completamente ensopados ou cheios, e superabundam, produzindo a inundação.

« As festas moveis, porém, não podem servir de regulador; porque, se a cheia de 1859 foi grandissima, cahindo a Paschoa a 24 de Abril, a de 1866 foi tambem muito grande, cahindo a Paschoa no 1.º de Abril. De sorte, que bem se póde dizer aos lavradores do Amazonas: *acautelai-vos todas as vezes que o repiquete de Novembro sorprender os igapós ainda ensopados ou cheios, e que se sigam grandes e continuadas chuvas.* »

O porto de Obidos é, sem duvida, o mais importante do commercio do Amazonas; frequentam-no constantemente grandes barcos de vela e innumeras canôas, assim como os vapores de particulares; é escala dos vapores da primeira linha da companhia de navegação do Amazonas, que nella tocam seis vezes por mez nas suas viagens redondas; e é ponto terminal de uma linha mensal de navegação da mesma companhia.

Mais de 40 canôas de regatões, e muitas outras menores, espalham-se pelos rios e lagos, levando generos de toda especie ao grande numero de moradores internados pelos differentes paraná-mirins, que cortam a comarca.

Em 1867 estabeleceu-se em Obidos uma agencia da companhia de navegação do Amazonas, a qual tem poderosamente concorrido para o desenvolvimento do commercio e prosperidade do municipio.

Eis a cifra dos generos exportados nos vapores da companhia, de Maio (data do estabelecimento da agencia) a Dezembro de 1867:

	Arrobas.	Libras.
Cacáo	45.419	22
Carne	3.340	8
Sebo	272	4
Salsa	3	16
Tauary	2	16
Cumarú	23	14
Borracha	10	24
Peixe	9.967	
Couros verdes	246	
Ditos secos	759	
Ditos de veado	200	
Ditos de onça	2	
Ditos de peixe-boi	17	
Feijão	13 1/2 alqueires.	
Oleo	47 canadas.	
Estopa	24 arrobas.	
Guaraná	26 ditas.	
Grude de peixe	16 libras.	
Mixira	3 potes.	
Castanha	1.357 alqueires.	
Milho	4 ditos.	
Banha de gado	2 potes.	
Vinagre	1 barril.	
Tabaco	2 molhos.	
Garrafões vasios	12	
Cavallos	19	
Bois	4	
Carneiros	1	
Onças vivas	2	
Tartarugas	45	
Gallinhas	62	
Dinheiro particular	1:763$000	

— Generos importados em embarcações de vela nos ditos 8 mezes:

Cacáo	20.983 arrobas, 27 libras.
Castanha	355 alqueires.
Sebo	10 arrobas.
Couros seccos	18
Ditos de veado	23
Oleo	19 canadas.

Concluirei esta resumida noticia de Obidos com o seguinte trecho do Sr. Ferreira Penna ácerca do caracter dos obidenses :

« Os obidenses são activos e em geral laboriosos ; não desprezam, antes aproveitam todos os productos naturaes que encontram, mas applicam-se principalmente á cultura do cacáo e á criação de gado. Habituados a trabalhos desta ordem, elles distinguem-se por sua affeição muito pronunciada ao solo natal. »

E eu acrescentarei : São amenos no trato, amigos da ordem e eminentemente hospitaleiros.

A' margem direita do Amazonas, algumas milhas abaixo da cidade de Obidos, na costa opposta, encontra-se o *Cacoal imperial*.

Esta propriedade, constante de um extenso terreno com grandes plantações de cacáo e com uma pequena casa coberta de palha, tem passado por differentes phases e vicissitudes.

Tendo primeiramente pertencido a um particular, passou depois a fazer parte dos bens de uma aldêa de indios, administrada pelos jesuitas, que, com o auxilio dos braços indigenas, auferiam importantes lucros em avultadas colheitas.

Depois do alvará de 7 de Junho de 1755, que tirou aos padres jesuitas a administração temporal dos indios das aldêas régias e do alvará de 17 de Agosto de 1758, que creou o directorio para as mesmas aldêas, passou o cacoal a fazer parte dos bens do commum, e como tal administrado pelo respectivo directorio.

Tendo, porém, a carta régia de 12 de Maio de 1798 abolido os directores das aldêas, foi o cacoal incorporado aos bens da fazenda real.

Dessa época até o anno de 1830 deu-se ao cacoal um administrador pago pelo thesouro nacional, devendo o dito administrador residir em Villa Franca, para melhor poder inspeccionar o estabelecimento, cujo producto era vendido em hasta publica.

Em 1831, extinguiu-se o lugar de administrador e desde o anno seguinte começou-se a pôr em pratica o systema de arrematação dos productos do cacoal.

Depois de tantas vicissitudes por que tem passado aquelle patrimonio da fazenda nacional, diz o Sr. Ferreira Penna, que julga mais acertado vender o Estado aquella sua propriedade:

« O cacoal, que dura ha mais de um seculo, nunca foi replantado nem melhorado ; pelo contrario tem perdido dez vezes o que era ; chegou a ter mais de 40.000 pés de cacoeiros e hoje não excede talvez de 4.000.

Passa por ser o cacoal imperial uma residencia por demais incommoda, em consequencia da immensa quantidade de *carapanãs* (mosquitos grandes) e dos da peior especie, que ahi affligem os moradores. Em geral encontram-se em mais ou menos abundancia nas margens do Amazonas, nos iga-

rapés e lagos formados por elle, nos igapós e sobretudo nos cacoaes. A colheita do cacáo é uma verdadeira tortura.

O carapanã é uma das pragas mais intoleraveis, mais incommodas com que Deus affligiu aquellas paragens, mórmente nos mezes de Julho e Agosto, que são os da vasante do rio. Entre as innumeras miserias e torturas que inherentes são á vida dos que, como eu, percorrem estas plagas, nenhuma é mais insupportavel, direi mesmo, mais humilhante do que a dessa praga alada. Embalde procura a gente defender-se contra esses bebedores de sangue; embalde mata dezenas e centenas delles, outros centenares substituem aquelles, e quiçá mais furiosos, como para lhes vingarem a morte. Os moradores dos sitios, á margem do Amazonas, são obrigados a fechar as portas e janellas de suas casas logo ao pôr do sol, para assim evitarem a temivel invasão de hospedes tão incommodos.

Além da praga de *carapanã* ha tambem a do *piúm*, que é um mosquito menor. Encontra-se principalmente no Madeira e em alguns outros rios, morde sómente durante o dia, ao passo que o carapanã morde durante a noite. Diz-se que o *piúm* alimenta-se do leite do assacú, pelo que é venenosa a sua picada, produzindo chaga.

Tambem é o *mucuim* uma das pragas do Amazonas. E' um bichinho extremamente pequeno, de côr vermelha, que se agarra ao corpo, provocando insupportavel comichão.

Entre o sitio denominado *Paricatuba* e a cidade de Obidos, que fica acima daquelle na distancia de 10 leguas, na margem austral, acha-se a boca de um grande lago, chamado *Lago das Campinas* ou tambem *lago grande de Villa Franca*, na distancia de legua e meia do sobredito sitio de Paricatuba, e pelo qual podiam antigamente navegar canôas grandes e sahir muito acima do forte de Obidos, pelo rio *Curumucury*.

Hoje, porém, pela imprudencia das autoridades e dos habitantes, não ha mais caminho para grandes canôas senão no maximo das enchentes, não só pelos rios *Muratuba grande* e *pequeno* como pelo *Curumucury*.

Para tentar semelhante viagem, é mister entretanto levar um bom pratico, e ainda assim não é sem perigo a passagem.

Abaixo da foz do lago grande de Villa Franca ou das Campinas, e quasi defronte da ilha *Marimarituba*, á margem direita do Amazonas, vê-se o lugar denominado *Ucuypiranga*, situado em uma bella eminencia, conhecida tambem pela denominação de barreiras do Ucuypiranga. (1)

Estas barreiras não são mais do que o prolongamento da linha de eminencias, que acompanham o lago grande de Villa Franca ou das Campinas, desde o serro *Aracury*, bello

---

(1) Alguns escrevem *Ecuypiranga*.

monte, diz o Sr. Ferreira Penna, que se ergue ao sul do igarapé do seu nome, como uma pyramide conica, coberta de abundante vegetação.

Foi ahi, no lugar denominado Ucuypiranga, que na ominosa revolução de 1835, estabeleceram os cabanos um formidavel ponto, commandado pelo famigerado caudilho Miguel Apolinario Maparajuba, e de tal modo fortificado, que por muito tempo foi o terror da comarca do Baixo Amazonas. (1)

---

(1) Miguel Apolinario Maparajuba occupou importante lugar nas fileiras dos rebeldes de 1835, conhecidos pelo nome de *cabanos*. Dotado de natural vivacidade e de tal ou qual coragem, soube com estes dous predicados alcançar o lugar de chefe e nesta qualidade percorreu diversos pontos do Baixo Amazonas, nos quaes praticou diversas proezas, principalmente nos afamados pontos do Ucuypiranga e do Curumucury.

Entre alguns documentos mais ou menos importantes que nas minhas excursões pelo Amazonas tenho encontrado e que me servirão talvez um dia para emprehender a historia dessa celebre revolução que enlutou a bella provincia do Pará, figura o bando ou proclamação do famigerado chefe cabano, e que aqui transcrevo pela sua originalidade :

« Miguel Apolinario Maparajuba e Firmeza, commandante geral das forças do Baixo e Alto Amazonas.

« Brazileiros. Prevendo com incançavel vigilancia o vosso socego, a vossa tranquillidade e a vossa prosperidade, não me tenho poupado a fadigas; vejo porém, que noticias sinistras se espalham, a fim de vos desunir, talvez para vos aniquilar; convem portanto que não deis credito a quaesquer noticias que surjam, na confiança de que o vosso commandante uma vez que as haja veridicas, as fará publicas.

« Brazileiros ! Para nossa mutua tranquillidade, convem que todos sejamos cada vez mais unidos e firmes para o bom exito de nossas fadigas; e que qualquer alteração nos póde ser prejudicial; convém igualmente para nossa commum felicidade, que sejais obedientes e subordinados, lembrando-vos que por falta de obediencia cahiu Lucifer no inferno; por falta de obediencia entrou, em o nosso pai Adão, o peccado no mundo e foi lançado do paraizo; por falta de obediencia foi morto Absalão; ao mesmo tempo que por ser obediente Isaac foi livre do sacrificio e ficou glorioso; por ser obediente entrou Noé na arca e ficou salvo; e por serem obedientes os exercitos a Bonaparte, é que elle alcançou tantos trophéos; e para vos não cançar, em duas palavras vêde o que diz a augusta rainha dos anjos, a Virgem Nossa Senhora, no cantico da *magnifica*: « exaltados serão os humildes. » E o que quer dizer a humildade senão a obediencia !

« Tomai o pretexto da mãi de Deus, que assim vos ordena para a vossa mesma felicidade. Portanto de ora em diante desterrai dicterios e noticias falsas, que só servem de vos inquietar; confiai em vosso commandante e ficai socegados.

« Outrosim, todo aquelle que de ora em diante pegar em armas, seja dentro nesta villa (o que não o creio) ou por fóra, em qualquer ponto, sem ordem do vosso commandante, será reputado e tratado como inimigo do vosso socego, pessoas e familia, e como tal castigado com as penas que a lei marca.

Não obstante porém o apparato bellico de que se cercava aquelle reducto, rendeu-se por fim, devendo-se este importantissimo serviço á energia pouco vulgar do padre Antonio Manoel Sanches de Brito, que então exercia o lugar de juiz de paz em Obidos.

Do Ucuypiranga póde-se ir por terra até ás margens do Tapajoz.

« Descendo-se do Paraná-Mirim de Alemquer, deixam-se as boccas dos dous lagos Curumú e Uruxy á esquerda, á direita o furo Sumaúma, que segue ao Sul e vai sahir defronte da ilha Juruparypucú; á esquerda a bocca do lago Capimtuba, que serve de limite entre os municipios de Alemquer e Santarém; e, 6 a 8 milhas abaixo e com rumo SE., entra-se em pleno Amazonas defronte da ponta oriental da ilha das Barreiras, ficando na costa á esquerda a bocca do lago Paracary.

« Passada aquella ilha e acompanhando-se a grande de Aritapera á direita, deixam-se successivamente as do Tapará e Palhão á esquerda.

« O rio toma nesta secção o nome de Urubú-cuacá, segue em grande estirão no rumo SSO, com largura de 2.500 metros, descreve emfim uma vasta curva para E. com largura de 2 a 3.000 metros e tem lugar então a sua soberba juncção com o seu ramo meridional, que passando pelas barreiras do Ucuypiranga e Paricatuba, chega agora ahi já reunido com as aguas do Tapajoz, cuja barra está acima 5 milhas. (1) »

O rio Tapajoz, tambem chamado Rio Preto, desce com o Arinos e o Juruena, que o constituem (2); das cordilheiras

---

« Brazileiros, o vosso commandante marcha á par da lei e não desmentirá da eleição que vós fizestes. Confiai nelle, descançando na sua vigilancia, que elle descança em vós, na vossa subordinação e obediencia.

« Viva o nosso jovem Senhor D. Pedro II e a regencia em seu nome!

« Viva a santa religião apostolica romana!

« Vivam os brazileiros defensores da patria!

« Tapajós, 23 de Abril de 1836.—Miguel Apolinario Mapa-rajuba e Firmeza, commandante geral das forças do Baixo e Alto Amazonas. »

(1) Toda esta noticia é extrahida do importante trabalho do Sr. F. Penna—a região occidental da provincia do pará—.

(2) « O Arinos (Tapajoz) que apresenta a via de communicação mais importante da provincia, desde que Cuyabá veio a ser sua capital, tem suas fontes nos vastos campos e longas cadêas dos montes Parecis; ellas enlaçam com seus braços um espaço de 100 leguas de E. a O., cruzando-se com as aguas que correm para o Paraguay ou para seus affluentes Cuyabá, Sepotuba e Jaurú; mas a fonte principal se acha a umas 15 leguas a E. da villa do Diamantino.» (*Conde de Castelan.*)

« As cabeceiras do rio Juruéna ficam a 20 leguas da cidade de Mato Grosso, pelo seu ramo principal; e a 30 leguas do Diamantino pelo ramo menor, que é o segundo. » (*F. Penna.*)

dos Parecis, no rumo de SO. a NE., quasi parallelamente ao rio Xingú, atravessando terras montanhosas, formando grandes cachoeiras e terminando seu curso com uma largura consideravel.

Em lingua geral ou tupica chama-se o rio Tapajoz, *Tupayúparaná* (rio dos Tapajós) ou *Paraná-pixuna* (Rio Preto).

E' habitado na parte superior, pelos indios *Apiacás* (1), que são um poderoso auxiliar aos Cuyabanos, que descem annualmente á compra do guaraná; na média, pela guerreira e industriosa tribu dos Mondurucús; e pelos Maués, na margem esquerda, em uma extensão de quasi 50 leguas.

Eram em grande numero as tribus indigenas, que ha um seculo habitavam o Tapajoz. Contavam-se entre outras as dos Uarupás—Apaunuariá —Marixitás—Amanajús—Apicuricús— Morivás— Moqueriás— Jacaré-uarás— Anijuariás — Periquitos—Necuriás—Surinanas—Motuaris, etc.

No Baixo Tapajoz existem as povoações ou malocas de Uxituba, Cury, Santa-Cruz, etc., provenientes em grande parte dos mondurucús.

Entre as cachoeiras encontram-se as malocas mundurucús denominadas:

Boburés—Montanha—Maloquinha—Ponta-Grossa—Rato—Curuçá—Bacabal—Boa-Vista—Jacaricanga—Iry, etc.

Em 1862 existiam 13 aldêas de mundurucús com uma população de 9.917 almas e 4 aldêas de Maués com 3.657 almas.

Estavam divididas as aldêas do seguinte modo:

Tribu mundurucú.

Aldêa Santa-Cruz	351	almas.
» Cury	150	»
» Uixituba	352	»
» Pindubai	80	»
» Janaxim	140	»
» Santa Anna	70	»
» Jutahy	230	»
» Ponta Grande	271	»
» Cuia-Pompé	260	»
» Rato	300	»
» Jacarécanga	92	»
» Xacurá	120	»
» Boa-Vista	185	»
» Campinas (contendo 19 malocas)	7.316	»

(1) « Os Apiacás formam uma pequena tribu, que é a primeira que se encontra, entendendo a lingua geral. Refere-se que o maior numero delles, não desejando entreter relações com os brancos, separaram-se, indo estabelecer-se no rio S. Manoel.

« Os Apiacás possuem umas seis aldêas, todas á beira d'agua ... Em torno das casas ha plantações de urucú, algodão, canna de assucar, mandioca, bananas, milho, batatas doces, etc. A salsaparrilha é o unico objecto de commercio, que elles têm para vender, e parece que já aprenderam o valor della. » (*Chandless.*)

Tribu maués.

Aldêa Boburé.....	80 almas.
» Tucunaré-quara.....	61 »
» Montanhas.....	75 »
» Urubutú.....	62 »
Terras (contendo 28 malocas).....	3.379 »

A mais importante de todas as aldêas mundurucús é a taba das campinas.

Compõe-se a taba, segundo o relatorio de uma commissão exploradora, de muitas malocas pequenas, collocadas á pouca distancia umas das outras e communicando todas entre si (1).

Está situada á margem esquerda do Tapajoz, um pouco distante do rio, na linha que separa as grandes florestas amazonicas dos campos geraes que vão a Mato Grosso.

Todos os annos no verão, segundo ainda a commissão exploradora, os guerreiros mundurucús armam-se e vão bater outras tribus com quem não têm relações de paz e amizade.

Antigo costume indigena consagra maior consideração ao guerreiro que mais valente se mostra nos combates. Além disto, porém, outras considerações excitam os mundurucús a essas correrias—a conveniencia de possuirem uma certa extensão de territorio, em que possam caçar livremente sem encontrar inimigos nem concurrentes; e o interesse de aprisionar os filhos e mulheres das tribus inimigas, os quaes ficam sendo tratados e considerados, como fazendo parte da propria tribú mundurucú, que assim vai augmentando de anno em anno.

A habitação dos guerreiros nas campinas é separada da das mulheres. Para aquelles edificam uma especie de quartel, extensa casa, coberta de palha, onde estendem as rêdes, ás vezes em numero de 8 a 10, e á noite accendem uma fogueira em cada intervallo de duas rêdes.

Em frente dos quarteis levantam os mundurucús, outro casarão destinado ás mulheres e ás filhas dos guerreiros, ás crianças de tenra idade e aos anciãos decrepitos.

---

(1) « Moravam os indios, diz Cardim, em aldêas, em umas *ócas* ou casas muito compridas, de 200, 300 ou 400 palmos e 50 em largo, pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeira, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de pindoba.... e duram tres ou quatro annos; cada casa destas tem dous ou tres buracos, sem portas nem fecho.

Dentro nellas vivem logo 100 ou 200 pessoas, cada qual em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram de uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em communidade, e entrando na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão.... porém, é tanta a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma peleja; e por não terem nada fechado não ha furtos; se fôra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles.»

Logo que o menino póde manejar o arco, é transferido da casa das mulheres para o quartel dos guerreiros.

Quando o mundurucú mata o inimigo em combate, corta-lhe a cabeça, que leva para a maloca, como um trophéo; extrahe-lhe depois os miolos e os olhos, e a expõe cuidadosamente ao fumeiro por dias successivos. Esta operação é feita com tal habilidade, que a cabeça se conserva com toda a cabelleira e quasi com a côr natural. No lugar dos olhos collocam breu e atravessam dous dentes de cutia, de modo que a cabeça conserva certo ar animado.

O vencedor leva este trophéo de maloca em maloca, e em toda a sua marcha triumphal é recebido com a maior distincção e proclamado valente entre os guerreiros. Só a muito custo desfazem-se destes trophéos, que ás vezes, e por bem alto preço, vendem aos regatões e aos raros viajantes que ousam alli penetrar.

Se o mundurucú é morto em combate, seus ossos são piedosamente recolhidos, e em certo e determinado dia reunem-se os companheiros de guerra e os parentes para prantearem-no e commemorarem seus feitos e suas virtudes.

Fallando ácerca dos mundurucús e dos maués, assim se exprimia o Sr. conselheiro Brusque:

«... São excessivamente desconfiados, mas simples e sinceros no seu trato com as tribus vizinhas, e principalmente para com os homens civilizados que os procuram. Quando recebem destes ou daquelles uma qualquer offensa, elles de ordinario os abandonam e os desprezam; mas se a offensa é relativa á honra de suas mulheres ou contra seus filhos, que estremecidamente amam (1), commettem então as maiores violencias ou atrocidades.»

A caça e a pesca são sua industria favoritas; são, porém, aptos para qualquer outro trabalho industrial e sabem vantajosamente imitar alguns artefactos que lhes chegam ás mãos. Cultivam algum guaraná, tabaco e mandioca, de que fazem alguma farinha; mas essa cultura é tão imperfeita, como em todas as demais tribus, que mal merece este nome. Elles a fariam talvez melhor, se lhes ensinassem o seu fabrico e fossem acoroçoados pelo incentivo da educação e dos gozos, que a acompanham; se bem que, no seu estado actual,

---

(1) « Os pais, diz Cardim, fallando dos indios, não têm cousa que mais amem, que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dos pais quanto quer.

Nenhum genero de castigo têm para os filhos, nem ha pai nem mãi que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos: em pequenos são obedientissimos a seus pais e mãis e todos muito amaveis e apraziveis.»

« O indio, diz o Sr. Gonçalves Dias, amava os filhos, dava-lhes toda a liberdade, não os castigava, não os ameaçava nem os intimidava nunca: pelo contrario os planos mais bem combinados eram deixados, as mais commodas habitações abandonadas pelos caprichos de um menino.»

isentos de toda a ambição, torne-se extremamente difficil chamal-os a outro caminho; por qualquer outro meio, que não seja a satisfação material dos mesmos gozos, a que elles aspiram.

Os *mundurucús* são inclinados ao commercio, não dispensam a lavoura, nem aborrecem o trabalho.

Os *maués*, pelo contrario, não apreciam uma nem outra destas cousas, embora as não encare com repugnancia.

Os *mundurucús* e *maués* estão relacionados com as tribus vizinhas e com os homens civilizados, que os procuram, a quem dão em troca das mercadorias, de que carecem, os productos que colhem ou preparam, como são: a borracha, a salsa, oleo de copahyba, guaraná, cravo, tabaco, breu, estopa, castanha, algodão e cumarú.

No lugar denominado *Boburé*, á margem esquerda do rio, ha um aldeamento de *mundurucús* já civilizados, que habitaram a margem opposta e foram obrigados a retirar-se dalli por causa dos indios *parintintins*, que constantemente os perseguiam.

As aguas do rio Tapajoz são de côr escura, mas em fundo de duas braças descobrem-se as arêas e os seixos da margem.

No porto de Santarém, isto é, na fóz do Tapajoz, a differença do nivel das aguas entre a baixa-mar e a prea-mar, é, termo médio, de 5^m,28. Na cheia extraordinaria de 1859 foi a differença de 6^m,30. (1)

A denominação do rio Tapajoz lhe provém dos indios assim denominados, que desceram outr'ora das possessões castelhanas no Alto Perú, e foram estabelecer-se na parte proximamente superior ao sitio, que hoje occupa a villa de Alter do Chão.

« Não entro aqui na questão sobre a origem dos Tapajoz, diz o Sr. Ferreira Penna, contento-me em dizer com Berredo, que eram oriundos das Indias Castelhanas, de que se haviam separado, retirando-se até á margem daquelle rio, onde viviam tranquillamente, negociando com outros povos que os iam procurar. »

« Estes sylvicolas, diz Baena, eram menos broncos e menos bravos infestadores que os outros indigenas, entre os quaes muito se abalisavam os *muturucús* (2) na valentia.

---

(1) Estas medidas tinham sido tomadas em tempo conveniente pelos Srs. Affonso Maugin Desincourt, engenheiro francez, e negociantes Souza & Silva.

Os engenheiros brazileiros Julião Honorato Corrêa de Miranda e Antonio Manoel Gonçalves Tocantins verificaram que a referida cheia elevára-se de 1^m,05 acima da prea-mar de 1870.

(2) Em 1773 os mundurucús (*muturucús*) assolaram todo o Tapajoz, com força armada, pondo em consternação seus pacificos habitantes.

Esta valente nação, que durante tres annos anteriores andava de victoria em victoria, sobre os indios que encontrava em

As ultimas hostilidades que elles praticaram nos povos do Tapajoz, ajudados de suas mulheres, foram em 1773; em cujo tempo tambem combateram o commandante da fortaleza da foz do rio, sem pavor do fogo que elle lhes fez por um largo espaço de tempo. »

Em 1622 entrou o capitão Pedro Teixeira neste rio a fazer resgates de escravos indigenas bravos, em companhia de um religioso capucho e á testa de 26 soldados e avultado numero de indios. (1)

Começaram em 1668 os padres da companhia a plantar aldêas neste rio e chegaram a administrar cinco.

Foram ellas: *Tapajoz* (hoje Santarém), *Arapiuns* (hoje Villa-Franca), *Borary* (hoje Alter do Chão), *Santo Ignacio* (hoje Boim), *S. José* (hoje Pinhel).

Em 1747 João de Souza de Azevedo desceu das terras septentrionaes de Mato Grosso pelo Sumidouro ao Arinos, no qual havia embocado com Paschoal Arruda em procura de ouro e voltando este seu companheiro para a capital da sua capitania, intentou ver se deparava com o mesmo metal em

---

seu caminho desde as margens do Madeira, expelliu ou reduziu os Tapajós, que em vão pediam soccorro contra os seus formidaveis conquistadores.

Os mundurucús, acompanhados de suas mulheres, que lhes preparavam as armas e provavelmente excitavam seus brios durante os combates, depois de se apossarem de numerosas aldêas, foram tambem medir-se com a guarnição de Santarém; atacando-a com denodo e resistindo por muito tempo ao vivo fogo, que contra elles se fazia.

Desenganados, e vendo que lhes era impossivel obter a victoria, resolveram retirar-se.

Algum tempo depois destes acontecimentos, tratou-se e conseguiu-se fazer a paz com esta bellicosa nação, que tão valente e corajosa se mostrou na guerra, quanto desde então se tem mostrado sincera e leal á paz e fiel na amizade aos povos civilizados. (REGIÃO OCCIDENTAL DA PROVINCIA DO PARÁ, pelo Sr. F. Penna.)

(1) «Encarrega o (governador e capitão general) ao capitão Pedro Teixeira resgates de escravos indigenas bravios para o trabalho material da capitania. Parte este capitão da cidade com um religioso capucho, vinte e seis soldados e avultado numero de indios. Chega á aldea dos *Tapuyusús*: sabe que estes têm trato com os indios Tapajós no rio, que delles extrahe o nome: endereça-se para lá; entra nelle obra de doze leguas, descobre em um sitio alcatifado de viçosa relva, amenisado por uma nascente de agua a mais crystallina e cercado de frondosas arvores, os Tapajós já noticiados desta visita pelos seus amigos Tapuyusús, a quem elle generosamente subornára. Acha benevolo acolhimento e um trato menos bronco, o qual, segundo as suas pesquizas, lhe pareceu verosimil terem-no adquirido nas possessões castelhanas, onde haviam estado. Detem-se alli pouco tempo; aquista algumas esteiras de palhinha e pacarás (pequenos bahús de madeira por dentro e palha por fóra) de gentil matiz e poucos escravos, porque os Tapajós raras vezes toleram o uso de se commutar homens por mercadorias. » (*Baena*—COMPENDIO DAS ERAS.)

outra paragem, e com este intento seguiu a undação do Arinos e entrou no Tapajoz, do qual se dirigiu á cidade do Pará em 1749, com o ouro achado.

O apparecimento deste homem provocou a curiosidade do governador do Pará, Francisco Pedro de Alencar Gurjão, para exigir delle noticias topographicas de Mato Grosso : e a esse fim foi chamado ao collegio jesuitico, onde disse tudo quanto sabia da materia e referiu que a descoberta das minas de Mato Grosso fôra praticada pelo sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu, no que se não mostrou cabalmente noticiado, porque o verdadeiro descobridor de Mato Grosso foi em 1734 o sorocabano Fernando Paes de Barros com seu irmão Arthur Paes; e o dito sargento-mór só viu o descoberto paiz em companhia do mencionado Fernando Paes, em consequencia de ser mandado pelo brigadeiro Antonio de Almeida Lara, regente de Cuyabá, a examinar o novo paiz.

Este mesmo Azevedo escreveu a 16 de Janeiro de 1752 uma memoria sobre o tratado de limites de 1750 entre as duas corôas do ultimo occidente da Europa, e deu-a ao governador do Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o qual a enviou para a côrte.

No seu importantissimo trabalho sobre o *Valle do Amazonas*, affirma o Sr. Dr. Tavares Bastos que o Tapajoz é *perfeitamente navegavel* desde Santarém na foz até á cachoeira denominada Itaituba, que fica cerca de 50 ou 60 leguas acima.

Não creio que seja absolutamente assim, nem em todo o tempo, nem para navios que demandem grande calado. Citarei em prova do que digo alguns factos ainda bem recentes.

Sabe-se que o pequeno vapor *Pará*, nos mezes de vazante, soffreu muito em sua navegação, chegando até a amolgar o casco.

Tambem é notorio, que em 1837, no tempo da *Cabanagem* a barca *Independencia* commandada pelo capitão tenente José Thomaz Sabino, e enviada pelo commandante da expedição ao Amazonas em serviço ao rio Tapajoz, teve de voltar de um lugar proximo á Villa Franca por falta d'agua (no mez de Setembro) E' testemunha deste facto, além de outros, o Sr. chefe de divisão Victorio José Barbosa da Lomba, que, como immediato daquella barca, teve de sondar o rio, a fim de ver se descobria maior fundo, o que não conseguiu. Achava-se a bordo um pratico, recebido em Santarêm, o qual declarou ao commandante que o lugar em que se achava a barca era o de maior fundo, e entretanto não era possivel a navegação.

Igualmente é sabido que ainda no tempo da cabanagem tendo a escuna *Rio da Prata*, durante a enchente, chegado até Itaituba, não pôde descer depois, conservando-se por alguns mezes em um poção.

Estes factos bastam para provar, que nem em todo o tempo e nem para todos os navios é o Tapajoz perfeitamente navegavel.

As cachoeiras mais conhecidas do rio Tapajoz são: Boburé —Apuy— Oroá — Tamanduá —Coatá — Furnas —Maranhão Grande—Maranhãozinho.

A cachoeira do Boburé é antes um baixio com muitas pedras soltas, e que estorva a passagem para canôas grandes.

A cachoeira do Apuy consta de tres bocas, por onde se atira o rio; uma na direcção da corrente, que é a maior e duas ao lado esquerdo, todas separadas por ilhas de pedra.(1)

O aspecto desta cachoeira e da do Coatá, segundo o Sr. Maugin Desincourt, é realmente admiravel e encantador, mórmente pela tarde, em que os raios do sol produzem effeitos magnificos sobre aquelles lugares; alli as aguas descendo em tumulto pelas cataratas, repousam logo em uma ampla bacia, represadas pelos rochedos do Coatá, que as circumdam.

A cachoeira do Coatá, segundo ainda o Sr. Maugin Desincourt, é uma das mais fortes e das mais difficeis de romper, pela violencia das aguas, que despenham-se de tres ordens de rochedos.

A cachoeira denominada Maranhão Grande é uma das maiores, offerecendo a cada momento imminente perigo. O rio rompe, rolando suas aguas tumultuosas com grande impeto através dos rochedos. As canôas pequenas, porém, evitam a cachoeira, passando por um canal estreito, á direita, escondido debaixo do mato, e que se chama por isso, *Saival*: em rio cheio formam se desse lado outros canaes, que tambem dão passagem.

A cachoeira Maranhãozinho está abaixo da antecedente e della separada por um grande estirão. Tem canal ao lado direito; é pouco alta e não consiste senão em lages á flôr da agua, represando o rio, e fazendo-o bramir com estrondo contra algumas ilhas de rocha.

Da parte superior da cachoeira do Apuy, começam as barracas dos seringueiros. Desde a cachoeira do Maranhãozinho até a do Boburé, acha-se o rio todo obstruido por grandes ilhas, que só deixam entre si pequenos intervallos, formando assim um verdadeiro labyrintho.

Na parte encachoeirada, diz a commissão exploradora, o rio alarga-se consideravelmente: grande numero de ilhas, semeadas aqui e alli, parecem fechar-lhe completamente o curso. Ahi encontrámos paredões de porphyro, á semelhança de muros e como se fossem feitos pela mão do homem. *Blocs* immensos de pedra, com arestas mais ou menos vivas, e entre estes um que mais chamou a nossa attenção pela fórma regular que affectava, de uma pyramide quadrangular. Informaram-nos que no leito de um corrego, nas proximidades da cachoeira do Coatá, algumas pessoas haviam tirado ouro... Asseveraram-nos que no rio *S. Manoel*, um dos maiores affluentes da margem direita do Tapajoz, alguns

---

(1) Ferreira Penna.

cuyabanos têm tirado ouro, e o Sr. Leverger fez-nos o favor de mostrar uma pequena porção, que havia comprado, tirada desse rio.

O Baixo Tapajoz, segundo ainda commissão que o explorou em 1871, apresenta aspectos variados e horizontes extremamente agradaveis. O volume de suas aguas é immenso e suas margens são orladas de praias extensas. As serras e collinas, que se avistam de uma e outra margem, dão ao rio o cunho de não vulgar belleza.

A principio não se encontram muitas ilhas, mas de *Brasilia-Legal* em diante, tornam-se mais numerosas, succedendo-se sem interrupção e estendendo-se em todas as direcções.

Do ponto *Boburé* a 8 milhas está o rio *Jauan-Xim*, acima do qual avista-se um grande estirão com ricos seringaes em uma e outra margem. Este ultimo rio, que tem tambem uma grande extensão encachoeirada e muitos seringaes, está sendo ultimamente explorado por trabalhadores, que alli vão estabelecer-se.

Dizem os indios que pelo *Jauan-Xim* póde-se ir a um outro rio mui largo, que provavelmente é o Xingú, e que em seu curso superior atravessa campinas, onde se encontra muito gado.

Cerca de 25 milhas abaixo da villa de Itaituba, encontram-se, á margem direita do Tapajoz, as ilhas do *Guaranazal* junto ao morro *Ipapixuna*, que é todo formado de pedras calcareas, cahindo sobre a praia e esboroado pela acção constante das aguas.

Estas pedras estão sendo ultimamente exploradas por um activo e intelligente negociante, que as manda buscar para calcinar em fornos construidos perto de Santarém, produzindo cal de qualidade superior.

Acima de Itaituba encontra-se a ponta conhecida pela denominação de—*Paredão*.

Cortado a prumo pela corrente do rio, é o Paredão uma extensa barreira toda de pedra calcarea, formando uma stratificação mais ou menos regular, distinguindo-se perfeitamente a separação de cada camada pela diversidade de côres, que apresenta. Tem a altura de 5^m, coberto de uma camada de terra vegetal pouco profunda. O calcareo cahe tambem sobre a praia em *blocs* enormes, incrustados de crystaes de aragonita, que a acção dissolvente das aguas deixa por fim a descoberta.

O rio Tapajoz, diz um distincto explorador, e ainda á franja d'agua, contém, além de pedras de amolar, uma rica pedreira de lagedos de cantaria (calcareo silicoso compacto), em tudo semelhante ao lagedo de Portugal.

E' este rio um dos mais ricos quanto aos productos naturaes, abundando extraordinariamente em suas margens a borracha, guaraná, castanhas, breu, estopa, cumarú e muitos outros productos. Existe tambem a salsa em grande abundancia, mas são poucos os que se dão á sua extracção. Em suas matas encontram-se ricas madeiras de construcção,

como entre outras, o páo d'arco e a muerapinima. Asseveram os que conhecem aquellas paragens, que alli se encontram extensas minas de calcareo, que abrangem uma área de muitas milhas quadradas ; e um negociante em Santarém, pessoa de muito criterio, affirmou á commissão que em 1871 explorou o Tapajoz, que na pedreira do *Ipá-pixuna* tem-se encontrado marmore.

O rio Tapajoz desagua no Amazonas por duas bocas, formando um grupo de varias ilhas.

Suas margens são povoadas por gente civilizada, encontrando-se nellas as seguintes povoações: Villa de Itaituba, Aveiros, Boim, Alter do Chão, Villa Franca, e a cidade de Santarém, que está assentada na foz.

A cidade de Santarém é uma das maiores povoações da provincia do Pará, e pela magnifica posição em que se acha collocada, á margem direita do Tapajoz, a 5 kilometros da juncção deste rio com o Amazonas, e em um terreno que desce com ligeiro declive de sul a norte, parece destinada a ser um dia o emporio de um grande commercio, que dará impulso á civilização no Tapajoz, rio de immensas riquezas e de grande população.

Foi primitivamente uma aldêa, occupada pelos indios Tapajós. (1)

Em 1694, em consequencia de receios de invasões estrangeiras, especialmente de francezes, que ameaçavam de Cayena entrar em conquista, mandou o governo portuguez estender fortificações por todos os pontos do Amazonas, onde pudesse havel-as. Manoel da Motta e Siqueira offereceu-se para, á sua custa, levantar as fortificações necessarias, com a condição porém, de ficar á sua disposição o commando dellas.

Foi pelo governo aceito o offerecimento, e Manoel da Motta e Siqueira, nomeado superintendente das fortificações, mandou logo levantar as que lhe foram indicadas pelo governador, entre as quaes a do Tapajoz, que em 1697 ficou concluida, sendo feita, diz o Sr. Ferreira Penna, de taipa de pilão, em fórma quadrada, com 22 braças de cada lado, tendo cada angulo um baluarte.

Com o estabelecimento da fortaleza cresceu e progrediu a aldêa de Tapajoz, ao passo que outras ficavam estacionarias ou decahiam. Achando-se os portuguezes fortificados na aldêa do Tapajoz, começaram a invadir os sertões, capturando os indios das tribus mais fracas e reduzindo-os á escravidão. Uma destas expedições, como já vimos, subiu em 1773 todo o Baixo Tapajoz, penetrou pelas cachoeiras e

---

(1) Junto á cidade de Santarém, e apenas separada por uma pequena campina, ha uma povoação, que não é mais do que um arrabalde da cidade, e que é talvez a unica reliquia que ficou dessa importante tribu. Em 1762 o bispo D. frei João José de Queiroz, na visita pastoral que fez á diocese, chegou até o rio Tapajoz e falla dessa tribu, como já tendo existido.

chegou a um rio desconhecido, que desde então se ficou chamando rio das Tropas.

Ahi travaram luta com os mundurucús, e depois de dous ou tres dias de combate, fugiram para a fortaleza, perseguidos pelos inimigos. Sabemos já que estes aceitaram a paz e voltaram para as suas tabas.

Em 1756 o capitão general Mendonça Furtado elevou a aldêa de Tapajoz á categoria de villa, com a denominação de Santarém, em virtude da carta régia de 6 de Junho de 1755, que mandava elevar á categoria de villas ou lugares segundo a sua importancia, todas as aldêas missionadas pelos jesuitas, ficando sujeitas á jurisdicção do ordinario.

Em 1848 foi-lhe conferido o titulo de cidade.

Fallando de Santarém, dizia em 1788 o bispo D. fr. Caetano Brandão, de saudosissima memoria (1).

« Esta villa é uma das melhores do Estado; compõe-se de moradores brancos e indios, 1.300 almas. As casas dos indios estão arruadas com muito boa ordem e asseio. E' terra abastada de peixe; serve de escala ás embarcações que descem do Rio Negro e Madeira. Tem alguns moradores abonados, cuja riqueza consiste principalmente em cacáo, que é o mais bem preparado de toda a capitania, juntamente com o das duas povoações vizinhas, Obidos e Alemquer.

O municipio de Santarém limita-se ao norte com Alemquer e com o de Monte Alegre, a leste tambem com Monte Alegre; a oeste com Villa Franca, e ao sul com Itaituba e com a provincia de Mato Grosso.

---

(1) Eis em muito resumidos traços a biographia desse illustre prelado da igreja paraense:

O Sr. D. fr. Caetano Brandão, religioso da ordem terceira de S. Francisco, dedicava-se ao pulpito e ao confissionario, professando em uma das cadeiras do seminario da cidade de Evora, quando foi sorprendido a 2 de Agosto de 1782 com o aviso de sua nomeação para bispo da diocese do Grão-Pará.

Tomou posse da sua igreja a 29 de Outubro de 1783 (tendo alli chegado a 20 do mesmo mez) por seu procurador o arcipreste Dr. José Monteiro de Noronha, fazendo a sua entrada solemne no 1.º de Novembro.

Em 1785 visitou, apezar de innumeras difficuldades, as igrejas e habitantes das villas do Beja, Conde, Macapá, Mazagão, Arraiollos, Esposende, Almeirim, Monte-Alegre, Porto de Moz, Gurupá, Melgaço; e dos lugares de Barcarena, Abaeté, Cajarí, Outeiro Villarinho do Monte e Carrazedo.

Fez uma segunda visita aos lugares abaixo da capital, e a terceira pelo Amazonas até Aveiro.

A 25 de Julho de 1787, pouco mais de tres annos depois de concebida a empreza, abriu-se o hospital da caridade da cidade de Belém, por elle mandado levantar, á custa de esmolas, « no lado occidental do lugar da Sé, á beira-mar », com a denominação de— hospital do Bom Jesus dos Pobres.

Eis o que ácerca, e cheio de jubilo, escrevia a um amigo o illustre e caridoso prelado:

O seu territorio, diz o Sr. F. Penna, na parte conhecida é pouco extenso, e offerece toda a variedade de accidentes physicos. Planicies, varzeas e campos nas ilhas e margens do Amazonas, muito apropriadas, não só para a producção do cacáo e outros vegetaes uteis, mas igualmente para a criação do gado vaccum e cavallar.

Terras altas, collinas, mesmo montanhas, ainda que pouco notaveis.

As collinas começam junto á cidade e prolongam-se para E. formando uma linha extensa e pouco curva, que vai terminar na ponta do Pacoval, á margem esquerda do rio Curuá, cujo nome tomou. Ellas apparecem tambem a O. S. O. proximo a um outro ponto da margem direita do Tapajós, mas como montes isolados; taes são os do Tapaciá, do Cururú e da Piroca.

Ao sul, e proximo da cidade as serras Panema e do Irurá, que dirigem-se para o sul com alguma inclinação a S. O. como que indicando de longe o valle do Tapajóz.

Nas serras goza-se de uma temperatura agradavel e as terras ahi e nos valles são de notavel fecundidade. Não succede, porém, assim na zona comprehendida entre os valles e as margens do Tapajós, desde a sua foz até Aveiro, por ser muito arenosa: ella não offerece grande vantagem á cultura, como o indica a vegetação acanhada e ás vezes rachitica, que mal cobre a sua superficie. (1)

Como Obidos, não são tão satisfactorias as condições hy-

« Estão os meus pobresinhos já na sua casa; e então que casa! Um palacio magnifico: tudo se acha aturdido de ver, que no Pará, terra pobre, e onde as obras encontram mil difficuldades, esta no espaço de tres annos chegasse a uma tal perfeição.

Bem dito Deus! Que elle só fez tudo: que enfermarias tão espaçosas e alegres, lavadas do vento, asseiadas, olhando de uma parte para uma grande praça, para onde tambem cahe a casa da minha residencia, da outra para o mar, sobre o qual tem duas varandas mui desabafadas e vistosas; as latrinas lavadas duas vezes no dia pela maré: a capellinha é a cousa mais delicada e perfeita, que ha em todo o Estado do Pará: importou tudo para cima de trinta mil cruzados, sem deitar conta a muitas esmolas; e ainda estão em ser os cinco, com que se deu principio á obra... Agora todos os meus passeios e divertimentos são naquella casa; e vos confesso que não tive ainda maior satisfação depois que estou no Pará, do que presentemente, quando vejo os meus pobresinhos tão consolados e livres da miseria em que gemiam: já me lembrou, se estiver doente, ir curar-me juntamente com elles, e lá morrer. »

A Providencia, porém, reservava-lhe outro destino, e a 17 de Agosto de 1789 teve de retirar-se para Portugal, por haver sido eleito a 28 de Abril do mesmo anno arcebispo de Braga.

O Sr. D. fr. Caetano Brandão, 6.º bispo da diocese do Grão-Pará, nasceu a 11 de Setembro de 1740, na freguezia de Loureiro, bispado do Porto.

(1) *Vid. a Região Occidental da provincia do Pará pelo Sr. F. Penna.*

gienicas de Santarém. Entretanto vão de dia em dia melhorando; e podem mesmo tornar-se excellentes com o abastecimento de agua potavel mais pura. E' do rio Tapajoz a de que fazem uso constante na cidade. No tempo da vasante é ella pura e crystallina; logo porém que a enchente começa, torna-se impura e impregnada de substancias organicas em decomposição.

Em frente á cidade, vê-se durante a enchente o rio coberto de camadas de lodo ou limo de côr amarello-verde, e que não são mais do que principios deleterios, substancias organicas em decomposição.

Nas immediações de Santarém, segundo o relatorio do Sr. conselheiro Brusque, lugares ha onde as intermittentes fazem horrorosos estragos. *Maicá, Urumanduba, Diamantina, Retiro, Tiningú e Murumurutuba* são as localidades habitadas, onde a morte parece que assentou seu grande laboratorio.

Todos estes pontos reunem condições as mais desfavoraveis á saude de seus habitantes, que descuidosos de si, concorrem tambem por seus habitos para maior intensidade dos males que os flagellam. Alli, no tempo da enchente do Amazonas, as aguas circulam as toscas e immundas palhoças em que vivem. Na época da vasante ficam as aguas estagnadas de envolta com substancias vegetaes e animaes em decomposição, formando milhares de fócos de infecção. E quando mais tarde, são mais intensos os raios solares e a evaporização tem feito desapparecer os lagos e pantanos, a agua que bebem esses homens negligentes, é a que extrahem de pequenas covas, que fazem naquelles lugares, que os pantanos occuparam! (1)

Além do abastecimento d'agua pura, a fim de tornar satisfactorias as condições hygienicas de Santarém, tambem devia ser removida a collina em que está assentada a velha fortaleza.

Essa collina é a causa do calor, ás vezes suffocante, que durante o dia reina na povoação, porque impede o livre curso aos ventos de E. que não chegam á cidade, senão quebrados e enfraquecidos. A camara municipal, concordando com a opinião do engenheiro que deu o plano da casa

---

(1) E' triste a vida que levam as familias que moram nos sitios á margem do Amazonas. Por occasião da enchente, crescem as aguas e inundam-lhes as palhoças. Pouco lhes importa isso; em vez de abandonarem a casa invadida pelas aguas e pela quantidade de animaes, que nellas vivem, levantam uma especie de girão, a que dão o nome de *maromba*, e ahi vivem emquanto dura a enchente. De cima da maromba pescam e quando não encontram peixe e a fome os aguilhôa, entram na montaria, que ahi está atada ao girão, e vão pelos igapós e terrenos alagados á cata de frutas silvestres para se alimentarem.

Faz dó contemplar o aspecto desses infelizes, que, entretanto, por cousa nenhuma consentem em deixar aquella vida!

da camara e cadêa, reconheceu a conveniencia de mandar construir esse edificio a E. da collina, fóra da cidade. Foi um meio de aconselhar os habitantes a procurarem de preferencia esta parte para ahi formarem suas habitações.

A população da comarca de Santarém, segundo o recenseamento de 1872, e antes de ser della desmembrado o territorio, que hoje constitue a comarca de Monte Alegre, era de 25.409 almas. Em 10.000 habitantes é calculada a população do municipio e em 2.000 a da cidade.

Segundo as resenhas que reputo muito deficientes e incompletas, diz o Sr. Ferreira Penna, colhidas pelos inspectores de quarteirão, o numero total dos habitantes do municipio era em 1869 de 4.847 individuos.

Tem o Sr. F. Penna razão em achar muito deficientes e incompletas aquellas resenhas. Em 1830, época em que a população era incontestavelmente menor, a estatistica achava para o municipio 5.255 moradores, e no relatorio que em 1862 apresentou o Sr. conselheiro Brusque, consta que a população do municipio de Santarém, era:

Em 1848.....	6.662	almas.
1849.....	6.883	»
1850.....	7.301	»
1854.....	7.894	»
1862.....	7.568	»

Funccionam actualmente na cidade de Santarém cinco escolas de instrucção primaria, além de um collegio particular, de instrucção primaria e secundaria. Das escolas, 4 são do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Estão matriculados naquellas 179 alumnos e nesta 72 alumnas, fazendo o total de 251.

Entre as escolas do sexo masculino, 2 são pagas pela provincia, uma é nocturna, paga pela municipalidade, e a terceira é particular. Nas duas escolas publicas estão matriculados 66 alumnos repartidamente; na particular 37 e na nocturna 72.

O collegio particular, sob a denominação de— Collegio de Nossa Senhora da Conceição— e habilmente dirigido pelo Sr. Fernando Felix Gomes, contava em Abril do anno proximo passado, quando pela primeira vez visitei-o, 28 alumnos internos, 5 meio pensionistas e 20 externos.

Funccionam alli as aulas de instrucção primaria, grammatica nacional, grammatica latina e franceza, historia e geographia, arithmetica, algebra, geometria e instrucção religiosa.

Santarém possue um periodico, denominado—*Baixo Amazonas*.

E' tambem Santarém a cabeça da vigararia geral do Baixo Amazonas. Foi creada pelo bispo do Pará, D. Romualdo de Souza Coelho, por provisão de 17 de Agosto de 1821.

Comprehendia nessa época 18 parochias, todas com o titulo de villas, tres missões e sete lugares.

Actualmente a comarca ecclesiastica do Baixo Amazonas comprehende 18 freguezias.

A igreja matriz, tendo por orago Nossa Senhora da Conceição, é um grande templo. Em um dos altares vê-se uma rica imagem do Senhor Crucificado, de ferro fundido e dourado, com oito palmos de comprimento. Em uma lamina de ferro, que acompanhava a dita imagem, lia-se esta inscripção:

« *O cavalheiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da* « *academia real das sciencias de Munich, fazendo de* 1817 *a* « 1820, *de ordem de Maximiliano José, rei da Baviera, uma* « *viagem scientifica pelo Brazil, e tendo sido aos* 18 *de Se-* « *tembro de* 1819 *salvo, por Misericordia Divina, do furor das* « *aguas do Amazonas, junto á villa de Santarém, mandou,* « *como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, eri-* « *gir este crucifixo nesta igreja de Nossa Senhora da Con-* « *ceição, no anno de* 1846. »

Ha actualmente em Santarém uma especie de colonia de americanos industriosos, que se têm estabelecido nas montanhas que circumdam a cidade e que muito têm concorrido para o desenvolvimento da agricultura.

Em geral são intelligentes, laboriosos e morigerados.

Os trabalhos feitos nos estabelecimentos dos Srs. Pitt Rhome e Rhik são dignos de ser vistos. Se continuarem a concorrer emigrantes nas condições dos que actualmente existem em Santarém, de certo que muito terão a ganhar a agricultura e a industria alli.

A cidade de Santarém parece ir caminhando em via de prosperidade. « Graças á sua vantajosa posição junto á confluencia dos dous grandes rios, diz o Sr. F. Penna, onde se constituem, por assim dizer, um centro de união mercantil entre as capitaes das tres grandes provincias do NO. a cidade de Santarém entretém um commercio activo com o porto de Belém, por intermedio dos vapores da companhia do Amazonas, com os districtos vizinhos que trazem a seu porto em pequenas canôas uma extraordinaria variedade de generos, e com Cuyabá, por meio de canôas especiaes, denominadas *igarités* e *ubás*, que annualmente descem das immediações do Diamantino, trazendo couros, pequenos diamantes e ouro em bruto, que trocam por sal, ferro, aço, polvora, chumbo, louça, vinhos e guaraná, com que elles regressam para os pontos de sua procedencia. »

A villa de Itaituba está situada á margem esquerda do Tapajoz, e é cabeça do municipio do mesmo nome.

Conta a villa para mais de 30 casas, sendo a maior parte dellas cobertas de telha e bem construidas. A igreja matriz achava-se em 1871 muito velha e arruinada, mas havia uma outra em construcção. Tem uma escola publica de meninos, que é pouco frequentada, e conta 8 casas de commercio, sendo 4 nacionaes e 4 estrangeiras.

O rendimento da collectoria, de Janeiro de 1870 a Junho de 1871, foi de 6:630$000.

As mercadorias são alli vendidas por preços extraordi-

narios, mórmente nas cachoeiras, onde os generos de primeira necessidade são comprados por preços exorbitantes, a capricho do vendedor. Assim, o preço da farinha regula de 8$000 a 12$000 o paneiro, e o pirarucú sêcco de 10$ a 18$000, e ás vezes a 20$000 a arroba.

Nas praias de Itaituba, além de grande variedade de seixos rolados de quartz, encontram-se, diz a commissão exploradora do Tapajoz em 1871, muitos fosseis pertencentes ao terreno carbonifero. Em uma barranca á margem esquerda, 3 milhas acima do Painim, encontrou a mesma commissão pequenas pedras mui brilhantes de sulfureto de ferro, enterradas em uma camada de schisto bastante molle, que formava a barranca, abrangendo uma pequena extensão. Uma milha abaixo do Painim existe uma ilha, que apresenta o aspecto de uma fortaleza, formada quasi toda de um só bloc de porphiro.

« Não ha no Pará, diz o Sr. Ferreira Penna, uma região tão rica de productos nativos como o municipio de Itaituba. Em *mineraes* é fama, e consta authenticamente, que no rio de S. Manoel, que, por equivoco, se tem denominado—Rio das Tres Barras—encontrou o celebre João de Souza Azevedo uma boa porção de ouro que elle trouxe ao Pará..... Nos *productos vegetaes* é que consiste principalmente a riqueza do municipio de Itaituba: basta mencionar os seguintes:

Castanhas da terra em grande quantidade—castanhas de sapucaia, cujos fructos apresentam muitas vezes dimensões colossaes— cumarú— puchury-mirim— borracha em abundancia—salsaparrilha, que é a de melhor qualidade que apparece no mercado do Pará..... O guaraná é o genero que tem alimentado o commercio da villa com Mato Grosso.»

Já em 1862 era muito importante o municipio de Itaituba, o que se deprehende pelos seguintes dados, apresentados á assembléa provincial do Pará pelo Sr. conselheiro Brusque:

« Existem (no municipio de Itaituba) 4 engenhos que produziram 200 frasqueiras de aguardente, movidos por animaes e com 32 braços empregados no serviço.

Os principaes artigos de producção agricola e industrial exportados do municipio foram os seguintes:

Breu, 114 arrobas.....	114$000
Café, 410 ditas.....	2.000$000
Cacáo, 600 ditas.....	2:400$000
Castanha, 120 alqueires.....	240$000
Cravo, 87 arrobas.....	582$000
Estopa, 65 ditas.....	65$000
Farinha, 350 alqueires.....	1:024$000
Gomma elastica, 5.220 arrobas....	8:640$000
Guaraná, 510 libras.....	2:400$000
Oleo de copahyba.....	240$000
Salsa, 450 arrobas.....	1:800$000

Existiam tambem 2 fazendas de criação de gado vaccum e cavallar e 295 de cultura de diversos productos.

Cerca de tresentas e tantas milhas distante da cidade de

Santarém e cento e tantas da villa de Itaituba, está situado á margem direita do Tapajoz o aldeamento do Bacabal onde já se acham reunidos cerca de oitocentos e tantos indigenas da tribu mundurucú.

Foi o aldeamento do Bacabal fundado pelos missionarios Fr. Pelino de Castro Valva e Fr. Antonino de Albano, depois de muitos soffrimentos e perigos.

A povoação de *Aveiros* está situada á margem direita do Tapajoz.

Data de 1781, mas acha-se hoje quasi abandonada e sem habitantes, por causa das *formigas de fogo*, que alli abundam.

Pouco acima de *Aveiros* fica a fóz do rio *Cupary*, tão preconizado e famoso, diz o Sr. Ferreira Penna, por suas terras de prodigiosa fertilidade e por alguns productos mineraes de importancia, taes como o gesso, o amiantho, pedras calcareas, etc.

A freguezia de *Boim*, á margem esquerda do Tapajoz, teve por origem, com a denominação de Santo Ignacio, uma aldêa de indios, missionada pelos padres jesuitas. Em 1758 foi elevada á categoria de villa, com o nome que ainda hoje tem. Em 1833 perdeu o titulo de villa, conservando apenas o de freguezia.

Hoje é uma povoação quasi extincta.

Alter do Chão é tambem outra povoação que se está a extinguir.

Villa-Franca, a antiga aldêa dos Arapiuns, foi primitivamente uma aldêa dos jesuitas, que alli se conservaram até 1757, época em que foi ella, com a denominação que hoje tem, elevada á categoria de villa.

Está situada sobre um terreno plano e secco, e passa por ser uma das mais saudaveis povoações das duas comarcas do Baixo-Amazonas.

Entretanto, e apezar das condições hygienicas tão favoraveis de que está cercada, sem pantanos e igapós que lhe viciem o ar, varrida por ventos constantes de leste, tambem Villa-Franca se acha em completa decadencia.

— Isto está a acabar! diziam em 1869 ao Sr. F. Penna alguns moradores, com certa tristeza e resignação, annunciando uma verdade que ahi estava bem patente a todos os olhos.

Não sei, pois, que máo fado acompanha e persegue estas povoações do Tapajoz: á excepção de Itaituba, todas as outras estão, umas mortas e outras caminhando para sorte igual.

Em tempos passados, tinha a villa para mais de 2.000 almas; em 1869 apenas tinha 143; hoje talvez não tenha 50. A escola publica é frequentada por uns 8 ou 10 meninos.

A velha matriz, levantada pelos jesuitas, cahiu em ruinas, mas os habitantes tentaram levantar um outro templo, que vai em bom andamento.

O municipio de Villa-Franca limita-se: ao norte, com os de Obidos e Santarém; ao sul, com o de Itaituba; a leste, com o de Santarém; e ao oeste, com o de Obidos.

Comprehende algumas serras, que se acham ao longo e

proximas á parte superior do Lago Grande e do Salé, taes como as do Curumucury, Igarapeuassú, Piraquara ou S. Sebastião e Aracury, e a do Axicará a O., proxima á margem esquerda do rio Arapiúm.

Dizem que acima das cachoeiras do Arapiúm ha algumas serras muito notaveis.

O rio Arapiúm, confluente do Tapajoz e quasi tão largo como elle, é ainda desconhecido na maior parte do seu curso.

No Lago Grande, e perto de Villa-Franca, houve outr'ora um importante *pesqueiro*, creado pelo governador e capitão-general do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Souza e Albuquerque, em virtude da provisão régia de 28 de Julho de 1783.

Foi em seu começo entregue á direcção de particulares, mediante certa renda, passando mais tarde a ser administrado por conta da fazenda nacional.

Hoje desse importante estabelecimento só resta o terreno.

II.

Na distancia de 14 leguas a baixo de Santarém, lança-se o *Curuá* na margem direita do Amazonas, logo acima das barreiras de *Cuçary*, que orlam o Amazonas desde este ponto até as proximidades de Monte-Alegre.

Nas terras que margêam o Curuá abundam differentes productos naturaes, distinguindo-se entre elles o cravo, a salsa, o oleo de copahyba, cumarú, castanha, breu, e dizem alguns que tambem alli se encontram guaranaseiros e seringueiras.

A villa de Monte-Alegre, a antiga aldêa de *Gurupatuba* ou *Curupatuba*, fundada pelo padre Manoel da Costa, da companhia de Jesus, acha-se a 60 milhas, pouco mais ou menos, de distancia abaixo de Santarém, de cuja comarca fazia parte até 1873.

Hoje, porém, é ella cabeça da comarca de Monte-Alegre, creada pela lei provincial de 5 de Agosto de 1873.

Os limites da nova comarca são os seguintes:

—Pelo lado de Santarém tem por divisas o rio *Piracaba*, á margem esquerda, e o *Curuá*, á margem direita; pelo lado de Porto de Moz, tem por divisas o rio *Paracuará*, á margem esquerda, e o *Guajará*, á margem direita.

Desde 1758 que a antiga aldêa de Gurupatuba acha-se elevada á categoria de villa com a denominação de Monte-Alegre.

Para se chegar á villa de Monte-Alegre, deixa-se o Amazonas em frente da ilha do Frechal, e entra-se pelo Paranámirim, até encontrar o rio Gurupatuba; e subindo-se um pouco por este, chega-se ao porto da villa, que lhe fica na margem esquerda, a seis milhas de distancia da foz.

O rio Gurupatuba parece vir dos montes da Guyana. O Sr. Ferreira Penna, porém, suppõe que não passa elle de um desaguadouro dos rios Maycurú, Ereré, Paytuna e do lago de Monte-Alegre, de onde sahe por duas correntes, que se reunem, uma só com o nome de Cururuhy, e recebendo á esquerda o igarapé-Apara, toma então o nome de Gurupatuba e vai dahi para o norte, sempre largo, com 300 a 400 metros.

No porto da villa tem elle 260 metros de largura e fundo sufficiente para qualquer navio.

E' habitado, na parte inferior, por alguns sitios e fazendas de cultura e de criação.

As producções naturaes das terras que lhe ficam á margem são: castanha, cacáo, oleo de copahyba e estopa.

Tambem encontra-se nas suas margens excellente pedra conhecida pelo nome de *pedra de amolar* e que serve para edificação.

O Porto de Monte-Alegre constitue uma povoação á parte, ficando distante da villa pouco menos de meia milha. Para chegar a esta é necessario atravessar um largo areal e subir uma ladeira incommoda e areenta, sem uma só casa, completamente descampada, que vai quasi em linha recta até o alto de uma chapada, onde está ella situada.

Felizmente, em meio da ladeira, e á beira do caminho, encontram-se duas fontes de excellente agua, e ao aproximar da villa, estreita-se o caminho e arvores copadas, que crescem de um e outro lado, alentam, com a sua sombra, o transeunte fatigado.

A povoação do porto compõe-se de uma linha de casas, que corre de S. a N., da praia para cima até o começo da ladeira, e de outra linha de casas, que olham para o rio e um pouco afastadas da margem.

Em consequencia do largo areal sobre que está assentada a povoação, a temperatura é ahi bastante elevada, apezar da viração, que constantemente sopra das 10 horas da manhã ás 5 da tarde. As primeiras horas da noite são por demais calmosas, tornando-se ainda mais sensivel a elevação da temperatura, por serem os moradores obrigados ou a terem fechadas as casas, logo ao escurecer, para se livrarem das nuvens de carapanãs (mosquitos) que invadem a povoação, ou a accenderem diante das portas fogueiras, para afugentarem com a fumaça a maldita praga.

As manhãs, porém, são frescas e muito agradaveis.

A algumas braças da povoação correm perennemente dous jorros d'agua crystallina, que descem da collina, que fica proxima, e que são um verdadeiro refrigerio para essa pobre gente. Uma das bicas, cahindo constantemente sobre uma grande lage, que fica ao sopé da collina, cavou como uma especie de bacia ou tanque natural.

A temperatura das duas bicas, apenas distantes uma da outra de 50 a 60 palmos, e cahindo da mesma altura, é desigual: em uma, é baixa; na outra, é mais elevada.

Alli é que vão frequentemente retemperar as forças, ex-

haustas pelo calor, que o areal reflecte, os moradores da povoação.

Chamam a esse sitio—Jacuara.

Um pouco além, e tambem em um sitio extremamente pittoresco, sombreado por denso e copado arvoredo, existem duas excellentes fontes de agua ferrea, e que fornecem magnificos banhos.

Além do incommodo que soffrem os moradores do porto com a elevação da temperatura, occasionada pelo areal, lutam com outro ainda maior e mais serio e perigoso em suas consequencias.

Muitas vezes, durante o inverno, no tempo das chuvas copiosas e prolongadas, e quando descansam das fadigas do dia, são acordados em sobresalto pelo ruido assustador das aguas, que, formando caudalosos rios, e arrastando comsigo enorme quantidade de arêa, descem da villa, ameaçadoras, rugindo, invadindo as casas e pondo em imminente risco a estas e aos moradores.

Desse diluvio de nova especie me fallaram todos com verdadeiro terror.

« Estas enchurradas monstruosos, diz o Sr. Ferreira Penna, descem em massa, arrastando terras e arêas pela ladeira abaixo, e vêm depositai-as á beira do Gurupatuba, onde está o porto da villa.

« Já essas arêas têm aterrado uma boa parte do pantano e é sobre esse aterro que estão as casas.

« Mas, como as arêas que agora chegam do alto vêm direito sobre os fundos das casas, e os moradores não querem ver derribadas ou entulhadas as suas propriedades, estudaram os meios de evitar esse perigo e de aterrar novos pantanos, onde possam edificar, e acharam logo esse meio, duplamente util, o qual consiste em fazer na boca da estrada, que vem da villa, uma excavação do lado oriental, dando por ahi passagem ás enchurradas, que logo cahirão no igapó desse lado. »

Essa obra fez-se; a camara municipal mandou abrir uma excavação, ou antes uma valla profunda, a fim de encaminhar por alli as enchurradas, que ameaçavam a povoação do porto. Encarregaram-se, porém, ellas de inutilisar a obra, acarretando para alli montões de arêa, que distruiram o trabalho feito.

E as aguas continuam de novo pelo caminho, que primeiramente seguiam.

Ao governo provincial cumpre tomar serias medidas, de modo a conjurar qualquer catastrophe. Em um bello dia, as enchurradas, lançando-se com violencia, levarão por diante as pobres casas, já meio arruinadas e mal seguras.

Na povoação do porto de Monte-Alegre houve já uma fabrica de serrar madeira para o arsenal de marinha do Pará, e cujos vestigios ainda eram vistos até bem pouco tempo.

A villa de Monte-Alegre fica no alto de uma chapada, cerca de 200 metros acima do nivel commum das aguas.

Forma uma especie de praça, em cujos lados se acham as casas e no centro o bello e magestoso edificio da matriz, con-

cluida em 1872 e que é, sem duvida, o maior e mais imponente templo do Amazonas.

Foi começado em 1818, á custa dos particulares e das esmolas do povo, por iniciativa do coronel Aniceto Francisco Malcher, o qual, fallecendo em 1831, deixou-o por concluir. Em 1869 mandou-o terminar a assembléa provincial, votando para semelhante obra uma minguada subvenção. (1)

---

(1) Diversas pessoas de Monte-Alegre, e entre ellas o illustrado juiz de direito Dr. Francisco Mendes Pereira, e o velho e respeitavel tenente coronel Antonio Malcher, referiram-me o seguinte facto, bem curioso, e que aqui consigno sem commentarios:

— Ha quasi 60 annos foram lançados os alicerces da matriz.

Como era costume, e ainda o é em alguns lugares, de todos os pontos pressuroso acudia o povo a auxiliar a obra com o contingente do seu trabalho.

As mulheres eram as que mais empenhadas se mostravam, carregando pedras, barro, arêa, etc. para a obra, que crescia.

Não era um trabalho, era uma festa.

Entre todas, porém, nenhuma trabalhava com mais dedicação e alegria do que uma tapuia de nome Flora, e que já nesse tempo devia ter de 35 a 40 annos de idade.

Entretanto, em virtude de circumstancias que se deram, a obra que, sob tão bons auspicios, havia começado, teve de parar.

E Flora retirou-se para o sitio, declarando que não havia de morrer sem ouvir a primeira missa celebrada naquelle templo, para cujo levantamento de tão bom grado se prestára.

Passaram-se os annos; de quando em vez appareciam algumas tentativas para a continuação do templo, cujas paredes iam pouco a pouco subindo.

E Flora continuava a dizer que não morreria, em quanto alli não ouvisse a primeira missa.

Mas a obra da igreja continuava parada, e os annos iam cada vez mais envelhecendo e alquebrando a velha tapuia.

Ninguem acreditava que realizasse ella o seu desejo; ninguem excepto ella.

Finalmente, a assembléa provincial do Pará resolveu-se a auxiliar a terminação da obra, e o activo emprezario, o Sr. capitão João Valente do Couto, que della se havia incumbido, começou a cumprir seriamente o compromisso de que se havia incumbido.

A igreja progredia.

De quando em vez ao emprezario, —que m'o referiu—se dirigia Flora, pedindo-lhe que apressasse a conclusão do templo, porque já não podia ella supportar a existencia miseravel que arrastava.

Em Dezembro de 1872 concluiu-se a matriz, e nesse mesmo mez foi ella solemnemente consagrada.

Flora ouviu, segundo desejava, a primeira missa alli celebrada. O prazer lhe irradiava na fronte enrugada, e já pendida para o chão.

O Sr. capitão Valente lhe havia mandado uma vela enfeitada, e Flora ouviu de joelhos a missa, sustentando a vela accesa.

No dia seguinte retirou-se para o sitio, e dous dias depois, com a satisfação e a tranquillidade dos justos, entregava, como o velho Simeão, a alma ao Creador.

E' o unico monumento do Amazonas, diz o Sr. Ferreira Penna, que representa pela arte o que este grande rio representa pela natureza.

O interior, porém, da matriz impressionou-me desagradavelmente; não está em harmonia com a magestade do exterior. E' um vastissimo templo, sem architectura, sem ornatos de especie alguma. Não se vê alli a magestade dos templos catholicos, ha sómente a grandeza do edificio.

Muito entretanto fez o emprezario, com os poucos recursos, que lhe deram.

« Tudo quanto ha de grandioso e bello nas margens e immediações do Amazonas, diz o Sr. Ferreira Penna, resume-se no risonho quadro que do alto da esplanada, em que está assentada a villa, se desenvolve ante os olhos do homem.

« O volume colossal da montanha Tauajury, que se levanta ao norte da villa; a serra do Ereré ao occidente, com sua fachada escabrosa quasi a prumo do lado do norte; o serro Maxirá e o Monte Grande, que se erguem do meio do campo como gigantescas torres conicas, e o serro Paraizo, que é o mais occidental; a vasta planicie, cortada pelo Amazonas, e a longinqua linha de montes do Curuá, que mal se desenham no horizonte do lado do sul; todos estes objectos, de fórmas e aspectos variados, constituem um magnifico panorama, o mais bello painel da natureza, que é permittido admirar-se nas duas provincias brazileiras do Amazonas. »

Eis tambem o que ácerca de Monte-Alegre escrevia o bispo D. frei Caetano Brandão:

« Acha-se a villa de Monte-Alegre situada sobre um alto monte, de onde se descortina, por todas as partes, variedades de objectos summamente apreciaveis; porém nada recreia tanto como o espaçoso e dilatado campo, que se vê correr ao longo do rio Amazonas, retalhado por differentes lagos e arvoredos, formando a perspectiva de uma enfiada de quintas dispostas na mais bella ordem. »

E' admiravel o espectaculo que se avista para todos os lados do cimo da villa. O Amazonas, desaffrontado das muitas ilhas, que o assoberbam de Monte-Alegre para baixo, parece mais um mar interior do que um rio; porém as suas margens offerecem alli signaes de maior devastação; as correntes furiosas arrancam-lhe pedaços de barreiras enormes e arvores agigantadas.

Monte-Alegre não é sómente um lugar alegre e enriquecido de panoramas graciosos; é sobretudo importante, diz o Sr. Ferreira Penna, por sua temperatura menos elevada do que em qualquer outro ponto do Amazonas, por sua atmosphera pura, por sua salubridade em fim, concorrendo muito para isto a pureza de suas aguas nativas, circumstancia tanto mais preciosa, quanto é isto um phenomeno raro nas margens do grande rio.

A população da villa, incluindo a povoação do porto, não vai actualmente além de 500 a 600 almas.

A instrucção primaria é dada em duas escolas publicas, uma para meninos e outra para meninas. Ha mais uma escola particular para meninos. Além destas, ha ainda pelos sitios, nos pequenos nucleos de povoação, algumas escolas particulares.

A tres leguas de distancia, pouco mais ou menos, da villa de Monte-Alegre está situada a nova freguezia do Ereré.

Possue uma pequena capella, que lhe serve de matriz, dedicada a Santo Antonio, a qual foi edificada em 1866, por D. Manoel Onety, distincto cavalheiro hespanhol, que reside em Monte-Alegre, com o concurso dos habitantes do lugar.

Aos esforços de D. Manoel Onety muito deve a freguezia do Ereré. (1)

---

(1) Referiu-me D. Manoel a circumstancia que dera lugar ao levantamento da capellinha.

« —Um dia, disse-me, achava-me em casa, quando fui procurado por uma velha tapuia.

Vinha pedir-me dinheiro para auxilial-a na festa que pretendia fazer no *Ereré*.

Nesse tempo o Ereré era pouco mais do que um sitio, e pouco menos que uma povoação.

Algumas pequenas casas de palha, espalhadas aqui e alli, e nada mais.

Satisfiz o pedido da velha tapuia, e por ella fui convidado a assistir á festa.

Não quiz recusar; aceitei o convite.

No dia aprazado alli me apresentei. Levaram-me á *igreja*, que era uma palhoça como as outras, onde haviam levantado uma especie de altar, no qual se achava collocada uma pequena imagem de Santo Antonio.

Segundo a tradição, esta pequena imagem pertencêra aos jesuitas.

A festa consistia em uma ladainha, cantada por tres individuos de joelhos no altar, e acompanhada por todo o povo.

Nunca vi em parte alguma acto religioso celebrado com mais respeito, com mais acatamento e devoção.

Fiquei agradavelmente impressionado.

Na manhã do dia seguinte, quando me dispunha a partir, fui convidado para assistir á missa.

— Como! veio então o vigario?

— Não.

— Quem então diz a missa?

— Nós.

— Como nós?

— Nós! responderam-me com a maior seriedade.

Quiz assistir a essa *missa* de nova especie e esperei.

A's 10 horas, um tiro e um rufar de caixas annunciaram que era chegado o momento.

Dirigi-me á igreja.

Era a mesma ladainha da vespera, entoada apenas por dous individuos e respondida pelo povo.

E sempre o mesmo respeito, o mesmo recolhimento, a mesma devoção.

Conta a povoação apenas umas 20 casas de palha, calculando-se a população, espalhada pelos sitios, em 300 almas, pouco mais ou menos.

Occupam-se os moradores na caça ou na pesca. A lavoura é alli quasi desconhecida. Costumam alguns tingir as roupas com uma decocção de *muruxi* (1), porque assim fazem-nas mais duradouras, sentindo menos a acção do tempo.

O rio Ereré, que deu o nome á freguezia, separa-a da villa de Monte-Alegre. (2)

Em meio da ladainha leu-se a lista dos novos mesarios. O meu nome vinha como juiz.

Vi que o espirito religioso predominava naquella gente; a piedade com que assistiram ás ladainhas me havia commovido.

Aceitei o juizado, e em vez de uma palhoça velha e acanhada, procurei levantar-lhes um templo, pequeno, é verdade, mas onde se pudessem dignamente celebrar os mysterios santos da religião de meus pais. »

D. Manoel Onety é um cavalheiro, que já representou papel importante na sociedade, pela posição eminente que occupava e pela avultada riqueza que possuia.

Os vaivens da fortuna, que fizerão-no perder quanto possuia, atiraram-no em Monte-Alegre, onde vive em meio da familia, que é hoje o seu unico consolo nas amarguras por que tem passado.

Parece resignado, mas só Deus poderá saber quanta magoa lhe irá dentro n'alma!

D. Manoel é o amigo e a providencia de todos os viajantes que chegam a Monte-Alegre.

(1) E' o nome de uma arvore de cuja casca extrahe-se tinta.

(2) Os habitantes da villa de Monte-Alegre têm nos campos do Maycurú, além do Ereré, suas fazendas em terra firme e nas varzeas, ficando centros tanto de criação como de cultura entre aquelles dous rios.

E' desse lado que está a riqueza principal do municipio.

A necessidade de visitarem a miudo suas fazendas obriga os proprietarios a atravessarem o Ereré em canôa, que algum morador vizinho deixa no porto chamado *Passagem-grande*, mas que não póde ficar alli á disposição do publico.

Disto resulta, como é facil prever, que frequentemente algum morador da villa, chegando ao lugar e não achando canôa, regressa para a villa, ou atira-se com seu cavallo ao rio, para ganhar a margem opposta.

Mas este expediente tem seus perigos, pois que, além dos jacarés audaciosos que atacam a pessoas de pouca idade, ha nesse rio *puraquês* em quantidade prodigiosa, que em certas estações atacam os animaes com sua formidavel bateria electrica até derrubal-os, havendo exemplo de igual ataque a pessoas que se atiram ao rio.

N'um lugar como esse, em que passam diariamente 10 a 20 pessoas, além de outras que, na incerteza de achar canôas, dão uma grande volta, procurando a cachoeira do Ereré, torna-se indispensavel uma ponte que facilite a passagem tanto a pessoas a pé ou a cavallo, como aos carros de roça, que giram nessa estrada.

O rio tem alli 40 braças de largura; ha muita pedra perto da margem, quando se queira construir a ponte com esse material, e

Possue a freguezia uma escola publica do sexo masculino creada ultimamente, e na qual estão matriculados 25 alumnos, sendo porém de 20 a 22 a frequencia regular.

Não só nos terrenos vizinhos da freguezia do Ereré como nos da villa de Monte-Alegre, vegeta em abundancia o anil com que tingem os habitantes suas rêdes.

Essa cultura que já tão bons resultados deu e podia continuar a dal-os, acha-se de todo abandonada no valle do Amazonas.

Do mesmo modo a industria das cuias, outr'ora tão vulgar em Monte-Alegre e da qual auferia grandes lucros vai cahindo em abandono.

De um lado da serra do Ereré encontra o viajante admirado uma gruta em fórma de templo. A entrada é larga como se o frontispicio houvera cahido. O interior da gruta é lugubre e sombrio, ou antes infunde não sei que tristeza e melancolia inexplicaveis; sente-se ahi como uma pressão como uma especie de mão pesada que se nos pousa n'alma. Parece que se está em um desses antigos templos subterraneos em que os primeiros christãos perseguidos e foragidos, occultavam aos olhos do paganismo a celebração dos mysterios da nova religião. Parece que alli respiraram milhares de peitos em uma mesma prece e que a voz sonora do sacerdote ainda echa nas abobadas humidas daquelle templo.

Depois, a illusão pouco a pouco se dissipa e o visitante apenas encontra naquelle chão molhado os vestigios dos animaes que alli habitam e nuvens de morcegos, que açoitam o ar, espantados pelo ruido dos passos e pelo écho da voz dos visitantes.

No fundo da gruta, que é do tamanho de uma igreja pequena, vê-se uma especie de altar, onde está um como nicho semelhante a esses presepes, em que se colloca o Menino Deus nas nossas tão poeticas festas do Natal.

As paredes são de um azul e branco listrado de rôxo, que agradam á vista. Do lado direito, ao entrar, ha no alto d

---

não faltam madeiras, quando estas sejam preferidas para a obra.

Em qualquer dos casos, a obra não ha de ser muito dispendiosa o publico a reclama, a necessidade publica a exige.

Convem, pois, que a illustrada assembléa autorize a presidencia a mandar fazer essa obra de reconhecida utilidade publica e de necessidade para o commercio e industria do municipio.

Demais, ha junto á serra do Ereré, pouco adiante da *Passagem-grande*, uma pequena povoação com sua capella muito aceadinha, numerosas casinhas e muitas plantações. E' um nucleo de população que promette tomar desenvolvimento rapido por seu clima fresco e saudavel, pela proximidade da serra onde ha aguas sulfurosas, muito proveitosas para certas enfermidades, e em fim pela festa annual, que alli se tem ultimamente celebrado em honra de Santo Antonio, padroeiro da capella. *(Isto escrevia o Sr. F. Penna em 1868, e entretanto a obra indispensavel da ponte ainda se não fez!)*

parede uma grande abertura, que dizem os antigos habitantes de Monte-Alegre ter sido o corredor subterraneo, onde se refugiaram em 1835, na revolta da Cabanagem, os que queriam escapar á sanha dos insurgidos. Alguns curiosos, transpondo essa abertura, são obrigados a recuar immediatamente, porque é tal a escuridão que a vista nada distingue, como apaga-se a luz pela rarefacção do ar e pelas azas de legiões de morcegos, que alli esvoaçam. Dizem que esse corredor dava sahida por um alçapão praticado na rocha e hoje inteiramente desconhecido. Ha oito annos morreu cego um preto velho, contemporaneo e testemunha desses luctuosos acontecimentos, o qual contava esses promenores sobre o corredor subterraneo, acrescentando que, se não estivera cego, ainda acertaria com o alçapão.

Em uma rocha que faz frente para a estrada está esculpida a imagem do sol e em outra a da lua.

E' deslumbrante a vista que offerece a serra do Ereré. Parece uma cidade fantastica em ruinas. Rochedos colossaes que ameaçam as nuvens, semelham castellos derrocados por alguma convulsão do solo. Ao vel-as assim, quasi que se acredita que aquellas rochas meio inclinadas vão despenhar-se sobre o viajante que as contempla e esmagal-o em sua curiosidade.

Na distancia de 40 milhas pouco mais ou menos abaixo de Monte-Alegre, fica a freguezia da *Prainha*.

Esta freguezia, outr'ora denominada *Outeiro* e primitivamente aldêa de *Urubú-cuara*, foi missionada pelos padres de Santo Antonio, da provincia da Extremadura.

Acha-se situada á margem esquerda do Amazonas, fronteira ao rio *Uruará*, para onde foi transferida em 1830.

O rio *Uruara*, que deste ponto vai surgir nas barreiras denominadas do *Cuçary* por defronte de Monte-Alegre, é todo cheio de lagos e igarapés mui ferteis, com terrras boas para a lavoura, mui ricas de caça e de toda a especie de madeiras. Tem grandes castanhaes e produzem tambem ellas estopa, breu, cravo, oleo de copahyba e salsaparrilha. Tambem nellas vêm com a maior espontaneidade o café, cacáo, tabaco, algodão, mandioca, milho, feijão, etc.

A freguezia da *Prainha* vai em crescente decadencia, e contrista a alma do viajante o espectaculo que apresenta essa tão antiga povoação, digna sem duvida de melhor sorte.

As casas, em sua quasi totalidade, apresentam um aspecto ruinoso ou de imminente desmoronamento, entretanto que a mata proxima e por assim dizer invadindo a povoação e as trepadeiras cobrindo o tecto das casas, denunciam ao viajante admirado a incuria e o deleixo dos habitantes.

A causa primordial de todos esses males, dessa decadencia lamentavel ou antes dessa morte a que parece condemnada aquella localidade, é sem duvida a peregrinação que a maior parte da população faz todos os annos para os sezonaticos e

mortiferos seringaes dos rios *Jary* e *Tamatahy* (1), onde vai á extracção da borracha, seduzida por fabulosos e imaginarios lucros, voltando mezes depois pobre, carregada de dividas e cheia de enfermidades adquiridas nesses lugares pa-

---

(1) O *Jary* nasce na Guyana Brazileira e corre de N. a S. a lançar-se no Amazonas. E' navegavel durante mais de 30 leguas, seguindo-se depois as cachoeiras. As margens são baixas e alagadiças em geral na parte navegavel, e montanhosas na parte média e superior.

Nestas ha as tribus seguintes: Cuceaxim, Uacupi, Oyapi (com a qual foi fundada em 1839 a povoação, hoje em ruinas, denominada *Tujujú-maitá*), Japuruhy, Atamancum e Arenaibú.

Estas duas utimas tribus vivem concentradas nas matas.

Os productos naturaes das margens e matas deste rio são: borracha, salsaparrilha em abundancia, cacáo, castanha, cumarú, cravo, breu e baunilha.

« O rio Jary, diz o Sr. Ferreira Penna, é talvez o maior tributario da margem esquerda do Amazonas, desde o Trombetas até o Oceano. Suas varzeas encerram enorme quantidade de seringueiras, e as collinas e terras altas estão cobertas de castanheiras.

« São os productos destes dous vegetaes, que constituem a riqueza do rio Jary, attrahindo em cada verão annualmente para suas margens cerca de cinco mil pessoas.

« Não tenho informações sufficientes sobre o curso médio e superior deste rio, continúa ainda o Sr. Ferreira Penna, sabendo apenas que acima das cachoeiras ha riquissimos castanhaes. »

Os rios *Cajary* e *Anauerapucú* correm parallelos ao rio Jary.

O curso do Cajary é pouco extenso, mas contém em suas margens productos iguaes aos do Jary.

O *Anauerapucú* desce das montanhas da Guyana para o Amazonas. O seu curso é mais limitado que o do Jary.

E' navegavel em pequena extensão.

Tornou-se mais conhecido pelo nome de rio Villa-Nova, desde que, pouco acima da barra, foi em meiados do seculo passado fundada em suas margens a villa Vistosa, de que não restam vestigios, como tantas outras.

E' habitado, acima das cachoeiras, pelos indios *Parixys* e por outras tribus desconhecidas.

As suas producções naturaes constam de salsaparrilha em abundancia, muita borracha, oleo de copahyba, cravo, breu, estopa e castanha, bem como excellentes madeiras de construcção.

O rio *Tamatahy*, na foz, é feio e muito estreito.

Para chegar á confluencia do Tamatahy é necessario navegar pelo rio Urúará, talvez por espaço de tres milhas, desde a sua foz.

Durante o tempo da cheia, fica o Tamatahy atulhado de barrancos, que tornam a viagem trabalhosa ; navegando-se porém um pouco acima, encontra-se um lago ou antes uma grande bacia, que lhe dá exactamente a figura de um funil. Deste lago toma o rio uma direcção opposta á que traz da foz ; fórma uma grande curva, que tem o inconveniente de demorar a viagem, inconveniente que os moradores do Tamatahy destruiram, com a abertura de um canal, terminado em principios de Dezembro de 1867.

ludosos, mephiticos e insalubres... e entretanto não desilludida!

E tanto é mais censuravel e reprehensivel essa annual peregrinação dos habitantes da Prainha para os seringaes, quanto é certo que as ferteis campinas que a circumdam, muito apropriadas para a criação, existem cobertas de grandes rebanhos de gado vaccum, cujo numero se eleva de 14 a 16.000 cabeças.

Entretanto, apezar dos recursos que alli ha para a criação do gado e do subido lucro, que esta industria deixa aos criadores, ainda assim a seringa lhe é preferida.

A lavoura parece ser alli completamente abandonada e desconhecida, posto que o terreno seja em extremo fertil.

Entre a Prainha e Monte-Alegre existio outr'ora uma estrada, que hoje se acha no mais completo abandono e de todo intransitavel.

Na distancia de 15 leguas pouco mais ou menos abaixo da Prainha e 5 a 6 acima de Almeirim, ergue-se na margem esquerda do Amazonas a collina geralmente conhecida pela denominação de *Velha-Pobre*.

Possue esta collina magnificos campos para a criação de toda a especie de gado e matas abundantes de caça e de madeiras. Os campos são regados pelo rio Jacundá, braço do Parú, ou rio de Almeirim, a que tambem chamam *Uacarapi* e tem excellentss pastos com que alimentar grande porção de gado.

Pouco abaixo da Prainha, lança-se no Amazonas o rio Parú, um dos mais notaveis da Guyana Brazileira.

E' navegavel por espaço de 30 leguas, além das quaes encontram-se numerosas cachoeiras. Pouco acima da primeira alarga muito, enchendo-se de numerosas ilhas, quasi todas de terra firme.

As cachoeiras do Parú, escrevia uma testemunha occular, são as mais bellas, que tenho visto em minha vida.

Não são muito altas, mas o volume da primeira quéda é de mais de um kilometro, sendo sua altura de 20 pés.

Propriamente fallando, a cachoeira é formada de tres grandes pancadas sobre a mesma ilha transversal, separadas por duas ilhas de pedra, cobertas de alguma vegetação.

O aspecto geral da cachoeira é encantador. De um e de outro lado serras bastante elevadas, cobertas de viçosa vegetação. O rio com formidavel estrondo precipita-se em extensos e crystallinos jorros, até que, ferindo o leito inferior, engendra desencadeados turbilhões de espuma, dos quaes se eleva uma constante nuvem de—pó d'agua—, verdadeiro véo, por entre cujas dobras o arco-iris brinca.

As aguas do Parú são claras, de um verde escuro. O leito do rio é todo de arêa, e sua largura varia de um a dous kilometros.

Os productos das margens e matas na secção inferior do rio, não são notaveis; mas nas do curso médio abundam a salsa, o cacáo selvagem, as castanhas e outros fructos; e tudo induz a crer, acrescenta o Sr. Ferreira Penna, tanto pela

configuração e aspecto do terreno, como por noticias, ainda que vagas, dadas pelos indios, que devem haver, na secção média e na superior, riquezas mineraes, que um dia chamarão para alli uma corrente de mineiros, muito maior que a dos seringaes para o Madeira e Purús.

O facto de descobertas de importantes lavras de ouro no alto Oyapock, cujas cabeceiras se approximam ás do Parú, vem ainda em apoio dessas informações.

Habitam na parte superior diversas tribus de indios, cujas principaes são, a tribu *Aparahy*, que habita no lugar denominado *Arimatapurú* e a *Urucuiana*, que habita na parte superior. (1)

Na barra deste rio está situada a povoação de *Almeirim*, defronte do canal *Aquiqui*.

A posição em que se acha a povoação de *Almeirim* é pessima. Está assentada sobre terra alta e limpa, tendo em frente a cordilheira do Parú. Esta denominação de Parú toma tambem toda aquella costa até perder-se na de Macapá.

Aquellas altas montanhas parecem querer asphixiar a pequena povoação de Almeirim, cuja falta de ar a torna insalubre e um verdadeiro deserto.

Eis o que a respeito della diz o Sr. Ferreira Penna, que a visitou em 1873:

« Almeirim tem algumas boas casas na parte baixa ou na praia e as mais geralmente pequenas, e a igreja matriz, na parte alta da povoação, sobre terreno montanhoso.

« Entrámos em Almeirim, percorremos toda a povoação, sem encontrarmos viva alma.

« Estava totalmente deserta desde Setembro.

« Não ha ahi ruas, senão uma praça, e esta invadida pelas hervas e arbustos, principalmente pelo carrapicho; a maior parte das casas estão abandonadas e algumas em total ruina. Os moradores estavam todos ausentes, tendo-se retirado uns para os seringaes, outros para os castanhaes.

«Descançavamos um pouco, recostados á porta principal da matriz, que estava fechada, quando ella cedeu e abrio-se sem outro esforço. Entrando, pouco ou nada havia que vêr, senão que estava povoada de ninhos de cabas (maribondos) e de uma enorme quantidade de morcegos.

« Um pouco abaixo da praça, ou largo da igreja, e sobre a eminencia rochosa, que alli domina o Paraná-mirim do Amazonas, estão os destroços do velho forte do Parú, que os francezes em 1690 tomaram de sorpreza á guarnição portugueza, abandonando-o logo, depois de terem saqueado a povoação e a igreja. »

---

(1) Em Outubro de 1857 estiveram em Belém dous tuchanas da tribu *Aparahy* e um gentio da tribu *Urucuiana*, aos quaes a presidencia da provincia mandou fornecer de varios objectos, como peças de chita, de algodão americano, armas de fogo, tesouras, espelhos, machados, foices, terçados, enxadas, etc.

Este forte, de pedra e barro, mandou-o levantar a expensas suas o governador da fortaleza de Tapajoz, Manoel da Motta e Sequeira. As ruinas deste forte, diz Baena, que se acham debaixo de arvoretas emmaranhadas, que a propria terra brotou de si, ainda mostram a situação delle e indicam ter sido desenhado e construido por pessoa, que da arte de fortificar tinha alguma luz por uso.

Agora algumas breves considerações :

Dóe fundo n'alma de quem navega o Amazonas o attentar no estado de profunda decadencia em que se acham tantas povoações, outr'ora tão florescentes, e tão cheias de animação e de vida. A' excepção de uma ou outra—e bem raras são — as demais parecem estar agonisando.

Sempre o mesmo aspecto— casas desmoronadas ou prestes a desmoronarem-se, o mato invadindo a povoação, a ausencia da população, o silencio do deserto.

E o que é mais deploravel ainda, a civilização repudiada e a ignorancia absoluta a dominar por toda a parte. O espirito religioso, que eleva os povos, que os engrandece, que os moralisa, que afugenta a barbaria e destróe os preconceitos, acha-se quasi extincto nessas paragens, onde apenas em uma velha casa, meio desmoronada, que se denomina matriz, ergue-se por felicidade o estandarte da redempção.

Mas em cambio do espirito religioso, que bem pouco existe, dominam a superstição e as mais grosseiras crenças.

E' contristador semelhante espectaculo!

Em muitas povoações não se encontra uma igreja e a maior parte das que têm igrejas, não têm parochos!

As freguezias por exemplo, de Villarinho do Monte, Veiros, Pombal, Almeirim, Arrayolos, não têm parochos. As duas ultimas, segundo affirma o Sr. Ferreira Penna, estavam em principios de 1872 encommendadas ao vigario da Prainha, que falleceu no fim desse anno, estando vaga a freguezia até hoje ; mas ainda quando o parocho estivesse vivo, era-lhe impossivel funccionar mais de uma vez em cada anno nessas freguezias, principalmente em Arrayolos, onde não podia chegar senão em 15 ou 20 dias, gastando na volta pelo menos um mez e isso durante o verão, tempo em que raras são as pessoas, que permanecem na povoação.

As freguezias do Xingu, as do Tapajoz, pela maior parte não têm parochos; na provincia do Amazonas poucas são as que os possuem, de modo que a população ahi vive sem o conforto do pasto espiritual, sem os beneficios da palavra evangelica.

E assim vai-se perdendo o espirito religioso; o culto acha-se abandonado, os altares solitarios e a população desses lugares voltando insensivelmente ao estado de rudeza, de ignorancia e barbaria, de onde ia sahindo.

A falta de parochos nas freguezias do interior, disse um dos homens mais conhecedores das cousas do Amazonas, tem sobremodo concorrido para arrefecer-se o espirito religioso do povo, sendo esta tambem, segundo parece, a causa

de que elle se afaste cada vez mais da influencia benefica da civilização, habituando-se pouco a pouco ao isolamento e cahindo a final no indifferentismo, não só para a religião, senão tambem para os interesses vitaes do Estado.

E' de summa necessidade que a autoridade ecclesiastica tome medidas urgentes e energicas para acabar ou pelo menos para minorar esse tão lamentavel estado de cousas. A religião para os povos é tão necessaria como o sol, como o ar, como a vida; sem ella ahi vêm os máos instinctos, ahi vêm as paixões ferozes, ahi vêm a barbaria.

— Foi-me sobremodo doloroso, dizia-me um homem respeitavel de uma dessas pobres povoações do Amazonas, ver morrer minha mulher, que pedia com as lagrimas nos olhos os sacramentos da igreja e a presença de um padre para ajudal-a nesse transito supremo! E não me foi possivel satisfazer-lhe esse ultimo desejo. O nosso vigario havia-se retirado, por ter sido suspenso.

Parece que tudo vai morrendo no Amazonas. Povoações que contavam ha 50 ou 60 annos 1.000, 2.000 e mais almas, estão hoje reduzidas a algumas dezenas de pessoas e outras acham-se completamente desertas. Ao vêl-as assim abandonadas e solitarias, mais parecendo habitações de mortos que de vivos, dir-se-hia que o genio da destruição passou por ahi, deixando a desolação, o silencio e a morte.

Eis o que a respeito me escrevia um dos homens mais illustrados e pensadores do Amazonas. Transcrevo aqui integralmente as paginas que me dirigio e nas quaes com o mais alto criterio aprecia as causas da decadencia destas paragens tão ricas, tão ferteis e dignas sem duvida de melhor sorte:

« — Quem navega o Amazonas não póde deixar de ficar encantado ao vêr a natureza maravilhosa, que o circumda.

« Margens, que parecem interminaveis, cobertas de uma verdura eterna; planuras, de que se não conhece o fim, povoadas por densas florestas, cujas fianças parecem tosadas pela mão do homem; de quando em quando uma montanha que se eleva, um outeiro que se destaca, uma barranca que se aproxima, e da qual já rolaram grandes cedros, que alli nasceram; mais além um tributario gigante, que deixou após si lindas praias e o selvagem degradado e indifferente; um lago, em cujas margens se descortinam milhares de aves de côres variegadas, desde a colhereira côr de rosa até a nivea garça; aqui uma extensa praia, onde a *gaivota* e a *corta-agua*, contadas por milheiros, soltando ao mesmo tempo o grito estridente, levantam um alarido infernal e investem contra aquelle que procura roubar-lhes os ovos; alli o estrondo monotono da corrente cahindo sobre as pedras; um clima saudavel, um céo formoso, os bafejos de brisas amenas; tudo emfim quanto póde inspirar o poeta ou despertar a meditação do sabio!

« Porém em face de tantas grandezas, cujo esboço aqui fizemos, e que o Creador expargio com mão prodiga, que papel representa o homem, o rei da creação, aquelle para quem

foram feitas todas essas cousas ? Amesquinhado e pequenino arrasta uma existencia precaria e vive a vida miseravel do pobre, que pisa sobre montes de riquezas !

« Esperando pelo ferro do cultivador, ahi estão essas terras uberrimas e todo esse novo eden até hoje vedado ao trabalho pelo demonio do desanimo, essas margens virentes onde, por amargo sarcasmo, vê-se de quando em vez uma miseravel habitação de indios, cuja fórma nunca muda, como se elles, em vez de obedecerem á lei do progresso, tivessem sómente o instincto das aves na invariavel fabricação dos seus ninhos, e aqui e alli a pequena cultura, que mal chega para o consumo do lavrador !

« O homem civilizado sempre produz na razão de cada individuo, além do necessario á propria existencia. Nada pois póde servir tanto de padrão para medir o estado de atrazo dos filhos do Amazonas, como a falta dos gozos mais indispensaveis á vida a que está condemnada a quasi totalidade dessa mingoada população.

« Espalhada e privada pelas distancias da communhão diaria das relações de vizinhança, a população do Valle Amazonico, vegeta estacionaria.

« E não ha mal tamanho para qualquer paiz, como não ter augmento em sua população e conservar parte da que possue meio barbarizada pelo isolamento.

« Qual a causa por que não cresce a população do Amazonas na razão dos nascimentos que ahi se dão ?

« O augmento da população está na razão directa dos meios certos de subsistencia. A generalidade dos habitantes do Amazonas não tem amor ao solo, não o cultiva, nem aproveita as vantagens que com liberalidade offerece a terra. Em vez de regar os sulcos com o suor do rosto, procura no fundo dos rios e dos lagos o peixe, que ahi abunda, ou então no centro das matas os productos espontaneos da natureza.

« Este genero de vida tem lançado a população no estado nomada, isto é, tem-na feito retrogradar aos tempos escuros do começo das sociedades humanas.

« As crianças, mal alimentadas, mal vestidas, são decimadas até os sete annos pelo abandono nas enfermidades ; e dahi em diante são devoradas nos seringaes pelas febres intermittentes, pelas opilações e todos os outros males que produzem os terrenos pantanosos e cobertos de matas, cuja natureza toxica é desconhecida.

« Uma população sem estabilidade e amor ao solo, não contando com meios certos de subsistencia, e além disto decimada por enfermidades, não póde progredir e chegar a um estado de prosperidade e de augmento.

« Aos estadistas a quem o destino incumbio da direcção dos negocios do paiz e que têm o dever de promover o bem moral e material de todos os brazileiros, cabe a obrigação de applicar os meios mais convenientes, a fim de remover as causas, que entorpecem o progresso dessa terra, tão ricamente dotada pela Providencia, e destruir o terrivel mal que flagella essa infeliz população. »

Todos os sacrificios, e de qualquer genero, não devem ser poupados para erguer a maioria da população amazonense do marasmo e da prostração em que tem cahido.

O mal é grande e o remedio urge.

Dito isto, passemos ao rio Xingú, que agora encontramos

O rio Xingú, importantissimo affluente do Amazonas, desce das montanhas de Mato Grosso, ao norte das vertentes do Cuyabá, na lat. de 12° 42' e na long. de 325°, seguindo o rumo de S. a N. entre o Tocantins e o Tapajoz.

Em 1625 penetraram os hollandezes no rio Xingú e ahi levantaram uma fortificação de fachina entre os riachos Pery e Acaray. Ainda hoje diz a commissão que em 1871 explorou o Xingú, a baixa-mar deixa a descoberto sobre a praia, duas peças de artilharia, que pertenceram evidentemente a essa fortificação. O lugar ainda hoje é conhecido pela denominação de *Mariú-assú*, que em lingua tupy quer dizer: cidade grande; o que parece indicar que o estabelecimento hollandez chegou a ter certa importancia entre os naturaes, que assim o denominaram.

Nesse mesmo anno, porém (1625), o celebre capitão Pedro Teixeira foi bater a guarnição da praça hollandeza, commandada pelo capitão Hosdan. « Fogem os hollandezes, diz Baena, com o seu commandante em um lanchão, acobertados da escuridão de uma horrenda tempestade. Vai o capitão Teixeira sobre elles, que os acha no rio Philippe, já unidos com os dos Tucujús, e cobertos por casas fortes. São dellas repellidos; segue-os e afronta-se com elles em uma nova acção: morrem nella os capitães Hosdan e Porcel e dos mais a maxima parte escapa pela rapida fuga a ser possessão do vencedor. E como soubesse, dos que lhe ficaram nas mãos, que dalli a 15 leguas de distancia estava um pequeno forte, guardado por 20 soldados, e que as embarcações inimigas lhe teriam já tomado o rio, busca logo estas para abordal-as. Não as encontra. Desfecha o golpe no forte, que se rende com a mercê das vidas e arrasa-o até os cimentos. » (1)

Em 1843, acompanhado do conde, hoje principe de Bismark e do conde Oriola, subio em canôas o rio Xingú o principe real da Prussia, Adalberto.

Esta viagem foi publicada na Allemanha, assim como o esboço do rio até a cachoeira de Piranha-quara. Penetraram os viajantes até as primeiras cachoeiras; dahi encaminharam-se por terra até a de Piranha-quara e depois desceram em *ubás*, tripoladas por indios, através das mesmas cachoeiras.

Foram estes illustres viajantes talvez que deram o primeiro esboço para o traçado do rio.

O rio Xingú é livremente navegavel por grandes vapores até as primeiras cachoeiras ou cerca de 75 milhas acima de

---

(1) Vid. Baena, *Compendio das Eras*, pag. 16.

sua barra e com varias outras secções igualmente navegaveis. (1)

E' consideravel a sua largura e formaria a sua foz uma bahia de muitas milhas de diametro, se não fossem as muitas e extensas ilhas que alli se encontram. Pouco acima de Porto de Moz, attinge a 5 milhas de largura (2), variando para pouco mais ou pouco menos até a ponta de *Itaú*. Dahi

---

(1) « O Xingú, diz o Sr. Ferreira Penna, desde a sua juncção com o furo Urucurycaia, que vem do Amazonas, até um pouco acima de Souzel, é completamente limpo de ilhas, profundo, tão vasto como o proprio Amazonas e perfeitamente navegavel para qualquer vapor.

« Cerca de 4 milhas acima de Souzel, o rio está em grande extensão litteralmente entupido de uma infinidade de ilhas, deixando entre si numerosos canaes estreitos, e além, para cima, comquanto os canaes sejam mais largos e poucas as ilhas, o rio torna-se estreito e empedrado, erguendo-se de seu leito massas de enormes penedos: em um ponto o rio passa todo inteiro por um unico canal de cerca de 160 metros, sendo ahi a margem direita uma immensa muralha alcantilada, que toca a uma altura de cerca de 25 metros.....

« Segundo informações que obtive de praticos intelligentes, o Xingú, em seu curso médio, é muito largo, retalhado de ilhas, navegavel a vapor por muitas leguas, mas esta navegação torna-se depois impossivel por causa da cordilheira de cachoeiras. »

De um interessante trabalho publicado no *Diario do Grão-Pará*, de 3 de Abril de 1872, extraio as seguintes noticias:

« Este rio (Xingú) de sua foz até as cachoeiras, segue approximativamente a direcção do sul. Sua largura, daquelle ponto até as ilhas de Souzel, varia de 4 a 6 kilometros, o que lhe dá magestoso aspecto; chegando ás ditas ilhas elle se ramifica em innumeros furos; das ilhas para cima torna-se mais estreito, tortuoso, muito pittoresco e sua largura média é de 2 kilometros. As margens são geralmente elevadas e seccas, sobretudo a margem esquerda, que conserva uma elevação superior a 50 metros; suas ilhas são baixas e alagadiças durante o inverno. Perto das cachoeiras as duas margens têm o caracter de serras. Suas aguas são limpidas, de um verde escuro e abundantes em peixe. A ilha e uma fila de rochedos á flor e fóra d'agua, envoltas na espuma, formavam a primeira pancada das cachoeiras do Xingú. Esta pancada é conhecida pelo nome de *Tijucacuara*. A segunda e insuperavel cachoeira chama-se *Tapanhona* e a pancada é violenta. »

(2) São deliciosos os horizontes, diz Baena, e formosa e agradavel a foz deste rio; elle rola com grande rapidez e acaba no Amazonas com grande largura e profundidade.

As suas aguas na superficie, têm a cor ferruginea; feridas pelo remo mostram-se crystallinas e nas margens são diaphanas, de maneira que em uma braça de fundo se percebe o que está nelle.

Do rio Arapari para cima até a primeira cachoeira, existem ilhas e algumas com boas praias, onde as tartarugas vão encovar os ovos. Quando com as chuvas incha o Xingú, estas ilhas são alagadas, mas não totalmente, porque ha paragens nas quaes se póde fazer plantações e edificar.

começa a secção encachoeirada, conhecida geralmente pela denominação das « Ilhas », e que se estende até a pequena peninsula de *Jurauá*. Deste ponto estreita o rio até uma milha, e torna-se tortuoso. Em uma e outra margem começam-se a vêr rochedos destacados e distingue-se ao longe a serra de *Temuiuenga*, que parece correr em direcção perpendicular ao rio.

A secção das ilhas comprehende uma extensão de 30 milhas; o rio alarga formando uma bahia, porém todo coberto de numerosas ilhas. A primeira denomina-se *Cipó-pitanga* e a ultima *Caranary*.

Estas ilhas, diz a commissão que explorou o Xingú em 1872 e de cujo trabalho tenho extrahido muitos dados,—constituem actualmente o unico centro de producção do Xingú, porque é ahi que existe o seu seringal. No inverno ficam todas alagadas. Os proprios naturaes reconhecem que o seringal, além de se achar muito estragado, não é de boa qualidade. A vegetação dessas ilhas é pouco vigorosa e as arvores mui pouco elevadas. Um homem collocado em uma das margens do rio, diz a commissão exploradora de 1872, na barranca de *Taua-pará*, por exemplo, que tem uma altura não superior a 250 palmos, vê a seus pés todo esse archipelago, e póde estender a vista até a margem opposta, por cima do cume das mais altas arvores das ilhas.

A exportação annual da borracha, quasi em sua totalidade extrahida das ilhas, é calculada em cinco a seis mil arrobas.

Este seringal vai ficando exhausto, mas affirmam que ha outros a explorar acima das cachoeiras.

Os confluentes do rio Xingú, considerados quanto á extensão de seu curso e volume de suas aguas, são pouco importantes, não obstante serem ricos de productos naturaes.

Na margem direita do Xingú lançam-se o *Maiary* e o *Carini*, entre as pontas do Ariramba e Tanerá; o *Juquiry*, abaixo da praia de Tauá-potera; o *Turú*, acima da mesma praia; o *Acay* e o *Mariuá*, em cuja foz está Veiros situada; o *Maxipaná*, em cuja foz existio outrora Veiros. Neste rio abunda o páo setim e outras madeiras de construcção. O *Tocano-cuara* e o *Muxuacá* ficam pouco abaixo de Souzel.

Acima da ponta de Jutahy está o *Coroatá* e acima deste o *Arapary*. No limite superior da secção das ilhas está o *Juauá*, que destaca a pequena peninsula do mesmo nome. Acima fica o *Jacarey*, depois o *Muirey* e mais adiante o *Cunauê*, abundante em pedras de amolar. Acima fica ainda o *Paranamucú*, de onde extrahem os naturaes uma argila, com que fabricam vasos para o uso domestico, e que resistem á acção do fogo.

Os affluentes da margem esquerda do Xingú são: O *Pery*, que fica acima da enseada do *Ubá*; o *Umarituba*, quasi defronte do Tocano-cuara; o *Guará*, que Baena e Ayres do Casal escrevem *Ará*, e em cuja foz esteve Souzel; o *Tucuruy*, que desagua já na região das ilhas. Entrando-se por este riacho, diz a commissão exploradora do rio Xingú e de

cujo trabalho continúo a aproveitar-me, encontra-se a estrada ou picada, que communica o baixo com o alto Xingú, salvando as cachoeiras. Depois vem o *Iuá*. Todos estes affluentes correm entre margens elevadas e dão variados productos naturaes.

Ha ainda duas importantes vias de communicação, que vão do Xingú ao Amazonas: são ellas os *furos* do *Urucury-caia* e o de *Aquiqui*.

O Urucury-caia vai do Xingú, pouco abaixo de Boa-Vista, ao Amazonas, abaixo de Arraiolos.

Tambem os *furos* dos *Macacos*, *Therezinha*, *Tapará* e *João Gomes* communicam o Xingú com Urucury-caia, e por consequencia com o Amazonas.

O Urucury-caia é navegavel tanto no inverno como no verão, e os vapores e barcos de vela que sobem o Amazonas, seguem de preferencia o Urucury-caia, para evitarem a força da correnteza do rio-mar.

O Aquiqui communica o Xingú com o Amazonas, pouco acima de Porto de Moz, defronte de Almeirim. Atravessa em toda a sua extensão vastos campos, onde já houve importantes fazendas de gado vaccum e cavallar, e que foram arrasadas pela cheia extraordinaria de 1859. Felizmente já hoje se estão alli creando novas fazendas.

Por este desvio vai-se ao Amazonas em poucas horas de viagem. O furo é pouco largo, um tanto tortuoso, porém profundo.

O importante rio *Araucú* ou *Hyuraucú* desagua no Aquiqui. Ayres do Casal, porém, diz que o Aquiqui é o nome da boca oriental do Hyuraucú. Se assim é, diz a commissão exploradora de 1872, vêm a ser o Hyuraucú verdadeiramente affluente do Xingú e por certo o mais importante de todos os que se encontram até as cachoeiras.

O Hyuraucú, diz ainda a commissão, parece nascer da vertente oriental das mesmas serras, que, prolongando-se, formam as cachoeiras do Xingú e do Tapajoz. Corre primeiro por entre margens escarpadas e depois atravessa de sul a norte os vastos campos do Aquiqui. Encontram-se cachoeiras no fim de 24 horas de viagem.

Em 1859, em consequencia do apparecimento de uma grande porção de indios da tribu *Tucunapeua*, estabeleceu-se no rio Xingú, logo acima da primeira cachoeira, uma missão incumbida de chamar á civilização aquelles indigenas. Esta importante tarefa foi confiada ao religioso frei Marcello de Santa Catharina de Senna, a quem foram dadas as instrucções necessarias e os recursos indispensaveis. Estabeleceu-se frei Marcello junto ao rio Tucuruhy, um dos affluentes da margem esquerda de Xingú, mas pouco tempo depois teve de abandonar a nascente missão.

O unico resultado que della se obteve foi uma noticia muito incompleta ácerca dos indios do rio Xingú.

Segundo essas informações e outras posteriormente colhidas, ha naquelle rio, acima das cachoeiras, e occupando

as terras talvez mais ferteis e ricas da provincia, as tribus seguintes:

— Jurunas.
— Tucunapeuas.
— Juaiciapoias.
— Urupayas.
— Curiaias.
— Peopaias.
— Tauá-tapuêrá.
— Tapuia-ereté.
— Carajás-mirim.
— Carajás-pocus.
— Xipocas.
— Araras.
— Tapaiunas.

A nação *Juruna* é a mais numerosa, sendo a sua população calculada em 3.000 almas, pouco mais ou menos.

Os Jurunas do rio Xingú habitam nas primeiras ilhas acima das cachoeiras do rio. Em redor de suas habitações nenhuma lavoura existe. Cultivam porém alguns terrenos em uma ou outra margem do rio, onde têm plantações regulares de mandioca e de algodão, do qual fazem as mulheres excellente fio, com que preparam rêdes e cintas, de que usam.

Os *Jurunas* temem muito os *Tucunapeuas*, apezar de serem estes menos numerosos.

Em razão do terror que lhes inspiram, fogem os Jurunas de habitar no continente e preferem estabelecer-se nas ilhas que na vasante não fiquem em contacto com a terra firme. Para seu transporte usam das canôas de casca de páo, denominadas *ubás*.

São em extremo insubordinados e nem respeitam os proprios *tucháuas*. Vivem reunidos; mas evitam sempre toda e qualquer sujeição. São indolentes e ladrões. Andam nús, usam de arco e flecha, porém sabem servir-se das armas de fogo.

« Subindo da boca deste rio acima, diz o padre José de Moraes, em distancia de trinta leguas, está a nação dos indios Jurunas, situada em quatro pequenas aldêas, que têm nas ilhas do mesmo rio.

« Desta nação se não duvida que não seja feroz e coma carne humana. Distinguem-se das mais nações, exceptuando os Jacypoias, que têm os mesmos signaes, com uma cinta preta, que formam da testa até a ponta da barba, da largura de tres dedos, tudo feito a ferro e sangue e tinta preta de genipapo, e os mais abalizados se distinguem com dous riscos pretos pelas faces e queixos, menos largos que o signal da testa. »

Actualmente já quasi que os Jurunas não pintam o rosto. Conservam porém ainda religiosamente o costume de sepultarem os parentes dentro da propria choupana em que habitam. Cavam a sepultura, deitam com cuidado o cadaver, cruzam sobre elle um tecido de varas, cobrem-no com uma

esteira ou *japá* e deitam terra por cima, mas de modo a não comprimir o cadaver. Os miasmas desprendem-se por entre a terra não comprimida, derramam na choupana a exhalação forte do cadaver em decomposição, e entretanto vive tranquillamente o Juruna em meio dessa atmosphera deleteria.

Se sôa a hora de abandonar a cabana, se as exigencias da vida errante o chamam para outra parte, o Juruna desenterra os seus mortos, lava-lhes piedosamente os ossos, deposita-os em saccos de fios de algodão por elle mesmo tecido, transporta comsigo essa urna funeraria e suspende-a ao tecto de sua nova cabana.

Os *Tucunapeuas* são mais intelligentes que os Jurunas. Tambem como estes, cultivam roças de mandioca e plantam o algodão.

Pelo modo por que recebem os que os procuram, denotam, diz o Sr. conselheiro Brusque, conservar ainda restos de educação que receberam talvez em éras passadas.

Na ilha em que residem ha vestigios de uma pequena capella, que indica ter alli o homem culto procurado plantar o germen de uma civilização, que se perdêra em prejuizo daquelles infelizes.

Não ha muitos annos, dizia em 1863 o Sr. conselheiro Brusque, fallando dos Tucunapeuas do Xingú, que esta tribu se compunha de um grande numero de individuos e habitavam n'um pittoresco valle existente nas cabeceiras do rio Iriry. Mas perseguidos frequentemente em seu pacifico domicilio por outras tribus inimigas, emigraram em numero de quinhentos individuos para uma das grandes ilhas daquelle rio onde fundaram as suas novas habitações.

Outros muitos, porém, deixaram-se ficar em seus lares já conhecidos e lá continuam expostos á luta fratricida que os dizima.

A tribu dos *Urupayas* é numerosa e comquanto seja pacifica e não tenha máos habitos, é em extremo desconfiada e receiosa nas poucas relações com individuos de outras tribus.

Tem os mesmos habitos e costumes dos Tucunapeuas, com os quaes mantem estreitas relações de amizade e commercio.

Sendo os Tucunapeuas, diz ainda o Sr. conselheiro Brusque, os que de quando em quando se encontram com as caravanas, que sobem o Xingú, em busca de productos naturaes, são os que obtêm dellas alguns objectos, que fornecem aos Urupayas em troca de canôas, fio, algodão, rêdes e gallinhas.

Intermediarios nesse fornecimento, os Tucunapeuas fazem seus vizinhos pagar mais caros os objectos, que lhes vendem, e que consistem principalmente em ferramentas de lavoura e missangas, que muito apreciam para seus enfeites.

Os indios em geral, depois de entaboladas as primeiras relações com o homem civilizado, e logo que conhecem o

uso das armas de fogo, as procuram obter com todo o empenho. Os Urupayas, ao contrario, não obstante já as conhecerem em poder dos Tucunapeuas, conservam ainda tal terror, que se não aproximam do homem armado.

Dos avós aos netos vai passando a tradição do encontro que tiveram em remotas éras com homens, que lhes atiraram, causando entre elles grande mortandade, e d'ahi vêm ainda o horror, que conservam ás armas de fogo.

Habitam as ultimas ilhas, de que ha noticia, no Xingú. Cultivam a mandioca, o algodão e o urucú.

São elegantes, de bellas fórmas e bonita côr, destros e laboriosos.

A tribu dos *Curiuaias* habita o centro das matas e a não pequena distancia das margens do rio Xingú.

São bravos os individuos desta tribu, destemidos e inimigos de todas as outras, á excepção da tribu dos Tucunapeuas, que cultivam as suas relações com muita reserva.

Têm cabanas em que moram permanentemente, plantam mandioca, algodão e fazem rêdes.

Evitam cuidadosamente approximar-se do rio e quando uma ou outra vez o fazem, mostram-se como que aterrados e confusos.

Os *Peopaias* habitam o lado occidental do rio Xingú, em cujas margens de vez em quando apparecem.

São de horrendo aspecto, diz o Sr. conselheiro Brusque, baixos, feições irregulares e tez da cor do cobre.

Não entretêm relações com alguma das tribos pacificas e com ellas se não encontram a não ser para o combate. São antropophagos, segundo referem os outros indigenas daquellas paragens.

A tribu *Tauá-tapuêrá* habita as terras centraes do lado occidental do rio Xingú. Deriva-se o seu nome da côr dos individuos, que a compõem, semelhante ao *tauá*, amarello escuro.

A acreditar-se no que referem os outros indigenas, parece que tambem são antropophagos.

A tribu denominada *Tapuia-eretê* habita a parte oriental do rio Xingú. Os individuos que a compõem são altos, musculosos e de côr trigueira, e trazem o rosto pintado de preto até meio.

Tambem parece que são antropophagos.

Em vez de rêdes ou de pelles de animaes, que servem de leito á maior parte das tribus indigenas conhecidas, repousam estes dentro de uma especie de *balaio* comprido.

O armamento de que usam é em geral o mesmo de que se servem as outras tribus selvagens, havendo apenas a differença de ser mais grosseiro, pesado e forte.

Os individuos da tribu *Carajá-mirim*, diz o Sr. conselheiro Brusque, symbolisam perfeitamente o homem no derradeiro gráo da degeneração da especie humana.

Habitam os mesmos terrenos em que se acham os *tapuias-eretê;* mas não entretêm relações com qualquer das outras tribus.

São de baixa estatura, extremamente grossos, grande cabeça e têm a testa achatada, como se o craneo fosse, como costumam algumas outras hordas, comprimido nos primeiros tempos de existencia, para tomar esta fórma irregular.

Alimentam-se sómente de fructos silvestres, da caça e de certo barro, de que fazem grande provisão. Não fazem plantações, não têm a mais rude industria e o seu deleixo chega ao ponto de não terem o menor commodo para o seu repouso.

Dormem sobre folhas que colhem e amontoam a esmo, no lugar que escolhem para pernoitarem.

Os *Carajás-pucús* são de todos os indios do Xingú os mais temidos. Habitam do lado oriental do mesmo rio. São de estatura muito alta, delgados e de côr quasi negra como a do carafuz. Têm a cabeça e o nariz extraordinariamente chatos.

Furam as orelhas e nellas trazem atravessadas, como um ornamento, grandes pennas.

Não usam do arco nem das flechas; consiste o seu armamento em uma pesada maça, que tem cinco palmos e meio de comprimento. São tão destros no manejo desta horrivel arma, diz o Sr. conselheiro Brusque, que se defendem maravilhosamente, por um jogo especial, dos tiros successivos de muitas flechas.

Ardilosos, continúa o mesmo Sr. conselheiro, conservam-se em defesa e atacam, quando percebem que o inimigo tem já gasto a maior parte de suas flechas. São temidos por todas as hordas que habitam no valle daquelle magestoso rio.

O grosso da tribu Carajá-pucú está aldeado nas margens do Araguaia, e dahi é que de tempos a tempos destacam partidas, que vão habitar as terras orientaes do rio Xingú e fazer guerra de morte ás outras tribus.

O *Carajá*, diz a commissão exploradora do rio Xingú, arma emboscadas a seu inimigo, e se o sorprende, persegue-o correndo, e raras vezes deixa de alcançal-o. Fere com a pesada maça o inimigo, que mal se defende e uma vez morto, quebra-lhe o cadaver, fracturando os ossos; depois estende-o por terra, colloca sobre elle a arma com que o matára e assim o deixa. Quem encontra nas matas do Xingú um esqueleto humano com uma maça atravessada por cima, fica sabendo que é um guerreiro morto por um Carajá.

Os *Araras* do Xingú são bastante numerosos.

Segundo as tradições conhecidas appareceram alli pela primeira vez em 1851 ou 1852. Desde então, diz o Sr. conselheiro Brusque, têm sido encontrados naquelles lugares, dando-se a singular circumstancia de serem inimigos de todas as outras hordas, que alli existem, á excepção dos Tucunapeuas, com os quaes cultivam estreitas relações.

Os individuos que constituem a tribu dos Araras, são de aspecto nobre e altivo, de côr quasi branca e têm cabellos quasi castanhos. As mulheres fazem do cabello longas tranças, que alcançam a curva dos joelhos, e os homens o trazem

cortado e assaz curto, usando muitos delles espessos e finos bigodes. Andam completamente nús, tendo em si, por unico adorno, uma grinalda feita de pennas de variadas côres e braceletes de dentes de animaes. (1)

Referem os *Jurunas* que os *Araras* são antropophagos, mas os *Tucunapeuas* o negam.

Os *Xipocas* e os *Tapaiunas* poucas vezes se mostram ás outras tribus, que ignoram ao certo o ponto em que permanecem, crendo antes que sejam nomadas.

Entretanto visitam de quando em quando as margens do Xingú.

O importante rio Xingú, diz o Sr. conselheiro Brusque no notavel relatorio que em 1863 apresentou á assembléa

---

(1) Em 1861 e 1862 alargaram os Araras as suas excursões, descendo até á grande praia denominada *Crauary*, que, demora abaixo da foz do igarapé Paraná-mucú, que desagua no rio Xingú abaixo das cachoeiras e em distancia de tres leguas de uma pequena povoação a que dão o nome de Tinga-apuaã, e nas immediações das tendas de alguns individuos empregados na colheita da gomma elastica.

D'entre estes, os mais intrepidos, procuraram entender-se com alguns daquelles indios, dando-lhes farinha, sal, louça e ferramentas, e delles receberam algumas offertas. Em 1861 demoraram-se no mencionado lugar apenas 10 dias; em 1862, porém, alli estiveram por mais de 20 dias.

Nesta occasião foram visitados por algumas pessoas que perto se achavam empregadas no fabrico da borracha, que lhes fizeram diversos brindes.....

... Até então nenhuma demonstração tinham dado de ferocidade de seus máos instinctos, contra quem quer que fosse, que os ia visitar. No dia 19 de Dezembro de 1862 por alli passaram duas pequenas embarcações, e a tripolação curiosa por vêl-os atracou á terra.

De improviso foram acommettidos por elles e uma nuvem de flechas os envolveu!

Deste assalto resultou immediatamente a morte de dous homens, tripolantes destas embarcações, que pertenciam á tribu dos *Jurunas*, e á cuja presença attribue-se o motivo de tão inesperada aggressão, visto como são os Jurunas seus inimigos capitaes.

Além destas victimas ficaram outros gravemente feridos, conseguindo afinal escapar, resguardando-se com os cascos das embarcações, que a nado foram levando para o meio do rio, onde não chegavam os amiudados tiros de flechas.

Referem-me pessoas dignas de fé, que, sendo reunidas as flechas, que se encontraram dentro das duas embarcações, subiram a 491 arremessadas todas em um espaço de tempo, que não excedeu de meia hora, o que faz crer que a phalange que alli se achava era muito superior ao numero conhecido pelos visitantes.

Depois deste facto ainda alli se conservaram por muitos dias; desapparecendo ao depois, sem que fosse conhecida a direcção que levaram.

(Extracto do relatorio do Sr. conselheiro Brusque, apresentado em 1863 á assembléa provincial do Pará.)

provincial do Pará e do qual tanto me tenho aproveitado, foi sempre habitado de muitos selvagens desde remotas éras, e do seio delles sahiram muitos indios com que se fundaram as aldêas, que foram o berço de povoações que ainda existem.

Continúa entretanto a apresentar o quadro de uma população selvicola, que não exageramos, se a orçarmos em doze mil almas.

A existencia destas hordas no Xingú, continúa o Sr. conselheiro Brusque, com tão notaveis differenças na côr da pelle e dos cabellos, offerece mais um contraste digno de séria meditação.

Cabe aqui talvez attentar as difficuldades que este phenomeno apresenta na applicação da theoria das côres, do calorico e de outras leis physicas. Parece que não podemos contentarmo-nos com as opiniões semelhantes á do Sr. *Aimé Martin,* quando nos diz:

« *Partout le blanc est opposé aux frimas: le brun, le rouge* « *et le noir à la chaleur. Cette loi générale se perpetue dans* « *la couleur de la race humaine, noire sous les rayons du so-* « *leil, et blanche dans les régions temperées.* »

Lá no Xingú, em um mesmo valle, debaixo do mesmo sol, sujeitas ao mesmo clima, alimentando-se dos mesmos productos naturaes, divergindo umas das outras em certos habitos e costumes, tribus existem com profundas differenças em sua apparencia physionomica.

Os *Tucunapeuas* com os seus cabellos castanhos, olhos azulados, côr quasi branca, são conhecidos como filhos e habitantes de uma mesma região onde nasceram e habitam os *Carajas-pucús,* de côr negra, de cabellos e olhos pretos; onde vivem os *Jurunas* com sua côr amarello-clara e cabellos negros, tendo por vizinhos os *Tapuia-eretê* de côr de cobre, que não ficam muito distantes dos *Urupayas,* que aliás têm elegante presença e são de côr moreno-rubra.

Essas mesmas differenças, que encontro nos indios do Xingú, continúa ainda o Sr. conselheiro Brusque, têm sido observadas em differentes lugares, em diversos climas por notaveis escriptores. E' assim que Winterbotan e outros referem que na ilha de Hainan, na costa da China, entre os Malaios de Timor, na ilha de Nicobar, na Asia, na de Tuker, uma das Carolinas, na Nova Hollanda, os aborigenes uns são negros, outros côr de cobre.

.....

E' porém incontestavel, que não obstante estas differenças que se encontram nos indios desta provincia, e que se não podem explicar pela diversidade dos climas, a analogia entre a maior parte das raças e a mongolica é evidente em geral na côr da pelle e dos cabellos, na pouco ou nenhuma barba, na direcção dos olhos e na grande saliencia que apresenta a ossa jugal.

Como, porém, esta grande differença que se encontra na apparencia dos indios, comparados especialmente com os brancos, tem sido attribuida por alguns naturalistas a uma

differença osteologica, seria para desejar que pudessemos estudar todos os typos diversos, que ainda encerram as matas das provincias do Pará e Amazonas, onde abundam tão extensas e variadas tribus. (1)

Estudando ainda o indio pelo lado moral, assim se exprime o Sr. conselheiro Brusque :

« O caracter do indio é o mesmo em todas as tribus, com as raras excepções que a civilização tem já estabelecido.

« Inaccessivel a todo sentimento generoso, indifferente a todos os motivos de gloria, de honra e de reconhecimento.

« Vingativo, porque a idéa de perdão não cabe em sua intelligencia de indio.

« Para elle o sangue pede sangue, quér seja em aguerrido combate, quér por effeito da mais execranda traição.

« Faminto e insaciavel quando encontra abundancia de meios de lenir a lei da fome ; sobrio e soffredor em extremo, quando lhe fenecem os recursos.

«Indolente, inimigo do trabalho, sem inquietação pelo futuro, incapaz de previdencia e reflexão.

« Entretanto é em geral docil ao aceno do homem civilizado, a cujo trato se sujeita, até que a impassibilidade de seu caracter se esgote, sempre porque o trabalho lhe repugna. »

O Sr. Gonçalves Dias, apreciando o indio pelo mesmo lado moral, descreve-o com as côres que lhe emprestára a sua opulenta imaginação de poeta. Em verdade não achamos de modo algum parecido o retrato que esboça com o do indio, que temos estudado no Amazonas.

Eis como se exprime aquelle notavel poeta :

« Generosos e beneficentes entre si, a ponto de fazer inveja áquelles que se ufanam de seguir a religião da caridade, por instincto de coração, que não por dever, o selvagem offerece quanto tem ao seu companheiro necessitado ; não esmola, reparte, e ha nisto tanta sinceridade, que, comprazendo-se elles de obsequiar a todos, tomam por injuria a rejeição da offerta. Vem d'aqui haver-se-lhes negado toda a idéa de propriedade, e tambem porque o furto, como outros crimes e como muitas enfermidades, era-lhes desconhecido até de nome, antes da chegada dos europeus.

«Infatigaveis no proseguimento e execução do projecto para o qual os attrahisse ou a vaidade compromettida ou os proprios habitos, seguiam á pista de animaes ou de inimigos dias e noites com admiravel paciencia e ainda mais admiravel astucia. A fome, a sêde, o cansaço, nenhuma impressão pareciam produzir sobre elles, e jactanciosos, como eram ciosos da fama, cheios de orgulho, nem a morte os intimidava, nem os tormentos os abatiam. Offereciam o peito descoberto á setta hervada, e quando prisioneiros, semelhantes ao mexicano deitado na grelha e consumido a fogo

---

(1) Vid. o relatorio do conselheiro Brusque, de 1863.

lento, com inalteravel constancia levavam ao cumulo o assombro de seus oppressores. »

«Apreciando-o ainda sobre uma outra face, assim se exprime, e quiçá com mais exactidão:

« Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem os indios tanto aos mais duros trabalhos, que Ulloa os chama *insensiveis*, pela coragem com que supportam os soffrimentos; e em outra parte os denomina *animaes*, porque são robustos e não os incommodam muito as fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a sêde e a fome e raras vezes adoecem; bem que affrontem a humanidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra as molestias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que têm as mulheres indigenas, de paridas lavarem-se logo em agua corrente, continuando no mesmo dia o seu trabalho, como se nada lhes houvesse acontecido.

« Os velhos ignoram os males da decrepitude, possuem o gozo dos sentidos, como na mocidade, conservam os dentes intactos e os cabellos que não cahem nem alvejam nunca, têm a vista, o ouvido, o olfato finissimos, os movimentos desembaraçados e o rosto pouco enrugado.

« Quanto á longevidade, d'Orbigny conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando porém que poucos passam além de 80.»

Dizem Lery e outros, que chegam aos 120 e mais annos.»

E em outra parte:

« Educados nas florestas, com um tacto de observação extremamente delicado, adquiriam invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas, distinguem sons quasi imperceptiveis, que lhes revelam a passagem de um animal, quebrando os ramos ou a marcha cautelosa do guerreiro, que os evita. Pelas pegadas que viam impressas no chão distinguiam a tribu que alli passára e pelo olfato a direcção que levava. Olhos de lynce, descobriam nas sombras das florestas o inimigo ou a presa e com o arco despediam por entre as folhas a morte rapida e silenciosamente. »

Os productos do rio Xingú, cujas margens são talvez as mais ferteis e ricas da provincia do Pará, são numerosos, distinguindo-se como principaes a borracha, o cacáo, a castanha, a estopa, o cravo e o breu.

A parte inferior do rio é habitada por gente civilizada, encontrando-se nella as povoações de Souzel, Pombal, Maruá (que substituio a antiga povoação de Veiros), Porto de Moz, Villarinho do Monte, Tapará, Carrazedo e Boa-Vista.

Todos estes povoados, que vão em crescente decadencia, devem sua origem a differentes tribus, outr'ora missionadas pelos jesuitas e pelos padres capuchos da Piedade.

Porto de Moz, a antiga aldêa de Maturú, fundada pelo padre João Maria de Gorçoni e elevada á categoria de villa em 1758, é a povoação principal do rio Xingú e a unica que não tem retrogradado. Collocada no fundo de uma extensa enseada, em terreno plano e enxuto, notavel ainda pela

sua salubridade, a feliz situação desta villa, quasi defronte dos furos do *Urucury-caia* e do *Aquiqui*, a tem constituido ponto obrigado de escala dos vapores, que navegam o Amazonas.

Consta a villa de duas ruas com 126 casas, das quaes apenas 27 são cobertas de telha; tem cinco casas de negocio. A igreja é nova, mas já ameaça ruina.

A população da villa é, durante o inverno, de 600 almas pouco mais ou menos, mas durante o verão fica quasi deserta em consequencia da emigração para os seringaes. Em 1873, diz o Sr. Ferreira Penna, que apenas encontrou 27 pessoas, que habitavam quatro casas.

Carrazedo, a antiga aldêa do *Arapijó*, onde os padres capuchos tiveram outr'ora um hospicio, cujas ruinas, segundo attesta Baena, se chegaram a ver até o anno de 1786, acha-se situado sobre um alto lombo de terra, á margem direita do Xingú.

Vai em decadencia.

Tapará é uma pequena povoação, composta de uma rua com 44 casas pequenas, cobertas de palha.

A população é de 300 almas, pouco mais ou menos.

Fica situada ao pé de uma praia e sobre terreno secco, que se vai gradualmente elevando até pequena altura.

Tem um bom cemiterio, mas não possue uma igreja ou capella.

A povoação de Boa-Vista está situada á margem direita do Xingú, defronte do furo *Urucury-caia*, em terreno elevado.

Já chegou a ter uma população de 300 almas; actualmente porém está muito decadente.

A povoação de *Veiros* ou *Maruá*, na foz do riacho Maruá, era a antiga aldêa de *Itacuruçá*, fundada em 1637 pelo padre Luiz de Figueira.

Está em completa decadencia. Tem umas 20 casas de palha, das quaes apenas duas em bom estado. « A unica creatura humana que alli encontrámos, diz o Sr. Ferreira Penna que a visitou em 1873, foi uma mulher de raça tapuia, que mora em um sitio, d'onde tinha vindo para lavar sua roupa nas aguas crystallinas do rio.

« A matriz, que era coberta de palha, já desabou quasi toda; ao pé do altar-mór esboroado estavam em montes pelo chão os destroços das pequenas columnas do altar, com seus ornatos em espiral, suas volutasinhas e capiteis, tudo em pedaços. São ainda os restos da velha capella construida por artistas indigenas ha cerca de 170 annos, algum tempo depois que as aldêas do Xingú, missionadas ao principio pelos padres da Piedade, passaram á administração dos jesuitas, que dellas faziam questão impertinente. »

Pombal, a antiga aldêa de *Pirauiri*, administrada pelos jesuitas, acha-se bem situada na foz do *Tocano-cuara*.

Como as demais povoações, tambem vai em decadencia. Já possuio 600 almas; hoje porém não tem mais de 300.

Em Pombal, diz o Sr. Ferreira Penna, não ha industria, nem commercio de importancia, nem escola, nem missa.

A povoação de *Souzel* não é mais a antiga aldêa, missionada pelos jesuitas, com a denominação de *Aricary*. Esta achava-se situada na margem esquerda do Xingú, de onde foi transferida para o lugar que hoje occupa, na margem opposta, entre os riachos *Maxuacá* e *Coroatá*, abaixo da ponta do *Jutahy*. A antiga *Aricary* achava-se em uma abertura ou valle estreito, entre altas barreiras, lugar em que hoje ha uma palhoça, diz o Sr. Ferreira Penna, e é conhecido pelo nome de *Cumbé*.

Souzel, diz ainda o Sr. Ferreira Penna, é, relativamente, a povoação mais florescente da comarca de Gurupá, posto que muito menos extensa do que a villa deste nome e a de Porto de Moz. Consta de duas ruas, algumas pequenas travessas e uma praça, compostas de 18 casas e 10 palhoças com 206 pessoas, que formam 22 familias.

Em toda a freguezia ha pouco mais de 200 fogos, habitados por 1.025 pessoas, sendo 560 do sexo feminino.

Durante o verão (de Setembro a Janeiro) a população do districto multiplica-se, subindo a 4 e 5.000 pessoas, por causa da população adventicia, que se accumula nos seringaes das ilhas da freguezia.

A povoação tem um cemiterio e uma igreja matriz, que é moderna e se acha em estado decente, faltando-lhe porém alfaias e paramentos sufficientes. Debaixo do altar, continúa o Sr. Ferreira Penna, vi uma bella imagem do Senhor morto, de tamanho natural; é, em esculptura deste genero, a obra mais perfeita que tenho visto no Pará.

Depois de ter recebido o caudaloso rio Xingú, inclina-se o Amazonas para o NE., perto da villa de Gurupá.

Tendo até então um leito de 6 milhas pouco mais ou menos, principia dahi em diante a alargar até 18 ou 20 milhas em Macapá, que na margem esquerda atalaia o oceano, na phrase do capitão tenente Amazonas.

A antiga villa de *Gurupá*, creada em 1639 e situada na margem austral do Amazonas, chamava-se primitivamente aldêa de *Mariocay*. « A villa de Santo Antonio de Gurupá, diz Baena, acha-se assentada na margem austral do Amazonas, com o rosto quasi para o occidente, sobre um terreno plano e elevado tres braças acima da prêamar, o qual na quadra das chuvas toma a fórma de peninsula, porque o igarapé *Guajará*, vulgarmente denominado da *Fortaleza*, por defluir junto a elle, e os igarapés *Hiumacy* e *Jacupy*, da parte de cima da villa, inundam a parte baixa da sua espalda, chamada *Piry do Jacupy*, deixando uma lingueta de terra de tres braças de largura e pouco mais de comprimento, a qual não fica mergulhada e da qual começa a alçar-se o solo para o interior. »

A divisão jurisdiccional, que em 1842 tocava a esta villa e que não me consta tenha sido alterada, começava, segundo Baena, pela margem meridional do Amazonas do furo Tajipurú e acabava no rio Mayary, entre o qual e a villa estão as freguezias de *Villarinho do Monte* e *Carrazedo*, e pela margem septentrional começava do rio Cajary e acabava no

rio Parauáracuuba, em cujo espaço se comprehendem a *missão do rio Jary* e as freguezias de *Arrayollos*, *Esposende* e *Almeirim*, antigas villas, hoje degraduadas.

Jazem dentro desta divisão, continúa Baena, muitas ilhas e rios; os de nome conhecido são a ilha e o rio Guajará, a ilha *Jauáriuba* ou ilha grande de Gurupá, como lhe chamam commummente, a qual demora fronteira á villa no apartamento de duas folgadas leguas, a sua ponta da parte de cima do rio defronta com o sitio da freguezia de S. José de Carrazedo e a da parte debaixo com a ilha Paracuúba que lhe encobre a ilha dos Porcos pela parte de cima.

Tem no lado que olha para a villa, principiando da parte de cima, o igarapé, Jauariuba, o furo de Serapuhy, o rio Taissuhy, o rio Uruahy, o rio Mojú, o rio Maraniny, o rio Murúmurúpucú (*espinho comprido*), o rio Mararú, o rio Taparicuera, o rio Baquiá, o rio Matity-pucú (*cortiça comprida*), o rio Manicuera-assú (*mandioca grande*), o rio Guaryuba (*guariba vermelha*), o rio Murúmurutuba (*muito espinhoso*) o rio Uarapetó (*penna de guará*). Na extremidade desta ilha está o furo Uariuba, cuja boca olha para a ilha Arananuhy, estante a leste, e por este furo se passa para a banda do norte do Amazonas, isto é, para a margem em que desemboca o rio Mutuacá, da villa de Mazagão.

Todos os rios supramencionados nascem dentro da ilha, e do mesmo centro se derivam outros, que desaguam no lado opposto: jazem entre esta mesma ilha e o continente septentrional muitas ilhas de diversa grandeza e posição.

Entre a dita ilha e a fortaleza até na distancia de uma legua, a ponta da ilha apellidada Membuassú (*buzina grande*) mas vulgarmente chamam-lhe *ilha pequena de Gurupá*, della a ponta de baixo corresponde á boca do rio Pucuruhy.

No lado desta mesma ilha, fronteiro ao espaço que medeia entre o dito rio e a fortaleza, têm barra os seguintes rios:

1.° O Igarapé-assú, 2.° o furo do Sanhiá (*furo do rato*), 3.° o igarapé Pinanduba (*muita palha miuda*), 4.° o igarapé Tujucagica (*tujuco apegadiço*), 5.° o igarapé Inajá-miry, 6.° o igarapé Sanhiá-pucáua (*assento do rato*), 7.° o rio Membuassú, 8.° o rio Jenipapo, 9.° o rio Urutanhy (*passaro deste nome*).

Defronte da ponta superior da ilha grande de Gurupá, jaz a ilha nomeada *Cujuba*, cuja ponta superior ou de cima está vizinha da entrada do furo Urucuri-caia (*urucury queimado*), na mesma ilha Cujuba ha um furo, que extrahe della o nome, e no meio do qual deflue o igarapé Uirahy (*agua do passaro*).

O territorio da freguezia da villa principia do furo Tajipurú e fenece no igarapé Cariá, cuja boca dista da villa oito leguas: entre o Tajipurú e a villa ha o rio Pucurahy, remoto della seis leguas, no qual desagua o igarapé Bacá, e tambem a rio Tapereira: e entre a villa e o igarapé Cariá, o igarapé Jacupy, proximo a ella, o igarapé Marinhoá, o igarapé Ma-

caco, o igarapé Gurupa-miry, o igarapé Maria Ribeiro, que nos mappas tem o nome de *Guajará-assú*, o rio Jocojó, o igarapé da Prainha, o igarapé Pacoval, o igarapé Sentenciado, o igarapé Sincantantuba (*lugar de muito breu*), o igarapé Caranatuba, e finalmente o igarapé Cariá, termo da freguezia da villa.

A villa de Gurupá foi já um lugar bem notavel. Ainda alli se vêem os restos de uma fortaleza, que com a denominação de Santo Antonio de Gurupá, foi mandada levantar em 1623 pelo capitão-mór Bento Maciel Parente, depois de terem sido batidos os hollandezes que guarneciam algumas casas fortes, para defenderem as suas feitorias e obstarem a navegação do Amazonas.

Era tão importante o commercio que ahi faziam os hollandezes e tão grandes os lucros que auferiam, que só no artigo peixe-boi, segundo assevera Baena, carregaram delle mais de 20 navios no anno.

Junto á fortaleza e para a banda que olha para o rio Xingú, havia um convento dos padres da Piedade, mandado fundar em 1692 pelo rei D. Pedro II.

Segundo Baena, ainda em 1786 viam-se as ruinas do convento.

No lugar deste convento, diz o padre jesuita José de Moraes, que houve antes um convento dos carmelitas calçados, que o deixaram por occasião da vinda dos padres da Piedade. « Foi neste convento dos carmelitas, continúa elle, que se prenderam os primeiros padres da companhia, no anno de 1661, na moção popular do Pará.

Baena, entretanto, assevera que este convento, fundado pelos carmelitas em 1645, foi por elles demolido em 1674, por causa de uma peste que arredou da villa muitos moradores assustados.

Os pantanos que cercam a villa são ainda hoje uma causa permanente das febres que alli grassam.

Gurupá, outr'ora tão florescente, acha-se hoje na mais lamentavel decadencia.

O *piracuhy* ou farinha de peixe é a alimentação quotidiana dos habitantes. Eis como a preparam. Depois de bem cozido, enxugam o peixe e levam-no para o forno até ficar bem secco, de modo a poder ser reduzido á farinha. Assim preparado, conserva-se por muito tempo e delle fazem uso por diversas fórmas.

O *piracuhy* mais apreciado é o do peixe *tucunaré*. Na ultima exposição de Pariz foi esta conserva tida como a melhor.

O condimento mais apreciado, tanto ahi como em todos os pontos do valle do Amazonas, é o *arubé*. E' uma especie de conserva muito semelhante á mostarda. Preparam-na do modo seguinte: amollecem a mandioca, deixando-a n'agua por alguns dias, tiram-lhe a casca, espremem-na, e depois de bem seccada e coada, escaldam-na com um pouco d'agua a ferver e seccam-na de novo, misturando-lhe certos adubos, como pimenta, alho, etc.

O *mujanguê*, de que tambem muito usam, é uma especie de massa, preparada com ovos de tartaruga ou de tracajá e farinha d'agua, e depois desfeita n'agua para ser bebida.

A farinha d'agua é a de que geralmente se servem em todo o valle do Amazonas. Em alguns lugares é sobremodo difficil aos que não estão habituados áquella farinha obter a de que usamos nas provincias do sul.

Eis como preparam a farinha d'agua:

Põe-se a mandioca de molho por espaço de quatro dias ou menos; depois amassa-se com agua e sujeita-se á pressão do *tipiti*, para extrahir-lhe o caldo. Feito isto, peneira-se a massa na *gurupema* ou *urupema* e coze-se em fornos de barro. Quasi sempre junta-se um pouco de massa fresca á mandioca puba.

Ha talvez no valle do Amazonas para mais de 40 qualidades de mandioca, umas amarellas e outras brancas; umas que chegam ao completo desenvolvimento em seis mezes e outras em 10 ou 12.

Os naturaes aproveitam a época da vasante para, pelas margens dos rios e dos igarapés, as quaes ficam á descoberto no verão, plantarem a mandioca de seis mezes.

A villa de Gurupá é a cabeça da comarca do mesmo nome e cuja população, segundo o recenseamento de 1872, é calculada em 8.160 almas. Temos, porém, muito bons fundamentos para asseverar que não é ella inferior a 10.000 almas.

Em 1812 continha a villa 162 fogos com 715 habitantes.

Da villa de Gurupá para baixo divide-se o Amazonas em dous grandes braços, um que segue directamente para o Oceano, e o outro que vai communicar com o Tocantins por meio do canal do Tajipurú (1). O primeiro braço ou mais vulgarmente chamado, a primeira bocaje a maior e que é geralmente considerada a verdadeira entrada do rio, segue o rumo do norte ou de Macapá; e a segunda a do sul ou do Pará.

Deixemos por emquanto o segundo braço daquelle rio e seguindo para o norte, paremos por alguns momentos diante da cidade de S. José de Macapá.

A antiga villa, hoje cidade de S. José de Macapá, foi fundada com a denominação de *Lugar* em 1752, na administração do benemerito governador e capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, á margem esquerda do Amazonas cerca de 39 leguas de distancia do cabo do Norte e um

---

(1) O canal do Tagipurú ou Tajapurú entra na bahia de Melgaço, poucas milhas acima da sua foz; segue parallelamente aos rios dos Breves e Macacos e vai sahir no Amazonas, umas 40 milhas acima da desembocadura dos Macacos, communicando com o rio dos Breves pelo estreito furo ou canal do Aturiá, que vem surgir quasi no mesmo ponto de bipartição deste rio.

pouco ao norte do lugar em que existira a fortaleza de Santo Antonio. (1)

Está assentada em terreno desigual e elevado de 15 a 20 pés sobre a superficie das aguas na baixa-mar. O desembargador ouvidor João da Cruz Diniz Pinheiro foi o encarregado do traçado de suas ruas e da demarcação de sua área.

A 4 de Fevereiro de 1758 foi elevada á categoria de villa. «Nesse dia o desembargador ouvidor geral e corregedor Pascoal de Abranches Madeira Fernandes annunciou erecto em villa o *lugar* de S. José de Macapá, e alçou logo o pelou-

---

(1) Em 1686 o capitão-general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho resolveu fortificar a margem septentrional do Amazonas para pôr termo ás incursões dos francezes. Para este fim alli se apresentou com o jesuita Alvisio Corrado, italiano, distincto mathematico; e depois de examinar as posições dos antigos fortes *Torrego*, *Camaú* e *Maricary*, tomados aos inglezes e hollandezes, funda em Abril de 1688, sobre as ruinas do segundo, a fortaleza de Santo Antonio de Macapá, pouco acima da actual.

Esta providencia mais significativa exasperou o governo de Cayena, que contava com o nosso descuido naquella fronteira; e um dos chefes mais audaciosos, o Marquez de Ferolles, dirigia em 1691 um officio ao mesmo capitão-general, para que evacuasse os territorios da margem septentrional do Amazonas, porque era esse o limite da Guyana Franceza.

Repellida como mereceu ser tão impertinente reclamação, em 31 de Maio de 1697 foi a fortaleza de Santo Antonio de Macapá sorprendida e tomada pelo mesmo marquez de Ferolles, fundando-se para este commettimento no alludido pretexto.

O commandante da fortaleza, Manoel Pestana de Vasconcellos, rendeu-se com toda a sua guarnição sem dar um tiro!

Este desastre accendeu os brios do capitão-general, e passados 40 dias Francisco de Souza Fundão, auxiliado de João Muniz de Mendonça, tomaram de assalto a fortaleza, depois de um renhido combate.

Em 4 de Março de 1700 celebrou a França com Portugal um tratado provisional; pelo qual obrigava-se a primeira a não invadir o nosso territorio até final solução da questão, demolindo os portuguezes as fortificações que tinham na foz do Amazonas.

A este tratado seguio-se o de Utrecht em 1713, que fixou definitivamente os nossos limites com a Guyana franceza. Esse celebre tratado foi posteriormente reforçado pelo de Vienna em 1815 e convenção de Pariz de 1817, cujas disposições consignámos no artigo relativo ao mappa n.° II.

Aquelles tratados não fizeram mais do que renovar a doutrina consagrada pelos ajustes dos reis de Hespanha e de Portugal, em execução da bulla do papa Alexandre VI, fixando no rio Oyapock o limite do dominio das duas corôas, para o que firmou-se no cabeço da montanha, hoje denominada d'*Argent*, ao occidente do cabo de *Orange*, outr'ora de *S. Vicente*, um padrão com as armas de Portugal, que ainda em 1724 e 1727 fôra visto e examinado pelo capitão João Pedro do Amaral e sargento-mór Francisco de Mello Palheta, autorizado pelo capitão general do estado do Maranhão João da Maia da Gama. E outro tanto fez em 10 de Junho de 1628 o capitão Diogo Pinto da Gaia, em obediencia ao governador Alexandre de Souza Freire.

rinho, estando presente o capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado. » (1)

No dia 6 do mesmo mez e anno o governador e capitão general Mendonça Furtado, em carta dirigida á camara municipal, declarou que o termo da villa « começava da parte do norte até onde chegam os dominios de Sua Magestade Fidelissima ; e pela parte do nascente até a bahia chamada do Vieira, correndo por ella acima contra o sul até o furo, que fica defronte do igarapé nomeado do Curussá, cuja margem oriental ficava pertencendo ao territorio da villa. »

Em 1753 mandou o governador construir alli quarteis para a tropa e abrir umas vallas, não só para servirem de abrigo ás canôas, que ficavam muito expostas na praia, como tambem de despejo ou escoadouro aos pantanos que ficavam proximos.

Actualmente acham-se obstruidas essas vallas pelas grandes accumulações de tijuco, troncos de arvores, ramagens, etc., cujas emanações putridas tanto concorrem para a insalubridade daquelle lugar.

Diz Baena, que tanto se enamorou o governador da localidade de Macapá, que chegou a expressar em um dos seus officios para a côrte—que aquella terra era um arremêdo das villas de Cintra e Collares, no termo de Lisboa.

« O districto da villa de Macapá, diz o Sr. conselheiro J. M. de Oliveira Figueiredo em um minucioso relatorio apresentado em 1854 ao governo imperial, o districto da villa de Macapá ou mais propriamente o de sua municipalidade, occupa um terreno firme, intermediado de campos, que pelo norte se estendem até o rio Araguary, ou antes até os limites com a Guyana franceza e até o rio Matapy para o lado do sul.

« Ao norte lhe correm os rios Araguary, Guarijuba, Macacuary, Arapecú ou Pedreira, etc., e ao sul o Matapy, Anauarapucú ou Villa Nova, etc.

Depois do tratado de Utrecht, cuja execução, quanto á demarcação, não se levou a effeito, por interesse da França, que nenhum desejo tinha de realizal-a ; propuzeram os francezes em 1720 ao governador Bernardo Pereira de Berrêdo a abertura de communicações e commercio reciprocos, e venda de indios para os seus estabelecimentos de Cayena.

Esta proposta, não podendo ser acolhida, excitou os francezes a renovarem suas incursões no nosso territorio ; o que se houvera impedido com estabelecimentos nossos na margem direita do Oyapok, que o governo creado em Macapá vigiaria melhor do que o do Belem.

O tratado de 13 de Fevereiro de 1761, annullando o de 13 de Janeiro de 1750, e as suspeitas que já existiam de uma luta com a França e Hespanha, em consequencia do Pacto de Familia, arrancou de sua somnolencia a côrte de Lisboa, até então muito atarefada em descobrir e exterminar jesuitas.

Nesse momento lembrou-se o Marquez de Pombal de fortificar a foz do Amazonas. (PINSONIA, pelo *senador Candido Mendes de Almeida.*)

(1) Baena.

« Todo este terreno é fertilissimo e proprio para a lavoura, e seus campos excellentes para a criação de gado em grande escala; tendo sobre os de Marajó a vantagem de se não alagarem ou *ir ao fundo*, na phrase alli usada, na estação chuvosa.

« Produz o districto, no seu muito extenso territorio, cacáo, cravo, cumarú, oleo de copahyba, breu, castanha doce, salsa, estopa, algodão, baunilha, etc., e diversas e superiores madeiras de construcção e de marceneria.

« As ilhas adjacentes, pertencentes ao municipio de Macapá, têm por linha divisoria a bahia do Vieira.

« Ellas são, posto que varzeas, proprias para a cultura de mandioca, arroz, feijão, algodão, milho e canna.

« Tambem encerram em si boas madeiras e sobretudo ahi abundam as arvores das quaes se extrahe a lucrativa gomma elastica, arvores estas que tambem ha em grande cópia na terra firme ou continental de Macapá.

« E' riquissimo o districto em caça tanto volatil como rasteira e os rios produzem muito e saboroso peixe. Ha tambem tartarugas em abundancia e se fabrica a manteiga dellas.

« Nos lagos do braço do rio Araguary, chamado *Aporema*; no Gurujuba e em Villa Nova ou rio Anauarapucú, ha muito pirarucú, peixe este que salgado semelha ao bacalháo e serve de sustento quotidiano á classe menos abastada e á escravatura, não se desprezando os de mais elevada posição em lhe dar as honras da mesa, por isso que não é desgostoso....

.....

« De alguns documentos truncados que encontrei no archivo da Fortaleza organizei o quadro demonstrativo da exportação de Macapá desde o anno de 1807 alternadamente até 1816.

« Hoje a exportação faz muito maior vulto.

« Não tive dados officiaes para a reconhecer exactamente, por isso que alli só se manifestam os generos que se gastam por consumo, e os demais vão para a cidade sem guia e são nas repartições fiscaes despachados, sem declaração da procedencia; todavia por minuciosas indagações que fiz, posso dizer, sem que me afaste muito da verdade, que a exportação de Macapá em 1853 andou por 400:000$000, talvez para mais, sendo representada pelos seguintes artigos commerciaes:

« — Seringa ou gomma elastica 6.000 arrobas; castanha 4.000 alqueires; couros de gado 1.000; azeite de andiroba 150 potes; bois em pé 250; rolos de panno 200; cacáo 100 arrobas; taboas de cedro 50 duzias.

« O taboado de cedro é tirado dos grossos madeiros desta especie, que descem pelo Amazonas e que em grande quantidade se vão perder no oceano, por não haverem montadas serrarias em grande pé; que até mui facilmente poderiam ser movidas por agua e servirem para um ramo de industria lucrativa e até para abastecerem o arsenal de marinha do Pará, que outr'ora fez náos e fragatas..... »

Passa geralmente a cidade de Macapá por um lugar insalubre e doentio, e bem que contra essa crença protestem os habitantes, o que é certo, porque os factos o comprovam, é que reinam ahi periodicamente febres intermittentes e algumas vezes de máo caracter.

Exageram os que dizem que o clima de Macapá é deleterio, envenenado e inhospito, um verdadeiro *matadouro*, em fim; assim como exageram os habitantes que consideram-no sobremodo saudavel e benigno, um sitio sadio e o mais sadio de toda a provincia do Pará.

Em uma representação que em 1870 dirigiram á camara dos Srs. deputados os habitantes da comarca de Macapá, pedindo a creação de uma provincia no territorio comprehendido na margem esquerda do Amazonas entre o rio Nhamundá e os limites septentrionaes do Imperio, tendo por capital a cidade de Macapá, exprimiam-se elles do seguinte modo:

« Macapá foi e ha de ser sempre um sitio sadio, e ousamos asegurar que é o *mais sadio de toda a provincia do Pará*, tanto é isso verdade, que em Macapá a unica molestia até hoje conhecida são sezões em certas quadras do anno, e em tempos idos nos foi importada a bexiga que fez estragos na população, unica epidemia mortifera de que temos sciencia.»

Contestando a existencia dos pantanos que circumdam a cidade e que são a causa primordial das febres que alli reinam em *certas quadras do anno* e que sem elles não teriam explicação plausivel, continuam os assignatarios da representação:

« Essas historias de assacuseiros, de pantanos e de aguas envenenadas, são falsas e sómente existem na imaginação daquelles que olham para Macapá através de um prisma diverso do que elle é em si mesmo. Os abaixo assignados compenetrados do maior sentimento de verdade passarão a expender o que sejam esses sonhados *pantanos*, *assacuseiros* e *aguas envenenadas*; e finalmente mostrarão a causa primordial d s sezões que em uma ou outra vez, no curso dos annos, nos accommettem com os mesmos symptomas de frio, calor ou febre e suor em sua declinação, como sóe acontecer em todo o Brazil.

« Não temos pantanos propriamente ditos. E' geralmente sabido que em Macapá existem dous igarapés: um corre ao sul da cidade, proximo á Fortaleza pelo norte della; o outro corre ao norte da cidade, conhecido com o nome de igarapé da *Companhia ou das Mulheres*.

« O primeiro igarapé, entrando um pouco para o interior em distancia de 400 braças, termina por encontrar terra muito alta de onde principiam os magnificos campos de criação.

« As duas margens deste igarapé são bordadas de um terreno que se chama *varzea*, todo composto de barro maçapé e terá a extensão de 60 braças em sua largura até a beira da terra alta, onde está collocada a cidade. Nos lugares mais baixos desta bonita varzea onde o inverno fazia conter al-

guma agua, abriram-se sargetas que deram esgoto ás aguas reprezadas; no verão porém toda a varzea sécca e a maré, quando cheia, entra pelas sargetas, e descem as aguas na vasante, ficando tudo limpo. Eis o que chamam *pantanos*.

.....

« O segundo igarapé chamado da *Companhia*, a que tambem chamam das *Mulheres*, corre tambem entre duas varzeas, que bordam suas margens, em tudo iguaes á que fica descripta. Estas varzeas em toda a sua extensão não têm um só pé de assacuseiro, todas ellas estão cobertas de capim, pequenos arbustos e muito tabocal a que ahi na provincia do Rio de Janeiro chamam *bambú*..... »

Desculpem-nos porém os assignatarios da representação, se continuamos a acreditar que os pantanos que rodeam a cidade são a causa primordial das febres que alli reinam. Pessoas imparciaes e criteriosas attestam a sua existencia. Em 1849 para o jornal *Treze de Maio* escrevia de Macapá um insuspeito correspondente:

« A unica causa e origem a que attribúo as molestias epidemicas, que ceifam desapiedadamente esta população, são os immensos pantanos, que circumdam esta villa. São esses pantanos a unica origem e causa dessas epidemias. Se este lugar está condemnado a supportar tantos soffrimentos, é porque lhe coube por sorte uma situação geographica má, e para isto crer-se firmemente, é bastante saber-se que, não obstante estar fundada esta villa em lugar elevado, está dominada quasi em circumferencia de pantanos e valles; e sendo a vizinhança desses pantanos e valles, insalubre, é claro que o perigo augmenta pelo calôr do clima e sobretudo pela situação deste lugar, cujo vento dominante passa, antes de lhe chegar, por lugares lodosos; e para tambem crer-se que é má a posição geographica deste lugar, é bastante examinar todos os seus habitantes para logo ver-se, que além de uma côr livida, apresentam desde os primeiros annos os signaes da velhice e do soffrimento.... »

Ha effectivamente pantanos que viciam o ar e concorrem para o desenvolvimento das febres. O que convem é extinguil-os e isto póde-se fazer com algum trabalho e boa vontade. Em 1753, como já ficou dito, mandou o governador abrir vallas para servirem de escoadouro aos pantanos. Em 1828 o major Ignacio Pereira, governador da Fortaleza, mandou igualmente alli abrir vallas pelos presos sentenciados a degredo, e o que é certo, é que de 1828 a 1841 logrou saude aquella localidade, desapparecendo as febres.

Referindo-se a Macapá, assim se exprimia em 1863 o Sr. conselheiro Brusque:

« Pelas mesmas causas (os pantanos) soffre Macapá o flagello das intermittentes paludosas, que, variando mais ou menos de symptomas, não respeitam idade, constituição e temperamento.

« Alli, a abertura das vallas, cuja limpeza fosse regularmente mantida, dariam o necessario escoamento das aguas

estagnadas dos *immensos charcos*, que confinam com os limites urbanos.

« A distribuição dos assacuseiros, que alli vegetam em grande quantidade no seio desses terrenos alagados, é de indeclinavel necessidade, para evitar o maior desprendimento de miasmas, que exhalam as folhas cahidas e em putrefacção. »

Os assignatarios da representação, posto que reconheçam e declarem que ha febres intermittentes em Macapá, consideram como causa primordial dellas, a grande humidade das casas, as quaes sendo quasi todas de taipa, destituidas de condições hygienicas, collocadas em terreno que muito se humedece pelo inverno, motivando evaporações humidas, não podem deixar de influir de modo muito pernicioso na saude de seus habitantes, principalmente sabendo-se, como é certo, que em Macapá todos dormem em rêdes, nellas adoecem e nellas morrem.

A estas razões contrapômos o juizo de um illustrado profissional, o Sr. Dr. Francisco da Silva Castro. Eis, quasi em sua integra, o officio dirigido por aquelle illustre medico ao presidente da provincia, em Maio de 1851, em resposta ao que com data de 16 de Maio do mesmo anno lhe fôra endereçado. (1)

« A febre *endemica* de Macapá não é outra cousa mais do que uma febre intermittente ordinariamente quotidiana, em alguns casos terçã e raras vezes quartã, irradiada de phlogóses do baço, figado, estomago ou pancreas separadamente, ou de dous destes orgãos conjunctamente ou de todos ao mesmo tempo. Algumas vezes a febre toma o caracter remittente, o que é devido ao abandono em que os doentes têm jazido ou á exacerbação da molestia pelos máos tratamentos empregados. Uma ou outra vez consta-me que se tem manifestado sob o aspecto pernicioso. Os symptomas daquella febre são todos os da febre intermittente e o seu typo physionomico encontra-se por via de regra nos individuos habitualmente sujeitos á acção das causas que a determinam, e não em todos os habitantes daquella villa, porquanto é necessario fazer uma distincção muito importante entre aquelles e os que accidentalmente se expõem á acção das ditas causas.

---

(1) Illm. Sr.— Tendo-se, ha annos, manifestado periodicamente na villa de Macapá uma epidemia de febres, cujos estragos têm sensivelmente diminuido a população e sido causa da decadencia da mesma villa, e cumprindo que se empreguem os meios necessarios para se extinguir, ou ao menos minorar a intensidade desse flagello, peço a V. S. sirva-se de dar-me o seu parecer:

1.° Sobre a natureza ou physionomia de tal epidemia.

2.° Sobre as causas a que a attribue.

3.° Sobre os meios que julga mais convenientes para as remover.

Deus guarde a V. S.— Palacio do governo da provincia do Pará, 16 de Maio de 1851.— *Fausto Augusto de Aguiar*.— Sr. Dr. Francisco da Silva Castro.

« A successiva repetição dos ataques febris, que apezar dos mais bem combinados tratamentos therapeuticos voltam de tempos a tempos, mórmente quando os sujeitos continuam a expor-se ás mesmas causas, a indigencia, o empyrismo e não poucas vezes a negligencia e indifferença dão occasião a alterar-se profundamente a constituição physica dos infelizes doentes, a ponto de se tornarem dignos de compaixão. E' no seguinte estado, que passo a desenhar, que ordinariamente elles se offerecem ás vistas do observador.

« Além de serem em geral dotados de temperamento lymphatico em alto gráo, taes individuos têm a côr baça, pallida e de um amarello desvanecido, o olhar abatido e languido, os olhos de um branco sujo, as palpebras entumecidas, os labios lividos, os dentes máos e da côr do marfim, a voz rouca e fraca, a pelle ora secca, ora inundada de um suor viscoso e debilitante, parece transparente ; nas palmas das mãos e plantas dos pés é a pelle alvacenta côr de palha ; são magros, macilentos e de um aspecto como balofo, os seus movimentos são lentos, penosos e sem energia ; vivem constantemente tristes e indifferentes aos males proprios e alheios ; têm as carnes molles e as visceras abdominaes volumosas e hypertrophiadas ; a circulação venosa muito apparente e predominante, o sangue mui depauperado, e á medida que são mais profundamente atacados apparecem alterações organicas no baço e figado ; ficam decrepitos antes do tempo e morrem cacheticos, marasmados, anasarchicos, hydropicos ou obstruidos das visceras abdominaes.

« Tal é o deploravel quadro do viver, ou antes do padecer daquelles habitantes, subordinado a uma escala infinita de gradações.

« A causa ou causas geradoras destas febres provém da nocuidade dos pantanos, paúes ou *ygapós*, por cujo nome são mais conhecidas nesta provincia as accumulações d'aguas sem vasão ou meteoricas ou de outra origem, que cercam aquella villa em diversas distancias. A configuração do solo de Macapá é plana, quasi ao nivel do Amazonas, na embocadura da margem esquerda deste rio, na região outr'ora conhecida pelos geographos por Guyana portugueza. Esta denominação dá exuberante idéa da vastidão dos terrenos alagadiços daquella paragem. Entre a villa e a fortaleza corre um pequeno *igarapé* ou regato, que a custo dá sahida ás aguas pluviaes de um terreno baixo e argiloso, que circumda toda a villa em deredor, logo ha poucos passos, por detraz das ultimas casas. Este tremedal, de algumas braças de extensão, quasi raso, muito immundo, todo coberto de grandes arvores de assacú (*ura brasiliensis*), tanto pelas margens, como pelo seu meio, não só recebe as aguas das chuvas, que escoam do terreno contiguo, um pouco mais elevado, em que estão assentadas a villa e a fortaleza, como tambem participa das aguas do rio nas marés grandes, e em quantidade tal, que aquellas transbordam consideravelmente fóra do leito do lago, como lhe chamam os habitantes. *E' este o fóco mais proximo* das causas da febre endemica, *é*

alli onde se operam de continuo as evoluções dos miasmas paludosos, provenientes dos detritos animaes e vegetaes, os quaes tão graves damnos causam á saude dos seus habitantes, particularmente daquelles que por sua precisão ou pobreza não duvidam arriscar-se para alli irem procurar alguns peixes, chamados do mato, para a sua subsistencia.

« Além deste pantano muitos outros existem nas cercanias, em distancia de duas, tres e quatro horas de marcha e alguns bastante extensos, procedentes da accumulação das aguas das chuvas em vastas depressões do solo destituido de sufficiente inclinação para a vasão dellas. E' nestes lugares onde acode a pobreza por motivo da pesca dos ditos peixes, onde tambem encontra o germen destruidor da saude e da vida.

« Além desta origem da molestia, não pouco concorrem os máos alimentos, de que usam aquelles povos e ainda muito mais a pessima agua que bebem, a qual é ou das cacimbas cavadas na praia ou de poços abertos nas margens do dito tremedal.

« Estas febres são endemicas daquella povoação talvez desde o momento da sua fundação; pelo menos corre tradicionalmente desde longa data, que alli foi sempre a morada das febres intermittentes, as quaes por vezes têm assolado mais ou menos os seus habitantes, particularmente nos mezes de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, o que parece ter sido devido sempre em todos os tempos, ao maior ou menor abandono em que têm ficado aquelles pantanos, fócos do envenenamento miasmatico, factor inquestionavel das mencionadas febres.

« Os meios que considero indispensaveis empregar para em uns lugares destruir e em outros corrigir aquellas fontes de enfermidade, são os que ensina a architectura hydraulica, isto é, dar outra direcção á corrente ou correntes d'aguas, que alimentam os pantanos, dar escoante e vazão ás aguas que existem estagnadas, a fim de se obter a sua dessecação, plantar arvoredos nos limites de todas as correntes d'agua e nas immediações dos pantanos, sujeitando estas plantações ás regras da arte. »

A proposito desta ultima medida lembrada pelo illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, recordo-me de que, com o fim de sanificar a localidade de Cametá, tambem constantemente atormentada por febres de máo caracter e com o fim de offerecer um meio prompto de medicação aos que della tivessem necessidade, tem por vezes o Sr. Dr. Philo-Creão lembrado a conveniencia e aconselhado o plantio da quina naquelle lugar.

Igual cousa poderia fazer-se para Macapá.

Seria altamente conveniente que o governo attendesse a esta humanitaria indicação, não deixando a sua aceitação unicamente ao arbitrio e escolha do povo.

Não é indifferente o cultivo das *chinchonas* e sendo sabido que a mais rica é a especie denominada *calysaia*, seria de

maxima importancia fazer-se a sua acquisição e distribuil-a pelos lavradores.

Eis os meios que aconselham os que estudaram as condições de salubridade de Macapá, para a destruição daquelles fócos permanentes de infecção:

— Communicar os tres igarapés que existem na cidade com os lagos, a fim de lhes ser a agua renovada, evitando assim sua prejudicial estagnação.

— Destruir todo o arvoredo venenoso que circula a cidade e que em seu recinto existe.

— Seccar o pequeno pantano existente ao sul da cidade ou conservar limpas as vallas e abrir outras.

— Ter o maior cuidado na limpeza dos poços que ministram agua potavel e não consentir que qualquer os abra aonde lhe parecer; mas sendo isso cousa em que intervenha a autoridade, mediante os exames precisos.

— Conservar as praças e ruas, sempre limpas e descapinadas, a fim de na occasião das chuvas não ficarem encharcadas.

— Ter a maior inspecção possivel para que os quintaes das casas particulares se conservem limpos e desenvolver o gosto de assoalhar as casas de madeira para as tornar menos humidas, e de as cobrirem de telha para as fazer mais arejadas.

Removidos estes elementos de insalubridade, diz o Sr. conselheiro Oliveira Figueiredo, ficará por certo a villa de Macapá (cidade) restituida ao estado de excellentes ares e iguaes aguas, que lhe dá Biena no seu *Ensaio corographico*, e della se poderá dizer com o illustrado autor da *Corographia Brazilica*, que é a villa formosa e das mais consideraveis da provincia do Grão-Pará.

A' pequena distancia da cidade e á margem do rio, está situada a celebre fortaleza de S. José de Macapá.

O governador Fernando da Costa de Athayde Teive, dirigindo-se a 25 de Janeiro de 1764 á villa de Macapá para observar a localidade, mandou dar principio ás obras de uma grande fortaleza, cuja administração confiou ao sargento-mór de engenheiros Henrique Antonio Galuzzi.

Esta grande praça, talvez a maior de todo o Imperio, serve hoje apenas de presidio aos sentenciados do Pará e do Amazonas, sendo entretanto ainda commandada por official de patente superior.

Foi seu primeiro commandante o sargento-mór Manoel da Gama Lobo de Almeida, varão preclaro, que morreu como governador da capitania de S. José do Rio Negro.

Deixemos fallar o illustre Sr. conselheiro Oliveira Figueiredo ácerca desse monumento da cidade de Macapá:

« Ao rumo de 31° sudoeste da villa—hoje cidade—, em distancia contada da igreja de 268 braças, existe a praça de guerra, que tomando da villa o nome, se chama de S. José de Macapá.

Esta praça é um quadrado de fortificação rasante edificada sobre terreno elevado de 20 pés acima do desnivelamento

das aguas e composto de terra vermelha e argila branca, mistura a que os naturaes chamam *Cury*, sendo sua propriedade o amollecer dentro d'agua e enrijar ao calor do sol.

« Nos angulos do quadrado estão quatro baluartes de figura pentagonal, em cada um dos quaes se acham praticadas 14 canhoneiras lançantes.

« A artilharia, que as guarnece, nada deve aos melhoramentos que tem soffrido a construcção desta arma.

« Está ella toda montada em reparos mais ou menos perfeitos a Onofre, mas notei que são estes tão altos, que para dirigir as pontarias, se precisariam de artilheiros de mais que regular estatura.

« Os reparos trabalham sobre o terrapleno, por isso que nenhum delles tem plataformas.

« As grossas muralhas da praça são de cantaria escura, habilmente trabalhada e extrahida das rochas que existem duas marés acima da embocadura do rio Pedreira, que desagua 20 1/2 milhas ao noroeste da villa de Macapá e aonde me informaram que ainda existem algumas pedras já lavradas, que se destinavam para as obras exteriores da praça.

« No centro de cada uma das cortinas do norte, leste e sul, ha uma porterna solidamente trabalhada e ajudada por um xadrez interno; e no centro da cortina do oeste está o grande portão solidamente construido e ornado.

« O recinto da praça é um quadrado perfeito,onde se acham oito edificios apropriados para os differentes misteres de uma praça de guerra, como sejam, paiol de polvora, hospital, capella, praça de armas, armazens, etc., sendo de construcção á prova de bomba.

« No centro da praça ha uma cisterna abobadada para esgoto das aguas e encostada á rampa transversal, que dá serventia para o baluarte da Conceição. Existia a que suppria a praça d'agua potavel, mas que actualmente está entupida; pena a que a condemnou um dos commandantes da mesma praça, por ter descuidosamente alli cahido um soldado, que esteve em risco de vida. Salutar providencia!...

« Por baixo do terrapleno ficam as casernas com solidas abobadas para aquartelamento da tropa, cozinha, prisões,etc.

« A praça é circumdada de um fosso pelo lado do sul e oeste; e das obras externas apenas tem o revelim da parte de oeste, circumdado tambem de um fosso.

« Este revelim está arruinado, abandonado e cheio de crescido mato.

« Não existe a ponte levadiça, que devia servir de communicar o revelim com a porta principal da praça, nem a que o revelim servia de communicação com a esplanada.

« Em seu lugar ha uma pequena ponte descansada sobre columnas de tijolos, que dá apoio a uma escada, que do fosso dá serventia para a fortaleza.

« Segundo a opinião dos entendedores, no plano desta edificação se patenteam todos os preceitos da sciencia.

« Quem désse tal plano não pude reconhecer nos documentos que existem no archivo da praça, cujo exame me fran-

queou o seu commandante interino, podendo-se apenas saber que seu primeiro engenheiro foi o sargento-mór Henrique Antonio Galuzzi e que deu principio á edificação em 1764, quando alli foi o capitão general do Pará, Fernando da Costa de Athayde Teive, e approvou os ultimos planos da fortaleza.

« Os velhos moradores de Macapá declararam-me que sempre ouviram dizer que fôra o proprio Galuzzi o autor do plano.

« Fosse, porém, quem fosse, o que é certo é que a praça de S. José de Macapá é mui solidamente edificada, e é para lastimar que se lhe não tenham ainda acabado as suas obras exteriores, e que tivesse estado por tantas vezes completamente abandonada, a ponto de que até uma dellas servio de curral ao gado dos mercadores da villa. »

Houve já até quem lembrasse a conveniencia da demolição daquelle importantissimo monumento, que nos legou a previdencia de benemeritos estadistas, para com elle aterrar os pantanos que circumdam a cidade!

« A' existencia ingloria daquelle colosso de pedra, escreveu um jornalista, sem tradições historicas que o façam apreciar, preferimos a prosperidade da cidade e a boa saude de seus habitantes. Se para extinguir os pantanos mephyticos, que circumdam aquella cidade, fôr preciso o entulho das ruinas da colossal fortaleza, não hesite o governo, arrase-se a fortaleza e salve-se a cidade! »

Como se não houvessem pedras e terra em quantidade sufficiente para entulhar dez vezes mais pantanos do que os que affligem aquella localidade!

O porto da cidade de Macapá é pouco abrigado. No verão, com a enchente da tarde, tornam-se fortes os ventos de NE e ENE, e o mar fica por tal fórma agitado, que faz um pouco arriscada a communicação com a terra. Além disso, o ancoradouro é semeado de pedregulho molle, com alguma lama e areia, nas proximidades do rochedo, situado bem no meio, denominado *Guindaste* (1), obrigando as embarcações a buscar um fundo de 12,8 metros, cerca de meia milha, aos

---

(1) A pedra que existe em frente da villa, diz o Sr. conselheiro Oliveira Figueiredo, quasi na pancada da baixa-mar e que chamam *guindaste*, me disseram algumas pessoas, que era outr'ora unida ao terreno aonde se acha edificada a fortaleza. Eu, porém, não posso admittir semelhante cousa; porque, sendo ella da mesma flexibilidade que o dito terreno, não concebo como as aguas a respeitassem, ao passo que derrubaram toda a extensão existente entre ella e a mesma fortaleza. A opinião mais cordata que ha a semelhante respeito, é que seja ella resto de uma ilhota, que existia em frente da villa e que o mar tem destruido circularmente, devendo ella mesma desapparecer por seu turno.

Alli existia o guindaste, que lhe deu o nome, e no qual foi guindada a artilharia da praça e depois conduzida para ella por sobre um caminho que se fez da cantaria, que servio na edificação.

74° 30' SE do baluarte da Conceição (1). As aguas correm no canal, diz o Sr. 1.° tenente Rufino Luiz Tavares (2) ao rumo NE—SO, na enchente, com a velocidade de 1,8 milhas por hora, na vasante com a de 1,5 no mesmo tempo. A differença de nivel é no ancoradouro de 2,97 metros, na linha que marca a maxima vasante de 2,95. O estabelecimento, no primeiro lugar 4h 35m 44s, no segundo 3h 48m 44s.

Segundo o recenseamento de 1872, a população da comarca de Macapá é de 6.270 almas, cifra que, apezar da diminuição que tem soffrido a população da comarca, e sobretudo a da cidade, pelas causas que ficam enumeradas, me parece entretanto áquem da realidade. Segundo o Sr. senador Candido Mendes, a população da comarca era em 1870 de quasi 12.000 almas. Creio, pois, com alguma segurança, fixar a sua população actual em 8 a 9.000 almas.

A população do municipio, segundo calculos mais ou menos approximados, era de:

Em 1828	4.100	almas
Em 1833	2.558	»
Em 1848	4.866	»
Em 1862	3.794	»
Em 1870	7.500	»
Em 1872	4.137	»

Me parece exagerado o calculo da população em 1870, confrontando-o com o do recenseamento official em 1872.

A população da cidade era de:

Em 1790	1.973	almas
Em 1822	2.548	»
Em 1832	2.558	»
Em 1839	2.558	»(*Baena*)
Em 1842	3.555	»
Em 1848	3.867	»
Em 1853	2.867	»

Não me merece confiança, diz o Sr. conselheiro Figueiredo, o algarismo do ultimo anno (1853); porque não posso encontrar a justificação dessa diminuição de 1.000 pessoas

---

(1) O melhor fundeadouro é defronte da fortaleza, projectando as duas guaritas dos baluartes Conceição e S. Pedro, aonde, na distancia de 150 a 160 braças de terra se encontra fundo de 3, 4 e 5 braças. A corveta a vapor *Paraense* esteve fundeada em 9 braças. Por fóra do lugar aonde ella esteve, o fundo diminue até 6 braças, mas logo augmenta até 18.

A qualidade do fundo varia entre areia fina, grossa, lama, tabatinga, etc. A velocidade da correnteza neste ancoradouro é de 2 a 3 milhas por hora em occasião de aguas vivas ordinarias, e as aguas nessa mesma occasião se elevam de 10 a 11 pés (conselheiro O. Figueiredo).

(2) *Instrucções para navegar sobre o canal da ilha das Flexas, desde o cabo Maguary até o porto de Macapá, pelo* 1.° *tenente Rufino Luiz Tavares.*

em 5 annos, em que o Pará tem gozado de tranquillidade e em que o commercio por aquelle districto tem augmentado muito com a extracção da gomma elastica, e tanto mais persisto na minha idéa quanto observo que em 1848 havia 259 casas habitadas, e agora, apezar da diminuição das 1.000 pessoas, ha 322.

Em 1861, segundo o relatorio apresentado á assembléa provincial do Pará pelo Sr. conselheiro Brusque, existiam no municipio de Macapá 471 estabelecimentos industriaes, com 1.409 braços, empregados no serviço, a saber:

Engenhos de fazer assucar movidos por animaes	8
Sitios de fazer farinha	400
Olaria de fazer tijolos e telhas	1
Cortumes	2
Fabricas de fazer sabão	60

Estes estabelecimentos produziram:

Potes de mel	8.000	
Farinha	20.000	alqueires.
Couros curtidos	150	
Sabão	220	arrobas.

Os principaes artigos de producção agricola e industrial exportados do municipio, foram:

Azeite	100 potes	700$000
Baunilha	20 libras	80$000
Cacáo	400 arrobas	2:000$000
Castanha	2.500 alqueires	7:500$000
Cumarú	3 arrobas	19$000
Farinha	1.000 alqueires	
Feijão	20 ditos	
Gomma elastica	10.000 arrobas	160:000$000
Madeira	1.000 duzias	14:000$000
Urucú	50 arrobas	150$000

Tambem existiam no municipio 62 fazendas de criação de gado vaccum e cavallar e 40 de cultura de cacáo, feijão, milho, arroz, café, algodão, fumo e urucú, nas quaes se empregavam 134 braços livres e 141 escravos, contendo aquellas 22.000 cabeças de gado vaccum e cavallar.

Os generos exportados do municipio de Macapá em 1867, pelos vapores da companhia do Amazonas, subiram á cifra de 637:756$800, sobresahindo o artigo borracha que se elevou á somma de 613:760$000.

Transcrevo aqui a seguinte e curiosa noticia, que dá Baena, das riquezas naturaes do districto de Macapá. (1)

---

(1) *Relatorio apresentado ao desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes pelo tenente-coronel Antonio Ladislão Monteiro Baena* (1842).

Dos lugares em que se acham páos reaes.

Nas cabeceiras do rio do termo da villa: *muerapinima, muerapinga, páo-roxo* e *castanheiros.*

Em todas as ilhas e matas geraes: *páo-preto, páo-macaco,* este páo, sendo das matas, é mais encarnado que o das ilhas; *maúba, andiroba* e *cedro,* todos tres em abundancia.

No rio Anauarapucú: *páo-macaco,* de veias rôxas e brancas, e por isso, chamam-lhe *Quatiara,* tem de grossura sómente dous palmos.

No mesmo rio Anauarapucú: *acapú, acariúba, massaranduba, angelim, piquiá, páo d'arco, cumarú, páo amarello, louro preto, louro amarello-cheiroso.*

No rio Arapucú ha igualmente parte das precedentes madeiras e nas ilhas acham-se tambem *acariúbas,* que são de melhor duração, as palmeiras *mucujazeiro, tucumanzeiro, bacabeira, patauá, assahyzeiro, caranazeiro* e *murutyzeiro.* (1)

Dos lugares em que se acham os melhores generos do mato.

Nas cabeceiras do Camaipy, braço do rio Anauarapucú, da parte direita: arvores de *puxiry.*

No rio Arauary, no seu braço Arapary e no rio Anauarapucú: *oleo de cupaúba, salsa-parrilha, cravo, abuta, mururê* e *murapuama.*

Nos campos e nas ilhas a ella adjacentes: *Marapaúba, jutahy, barbatimão, sucuba, ananim, paricá,* que é boa arvore para carvão de forja e a casca para cortume, *piquiarana, mapá,* cujo leite applicam ao curativo de bôbas, *umiry, parreira, herva de chumbo, sorveira, mangabeira* e *puruhy,* arvore parecida á goiabeira e a fruta á goiaba, no feitio: é agri-doce.

Ha tambem nos campos uma planta semelhante ao ananaz, que deita um cacho de frutas redondas e amarellas, iguaes na grandura a um tucuman, as quaes têm um miolo no caroço, que é doce, e um excellente remedio para lombrigas: disso lhe proveio ser conhecida pelo nome de fruta lombrigueira.

Das arvores e plantas menores domesticas.

Larangeira da china, dita da terra, cidreira, limeira, limoeiro, jaqueira, ateira, biribazeiro, araticú amarello, dito branco, bananeira de varias qualidades, tamarinzeiro, mangueira roxa, dita amarella, abieiro, maracujá de varias qualidades, bacateiro, cutitiribazeiro, ananaz de tres qualidades, cafezeiro, cacoeiro, genipapeiro, figueira, jambo, saputilha, goiabeira, cajueiro, gingeira, coqueiro, popunheira.

---

(1) Murutyzeiro é a palmeira que em outros pontos do Brasil chama-se *Burityzeiro* e *Miritysseiro.*

De todas as arvores e plantas menores que ficam mencionadas não ha fartura alguma: esta só se observa nas bananeiras, porque o seu fructo é usado com excesso em mingáos e outros comeres.

Dos passaros.

Tujujú, cananá, jaburú, mauary, colhereira, guará, mergulhão, carará, carão, arapapá, garça, socó de varias qualidades, pato, marrecão, marreca, massarico real, mutúm, jacamim (1), cajuby, jacú de varias qualidades, saracura, inambú, curicaca, corvo chamado *tinga*, outro *gerés* por ter a cabeça encarnada e outro preto, gavião de muitas qualidades, papagaio moleiro, dito curica, arara de peito encarnado, outra de peito amarello, maracaná, periquito.

Dos referidos passaros uns são das lagôas, outros dos campos e outros das matas.

Dos animaes silvestres.

Anta, porco, tatitú (2), veado, cotia, cuandú ou porco espinho, capivara, onça de muitas qualidades, tamanduá bandeira, raposa, hyrara, cão do mato, guariba de duas qualidades, preta e amarella (3), macaco de diversas qualidades (4), jabutim, tatú-assú, tatú-tinga, tatú-péoa.

Todos estes são communs a outras partes da provincia.

---

(1) O Jacamim é uma ave gallinacea. Suas penas são pretas e verde-negras no dorso ou côr de cinza. As do Solimões têm o peito e o bico verdes. E' o symbolo da mansidão. Domestica-se facilmente e então demonstra genio mesureiro, como diz Baena. Chega-se a qualquer pessoa, abre as azas e agacha-se até coser o peito com o chão. E' ainda notavel pelo seu canto nocturno. Tambem gosta de tomar os pintos das gallinhas para os criar.

(2) Tatitú ou taititú, como o chamam no Pará, ou catitú, como o chamamos no sul, é um porco do mato. O denominado *queixada* é o maior e muito bravo, mórmente quando sente cães e sobretudo se no bando ha filhos pequenos.

O *tiririca* é o menor e o mais bravo de todos. Respeitam-no tanto as onças, que quando querem matar algum, trepam a uma arvore, por cujo sitio sabem que elles hão de passar e atiram-se então sobre o ultimo, depois de haver passado o bando.

(3) Guariba é uma especie de macaco de pelle preta ou de pelle loura. Reunidas em bandos e trepadas nas arvores, costumam soltar, mormente na estação das chuvas, gritos agudos ou roucos, que se ouvem em grandes distancias.

Dizem que a gordura deste animal tem a propriedade de curar tumores syphiliticos. (Aqui em Obidos asseverou-m'o pessoa de muito criterio.)

Estes animaes trazem os filhos ás costas e assim os criam até poderem andar sós.

(4) Entre as diversas especies de macacos de que abunda o valle do Amazonas, merecem especial menção os denominados *acu-*

Dos peixes e dos mariscos.

Nos rios, nos lagos e no mar: peixe-boi, pirarucú, pirahiba, suruby, dourada, pirapema, jandy-assú, tarahira-assú tambaquy-assú, tambaquy pequeno, espadarte, cação, bagre, pirarára, savelha, pirapetinga, pacú-tinga, pescada branca e preta, tainha, mapará, piramutaba e mandubé.

Nos lagos e igarapés: arauaná, tucunaré, acará-assú, acará-punga, tarihira, juju de duas qualidades, piranha, tamuatá de duas qualidades, jacundá, aracú, jandiá preto e amarello, carangueijo, lagostim, camarão, caramujo.

Dos mineraes.

Nas cabeceiras do rio Camaipy, braço do rio Anauarapucu, ha malacacheta.

Os rios mais notaveis do municipio de Macapá são, além do Amazonas e do Oyapock, que é a divisa entre o Brazil e a Guyana Franceza,—o *Arauanapucú* e o *Araguary*.

O Arauanapucú, de curso um pouco limitado, desce dos

---

tipurú e *cuatá*. O acutipurú é um macaco pequenino, de pelle felpuda, de cor do ebano lustroso, as patas velludosas e longa cauda, que traz sempre voltada para a frente á maneira de pennacho. O opulento somno deste animal, diz Baena, é objecto da cantiga, com que as indianas costumam adormecer os seus filhinhos. Eis a lettra da cantiga no romance destas mulheres: *Acutipurú ipurú nerupecé cimitanga-miri uquére uarama*; cuja versão é: Acutipurú, empresta-me o teu somno para minha criança tambem dormir.

O *cuatá* é um macaco de pelle preta, muito luzida, de movimentos demorados e que para caminhar vai lançando a cauda á maneira de arpéo.

Sobre a origem desta palavra, escreveu o celebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira o seguinte: « Não deixarei de escrever o que os indios fabulisam a respeito deste macaco. Dizem elles que, tendo um desafio com o gavião real, este lhe disse: Com que me pretendes matar? Por ventura parece-te que com o teu rabo me vencerás? Então o cuatá, mostrando-lhe as mãos, lhe disse: *Qua tahá*! e que, vendo o gavião o seu desembaraço, lhe protestou, que dahi em diante seriam muito amigos. »

Tendo por vezes tido occasião de mencionar no correr deste trabalho o nome do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, permitta o leitor que aproveite esta occasião, posto que mal cabida, para aqui apresentar uma rapida noticia dos trabalhos desse incansavel explorador e sabio naturalista portuguez, a quem tanto devemos. Para isso aproveitar-me-hei das notas que encontrei em um curioso livrinho acerca do museu de Lisboa, e que devo á obsequiosidade de um amigo.

O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira sahio de Lisboa em Setembro de 1783 e sómente regressou ao reino no anno de 1793. Durou nove annos a sua viagem de exploração, durante a qual percorreu os sertões do Pará e Rio Negro, o rio Branco, o Madeira, o Guaporé, a serra de Cuanurú e as provincias de Mato Grosso e Goyaz. Os seus numerosos e importantes escriptos

montes da Guyana a lançar-se no Amazonas. E' navegavel em pequena extensão.

O rio Araguary desce das montanhas da Guyana Brazileira, no rumo de N a S, através de matas e campinas até a sua cachoeira inferior, seguindo depois para E até o oceano.

Suas margens são altas e aprazíveis acima das cachoeiras, mas dahi para baixo são alagadiças em geral, tomando porém o rio nesta secção uma largura consideravel e com fundo sufficiente para ser navegado por grandes vapores.

Na parte superior existem indios bravios, denominados *Cuçarys* e *Tarimpins*, que passam por antropophagos.

A' margem esquerda do rio Araguary está assentada a colonia militar de Pedro II, creada em 1840.

Eis o que a seu respeito lê-se no relatorio do ministerio da guerra de 1870:

« Em 5 de Maio de 1840, com grande empenho do governo, foi creada a primeira colonia militar, sob a denominação de *D. Pedro II*, na margem direita do rio Araguary (1),

---

que comprehendem— relações das viagens que emprehendeu, memorias anthropologicas ácerca das tribus selvagens que visitou, muitos estudos zoologicos, botanicos, geologicos e agricolas, ensaios de topographia medica, etc., foram entregues logo depois de sua morte pela sua viuva e mandados archivar pelo Visconde de Santarém na bibliotheca do museu. Ahi jazeram até 1842, época em que uma portaria do ministerio do reino ordenou que se entregassem ao ministro do Brazil em Lisbôa, Drumond, a fim de serem enviados para o Brazil e impressos por conta do governo brazileiro, depois do que deveriam ser restituidos ao museu. O ministro Drumond passou recibo de 258 manuscriptos.

Desde que voltou ao reino, ou pouco tempo depois, o Dr. Alexandre foi acommettido de uma fatal melancolia, que inutilizou o seu vasto saber e o lançou na sepultura em 1815, após longos annos de uma lenta agonia. O seu biographo Costa e Sá, tratando deste tristissimo periodo da sua vida, indica-lhe vagamente por causas «desgostos provenientes de illusões desvanecidas ácerca dos homens e cousas da côrte» : — a tradição porém refere que o Dr. Alexandre encontrára, ao regressar ao reino, os exemplares que colligira á custa de tantas fadigas e remettêra com maior desvelo para o gabinete da Ajuda, deteriorados na maior parte e confundidos todos, perdidos ou trocados os numeros e etiquetas que traziam. Acrescenta ainda a tradição que não fôra isto effeito do acaso ou do deleixo, mas obra premeditada da mais ruim maldade, planeada e levada á execução por um empregado do gabinete da Ajuda, a quem o ciume dos talentos do grande naturalista e por ventura a esperança de o desgostar promptamente de uma posição no museu, que ambicionava para si, inspirára essa torpissima acção.

Console-nos ao menos, diz o Sr. J. V. Barbosa du Bocage, autor do opusculo de onde extrahi esta noticia,— se a tradição não mente, a certeza de que o autor de tamanha infamia não era portuguez.

(1) Ha engano, a colonia está na margem esquerda.

550 braças acima de sua foz. E' facil de comprehender qual era o empenho do governo com essa creação, e sobre esta fundação permittireis que chame a vossa attenção para o que está escripto á pagina 11 da *Memoria* annexa ao relatorio do meu antecessor, apresentado na 1.ª sessão da 13.ª legislatura.

« Esta colonia foi decahindo da sua importancia, mas em 1849 as circumstancias, que antes tinham determinado a sua fundação, obrigaram a publicar-se o decreto n.º 622, de 22 de Dezembro, que approvou o regulamento da mesma data para a fundação de colonias militares na provincia do Pará *nos pontos das fronteiras*, e nos do interior que mais apropriados parecessem para os *estabelecimentos de posses e communicações de uns para outros lugares da mesma provincia*; e ainda depois, taes erão as circumstancias, que o governo julgou conveniente publicar o decreto do 1.º de Junho de 1850 e o aviso de 12 de Agosto do mesmo anno, mandando repovoar a colonia de *D. Pedro II*, que havia sido estabelecida nas immediações do Araguary. »

Excerptos da *Memoria* a que se refere o relatorio da guerra de 1870:

D. Pedro II. — Em virtude de recommendações do governo imperial, sob a regencia do cidadão Pedro de Araujo Lima, hoje Marquez de Olinda, o presidente da provincia do Pará, João Antonio de Miranda, fundou a primeira colonia militar, que denominou *Pedro II*, a qual foi inaugurada em 6 de Maio de 1840, sobre a margem direita do Araguary ou Arauari, a uma legua de distancia do sitio do cidadão João Manoel Ferreira, e 36 leguas e 550 braças acima da foz do mesmo rio, em terreno enxuto e fertil, proprio para a lavoura.

O seu primeiro director foi o alferes de commissão Joaquim Manoel Bahia de Menezes, que a foi fundar com 27 praças casadas, formando ao todo, inclusive o director, sua mulher e um filho, 76 pessoas.

O local foi escolhido pelo commandante da ilha de Bailique, o capitão de engenheiros Parreira, e o cidadão João Manoel Ferreira.

O presidente da provincia deu instrucções á colonia, em data do 1.º de Março de 1840, o alferes director, emquanto o governo não a provia com o necessario, offereceu ferramentas e instrumentos precisos para a cultura e serraria, e o commandante das armas offertou 25 novilhas com os seus competentes garrotes para animar o estabelecimento.

Com a caravana acompanhou uma pequena botica.

Louvores pois ao director e ao commandante das armas.

O director com todo o pessoal, trem e bagagem, embarcou no Pará a 19 de Março de 1840 e a 5 de Maio inaugurou a colonia.

Os fins enunciados pela presidencia em seu officio de 27 de Março de 1840 para inauguração da colonia, foram *povoar* os pontos da provincia que mais recursos pudessem offerecer á especulação e á industria; mas pela localidade de-

signada se conhece que a intenção reservada foi defender e garantir a fronteira, o que se prova com o officio n.° 14, de 22 de Novembro de 1859, sendo presidente o cidadão Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, assim se exprimio:

« A' importancia daquella missão (referindo-se á colonia militar D. Pedro II), *em relação á sua situação confinante com territorios, que são disputados pela França ao Imperio e aos individuos selvagens e civilizados, que os Francezes têm sempre se empenhado em attrahir aos seus interesses contra os nossos,* parece-me que não poderá ser apreciada por aquelle sacerdote, que, segundo me consta, além de ser extremamente acanhado de intelligencia, não é dos mais zelosos pelo serviço publico. »

Quando a colonia se inaugurava em 5 de Maio, o governo por avisos de 4 e de 14 de Maio a mandava fundar.

Na mesma occasião se projectou a colonia *Araujo Lima*, que não inaugurou-se.

Depois, querendo ampliar aquella disposição e dar-lhe estabilidade, tendo ouvido a respectiva secção do conselho de estado, publicou o decreto n.° 662 de 22 de Dezembro de 1849, que approvou o regulamento da mesma data para a fundação de colonias militares na provincia do Pará, ordenando ao presidente que as estabelecesse para *o estabelecimento de posses, e communicações de uns para outros lugares da mesma ou diversa provincia.*

O art. 2.° desse regulamento impôz ao presidente que preferisse para o estabelecimento das colonias militares os lugares, para os quaes houvesse mais facil e prompta communicação, em que abundassem os productos que fizessem o objecto do commercio da provincia e em terras ferteis, abundantes dos principaes productos do dito commercio e que offerecessem pastagens para criação de gados e outros animaes que prestam valiosos serviços ao homem.

A este decreto seguio-se o do 1.° de Junho de 1850 e o aviso de 12 de Agosto do mesmo anno, mandando repovoar a *colonia de D. Pedro II*, que havia sido estabelecida nas immediações do rio Araguary!

Em 27 de Março de 1840 o presidente da provincia officiava ao governo, sendo ministro o Conde de Lages, que, em virtude de ordens e recommendações do mesmo governo mandára fundar a *colonia de D. Pedro II*; em 4 e 14 de Maio o governo ordenava a creação dessa colonia; em 27 do mesmo mez a presidencia remettia o termo da inauguração, em 10 de Junho communicava que a colonia prosperava e recommendava á consideração do respectivo ministro os serviços do cidadão João Manoel Ferreira.

Bem se vê que em 1850 o estado da colonia, se não estava aniquilado, não era prospero; pois que, apezar das novas ordens, em 1850 dizia então o director:

« O destacamento compõe-se de 20 praças e 11 familias.— Ha o commandante director, um capellão e um almoxarife. Não ha enfermaria nem laboratorios (botica). »

Em 1859 dizia o presidente da provincia: « O sacerdote

está abaixo da sua esphera; além de ser extremamente acanhado de intelligencia, não é dos mais zelosos pelo serviço publico. »

Em 1860 dizia o director:

« Que tinha reedificado a casa do capellão, feito alguns melhoramentos na do director, dado começo a uma canôa para servir de correio, não havendo feito outras obras, como fosse o quartel para o destacamento, pelo seu diminuto numero de praças, e por não ter pedreiros nem carpinteiros. »

A causa principal do declinio das colonias militares no Pará, provém do abuso de serem removidos dalli para quaesquer outros pontos os soldados que já haviam começado suas plantações e cultivado suas roças. A descrença começou a lavrar entre elles pelo receio de verem a cada momento perdido o seu trabalho.

Assim tambem morreu a de Obidos.

A' comarca de Macapá pertence a villa de Mazagão, cabeça do municipio do mesmo nome.

Foi fundada em 1770 e acha-se situada na margem septentrional das cabeceiras do rio *Mutuacá*, a nove leguas de Macapá.

Os seus principaes habitantes foram 114 familias das que evacuaram a praça de Mazagão, na costa occidental da Africa, ao sul do estreito de Gibraltar e foram transferidas para o Pará, onde deviam formar uma villa com o nome da dita praça.

Esta resolução proveio do conselho proferido em reunião de ministros, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que então se achava encarregado da secretaria de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos.

O assento desta villa, diz Baena, é alto duas braças, pedregoso algum tanto e dividido da banda do rio em um pequeno valle que corre até a beira do mesmo rio em cujo espaço tudo é atoleiro.

A producção agricola e industrial do municipio de Mazagão é calculada annualmente da seguinte fórma:

Borracha	6.000	arrobas.
Castanha	4.000	alqueires.
Cacáo	500	arrobas.
Café	200	»
Farinha de mandioca	1.000	alqueires.
Milho	3.000	mãos.
Azeite de andiroba	300	potes.
Mel	600	»
Rêdes	1.300	

Destes generos, sómente exporta: borracha, castanha e cacáo, consumindo os demais dentro do municipio.

Em 1861 existiam alli 5 engenhos de fazer mel, que produziram 400 potes.

Dos principaes artigos de producção agricola do municipio, foi exportado o seguinte.

Cacáo..... ..	400 arrobas.....	3:000$000
Castanha	4.000 alqueires.....	10:000$000
Gomma elastica...	4.500 arrobas.....	54:000$000

Existiam no municipio, 9 pequenas fazendas de gado vaccum com 13 braços livres e quatro ditos escravos empregados no serviço e 993 cabeças de gado, sendo 940 vaccum e 53 cavallar.

A população do municipio de Mazagão é calculada, segundo o recenseamento de 1872, em 2.133 almas, cifra que parece pouco aproximar-se da exactidão, visto como em 1868 contava este municipio 4.238 habitantes, dos quaes 3.945 eram livres.

A villa contém mais de 700 fogos.

Em 1853 foi offerecio á consideração da camara dos Srs. deputados um projecto, creando uma nova provincia de territorios desmembrados da do Pará, tendo por capital a cidade de Macapá.

Eis o projecto:

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. 1.° Fica elevada á categoria de provincia, com a denominação de *Oyapockia*, o territorio comprehendido entre os rios Nhamundá, Amazonas, Oceano Atlantico e os limites septentrionaes do Imperio. O governo designará no acto da creação quaes as ilhas adjacentes dos rios Amazonas e Nhamundá que ficarão pertencendo á nova provincia.

« Art. 2.° A capital da nova provincia será a villa de Macapá, emquanto a assembléa provincial respectiva não resolver a mudança.

« Art. 3.° A provincia de *Oyapockia* dará um senador e dous deputados á assembléa geral legislativa. A assembléa provincial constará de 20 membros.

« Art. 4.° O governo fica autorizado para crear na mesma provincia as estações fiscaes indispensaveis para a arrecadação e administração das rendas geraes, submettendo-as depois ao conhecimento da assembléa geral, para sua definitiva approvação.

« Paço da camara dos deputados, 1.° de Julho de 1853.»

Neste projecto a que fez acompanhar da respectiva carta, deu o Sr. Candido Mendes de Almeida, que delle foi o autor, o nome de *Oyapockia* ao territorio que devia constituir a nova provincia.

Esse nome, porém, pareceu inconveniente a algumas pessoas, em vista das pretenções da França ao dominio completo do rio Oyapock, não obstante o nosso direito á sua margem direita.

Achando razoavel a objecção, diz o Sr. Candido Mendes em um notavel trabalho que acaba de publicar, tanto mais quanto a denominação desta provincia devêra ser a de *Ama-*

zonas, nome que sem grande fundamento foi dado á antiga *Capitania do Rio Negro*, entendemos que deveriamos procurar uma denominação que satisfizesse ao territorio, que não nos é disputado.

« E' por isso que hoje designamos esse territorio pelo titulo de *Pinsonia*; a fim de se honrar a memoria do seu descobridor, o celebrado navegante hespanhol Vicente Ianez Pinson, um dos mais intrepidos companheiros de Colombo, commandante da veleira caravella *Nina*.

« Preferiamos essa denominação a de *Cabo do Norte*, da antiga capitania de Bento Maciel Parente, ou de *Guyana Portugueza* ou *Brazileira*, como pretendiam Ayres do Casal e outros.»

Em 1870, diversos habitantes da comarca de Macapá dirigiram á camara dos Srs. deputados, uma extensa representação, solicitando a creação da provincia.

Entretanto nenhuma decisão julgou ainda a camara tomar neste sentido.

III.

Agora abrirei um parenthesis para tratar, posto que muito perfunctoriamente, das questões havidas acerca dos limites do Brazil, pelo lado do norte com a França pela Guyanna.

Questão é esta bem séria, que tem dado lugar a notaveis complicações, porém, que infelizmente ainda se não acha definitivamente resolvida pelos governos interessados.

Esta questão de limites foi sempre objecto de graves discussões entre a França, Portugal e Hespanha, entretanto pareceram ficar resolvidas em 1713 pelo celebre tratado de Utrecht.

Pelo art. 8.° deste tratado assentaram os commissarios que a França cederia a favor de Portugal de todos os direitos e pretenções que pudesse ter sobre as terras do Cabo do Norte e as situadas entre o rio Oyapock;—terras estas a que se julgavam com direito os francezes, como fazendo parte da Guyanna.

O art. 9.° permittia ao governo portuguez reedificar a fortaleza de Macapá e o forte Araguary, que haviam sido demolidos em virtude do tratado provisional de 1700 celebrado entre a França e Portugal.

Pelo art. 10 cedia a França as duas margens do Amazonas, como propriedade do territorio brazileiro. Pelo art. 11 renunciava a navegação e uso do mesmo rio, e finalmente pelo art. 12 era prohibido aos habitantes de Cayenna exercerem commercio no Maranhão e na fóz do Amazonas, bem como passarem o rio de Vicente Pinson a traficar e comprar escravos.

Esta questão de limites pareceu ainda ficar completamente decidida com a conquista da Guyanna (1) pelas armas portuguezas em 12 de Janeiro de 1809, e depois pelo artigo 107 do acto do congresso de Vienna de 9 de Junho de 1815, obrigando-se o governo de Portugal a restituil-a ao rei da França.

Eis a integra do artigo:

« Sua Alteza Real o principe regente de Portugal e do Brazil, para manifestar de maneira incontestavel a sua consideração particular para com Sua Magestade Christianissima, convem em restituir á sua dita Magestade a Guyanna franceza até o rio Oyapock, cuja embocadura está situada entre o 4° e 5° gráos de latitude septentrional, limite que Portugal sempre considerou como o que fôra fixado pelo tratado de Utrecht.

« O tempo em que haja de ser entregue esta colonia será determinado, tão depressa as circumstancias o permittam, por uma convenção particular entre as duas côrtes, e se procederá amigavelmente á fixação definitiva dos limites das Guyannas Portugueza e Franceza segundo o preciso sentido do art. 8.° do tratado de Utrecht. »

Em virtude desta estipulação celebrou-se uma convenção em Paris, a 28 de Agosto de 1817, entre Francisco José Maria de Brito, por parte do reino unido de Portugal e do Brazil, e o duque de Richelieu, por parte da França.

O art. 1.° desta convenção diz assim:

---

(1) Eis como em sua *corographia paraense* narra o Sr. coronel Ignacio Accioli este acontecimento:

« Achava-se infestada de corsarios a costa do Brazil e com especialidade a do Pará, no tempo da ultima guerra de Bonaparte, recolhendo-se os corsarios ao porto de Cayenna. Em consequencia disso ordenou o governo ao capitão-general do Pará José Narciso de Magalhães e Menezes emprehendesse a conquista e occupação dessa colonia, para a qual escolheu o tenente coronel Manoel Marques d'Elvas Portugal, constando a expedição de 500 homens em uma corveta ingleza de 20 peças, uma chalupa, dous brigues e algumas embarcações menores, todas debaixo do commando do capitão de fragata Jayme Lucas Icó.

« No dia 2 de Dezembro chegou essa expedição á foz do Oyapack e a 9 foi intimado o governador francez Victor Hugues para entregar a colonia, a qual, além de ser naturalmente defensavel, achava-se guarnecida com 511 soldados europeus, 200 homens livres do paiz e 500 escravos.

« Tratou logo o governador de fortificar as posições do *Diamante*, *Degrés des Cannes* e a do *Trio*, bem como a embocadura do canal de Forey, no rio Marohy, que fórma a ilha de Cayenna pela parte oriental, depois de ter expedido o tenente Serdey com alguma tropa a impedir os passos dos oppugnadores, mas estes apoderarão-se dos rios *Approuague* e *Corronai*, obrigando a retirar-se destes pontos o mesmo Serdey, que, havendo-se fortificado no *Collegio*, predio rustico do governador, abandonou-o, retirando-se com todos os escravos para Cayenna, depois que cincoenta sol-

«Sua magestade fidelissima, animado do desejo de dar execução ao art. 107 do acto do congresso de Vienna, se obriga a entregar a sua magestade Christianissima, dentro de tres mezes ou antes, se fôr possivel, a Guyanna franceza até o rio Oyapock, cuja embocadura está situada, entre 4 e 5 gráos de latitude septentrional e até 322 gráos de longitude a E da ilha de Ferro, pelo parallelo de 2 gráos e 24 minutos de latitude septentrional. » (1)

O art. 2 ° determinava que immediatamente se procedesse á nomeação de commissarios, que dentro de um anno, o mais tardar, contado do dia em que chegassem á Guyanna, fixassem definitivamente os respectivos limites, recorrendo-se á mediação da Inglaterra, por outra convenção amigavel, se esses commissarios não pudessem effectuar a sua commissão pelas contestações que suscitassem, tendo-se attenção ao art. 8.° do tratado de Utrecht.

Os commissarios nunca se reuniram, e sendo respeitada a posse de 1817, pareceu a controversia abandonada ou esquecida até o anno de 1836, época em que se estabeleceram, em contravenção ao estipulado nos tratados, os postos militares francezes no lago Amapá e ilha de Maracá.

Logo que o governo imperial teve conhecimento de semelhante occurrencia, deu-se pressa em reclamar contra a occupação daquelles pontos, e resolvendo afinal o governo francez a retirada de suas guarnições, ficou accordado, sob proposição do ministro francez o Sr. Guizot, datada de 5 de Julho de 1841, que seria estrictamente mantido o *statu quo* de inoccupação, emquanto por ambas as partes e por convenientes negociações não fosse definitivamente fixada a verdadeira intelligencia dos tratados sobre limites.

---

dados do Pará, vencendo denodadamente todos os riscos, incendiaram aquelle estabelecimento rural.

« A' isto seguiu-se o desembarque, já mais perto da villa, onde as posições fortificadas podiam com mais facilidade ser sorprendidas; mas a baixa-mar não permittia que desembarcassem mais que cem homens, os quaes foram bastantes para rapidamente tomarem os pontos principaes do *Diamante* e *Degrés des Cannes*, e depois destes os outros, capitulando então o governador francez, dizendo haver sido obrigado a essa capitulação, por virem os invasores incendiando os lugares por onde passavam e rebellando os escravos contra seus senhores: evasiva calumniosa, pois que apenas foi incendiada a fazenda do *Collegio*, por mero arbitrio dos soldados. »

(1) A conservação da colonia, por espaço de dez annos pouco mais ou menos, foi assás onerosa ao governo do Pará, em consequencia das grandes despezas que era obrigado a fazer, e dos continuados recrutamentos que atormentavam a população e entorpeciam o commercio.

Confessam os francezes a moderação com que foi a colonia regida, tendo á testa da administração um magistrado brazileiro, com o nome de intendente, e conservadas as suas instituições, de modo que parecia mais um deposito do que uma conquista.

« Assim estavam as cousas, quando em Dezembro de 1849, constou officialmente ao presidente da provincia do Pará, que no Amapá se achavam estacionados dous brigues e um vapor de guerra, francezes.

« O governo imperial expediu logo á legação do Brazil em Paris as instrucções necessarias para reclamar do governo da republica a evacuação da foz do Amapá, e a manutenção do accôrdo havido em 1841. (1)

« Da correspondencia havida a este respeito entre o presidente do Pará e o governo da Guyanna, ver-se-ha como foi resolvido esse incidente, que cessou com a ordem dada pelo governo francez para ser mantido o dito accôrdo, em que havia tomado a iniciativa o mesmo governo.

« Bem que longa, aqui entretanto, transcrevemos integralmente toda essa correspondencia. Documentos dessa ordem devem ter a maxima publicidade.

« Bem séria para o Imperio é essa questão de limites.

OCCURRENCIAS NO AMAPÁ, QUESTÃO DE LIMITES ENTRE A FRANÇA E O BRAZIL.

O presidente da provincia do Pará a Mr. Pariset, commissario geral da republica franceza e governador de Cayenna.

Presidencia da provincia do Pará, na cidade de Belém, 10 de Janeiro de 1850.

Por communicações officiaes, que recebi de varias autoridades da villa de Macapá, sou informado que á dita villa chegara a noticia de que na embocadura do rio Amapá, que entra para o lago do mesmo nome, se achavam, em dias do mez de Dezembro proximo passado, estacionados dous brigues e um vapor de guerra, francezes. Já antes tinha-me tambem constado, que nos mezes de Setembro ou Outubro do mesmo anno, haviam estacionado dentro do lago um brigue e duas goletas.

A' vista de taes communicações, passo a mandar fazer as precisas indagações sobre a realidade da existencia do facto noticiado e suas circumstancias.

Entretanto, senhor governador, ou o facto seja verdadeiro, ou para prevenir que elle em época alguma venha a acontecer, julgo desde já do meu dever ponderar-vos que, depois da occupação franceza no Amapá, desde o anno de 1836 até 1840, em que teve lugar a desoccupação do territorio contestado sobre a margem meridional do rio Oyapock,

---

(1) *Relatorio do ministerio de estrangeiros, apresentado á assembléa geral na* 3.ª *sessão da* 8.ª *legislatura.*

em consequencia das justas reclamações do meu ao vosso governo, concordaram ambos que, por uma negociação entre si, tratariam de definir os respectivos direitos sobre o territorio contestado, discutindo a questão de limites e a verdadeira intelligencia do art. 8.° do tratado de Utrecht (a que se referem o art. 107 do acto do congresso de Vienna de 9 de Junho de 1815 e os arts. 1.° e 2.° do tratado de Paris de 28 de Agosto de 1817).

Este formal accordo do governo francez consta do despacho junto por cópia, que foi dirigido em data de 5 de Julho de 1841, por Mr. Guisot, presidente do conselho de ministros, ao Sr. barão Rouen, então ministro de França na côrte do Rio de Janeiro, quando por essa occasião motivara a desnecessidade da nomeação de commissarios francezes para a demarcação de limites, antes de decisão prévia, mediante discussão de governo a governo. Em consequencia deste despacho, officialmente communicado ao meu governo, foi retirada a nomeação já feita dos commissarios brazileiros, e foram em 1842 nomeados plenipotenciarios em Paris o ministro José de Araujo Ribeiro, por porte do Brazil, e o barão Deffandis, por parte da França.

Chamo ainda a vossa attenção, Sr. governador, para o periodo final, com que Mr. Guisot conclue o seu despacho supramencionado, exprimindo-se nos seguintes termos : *En tout état de choses, il doit être bien entendu que le statu quo actuel, en ce qui concerne l'inocupation du poste de Mapa sera strictement maintenu jasqu'à ce qu'on soit parvenu à se concilier sur l'object principal du litige*, etc. etc.

A' vista da precisa e succinta exposição acima feita, e dos termos explicitos e concludentes do ministerio francez, o desfecho da questão havida entre os dous governos, por occasião da occupação franceza do posto do Amapá em 1836, foi a concordancia de ambas as partes em ser mantida estrictamente a inoccupação do dito posto, até haver uma solução definitiva sobre a linha de limites, segundo a intelligencia do sentido verdadeiro dos tratados.

Quaesquer que sejam as causas, que têm retardado essa solução, qualquer que seja a intelligencia que cada um dos governos dê a esses tratados, quaesquer que sejam os direitos que a um ou outro governo devidamente pertençam, está sempre em pé o ultimo accordo entre os dous governos e por elle formal e solemnemente garantido o *statu quo* da inoccupação do territorio litigioso, já pelo referido despacho por parte do governo francez, já pela acquiescencia do governo brazileiro.

O Brazil tem pela sua parte cumprido fielmente até hoje o seu compromisso, e, como dever reciproco, toca á nação franceza cumpril-o tambem.

Assim pois, Sr. governador, reconhecereis evidentemente que a presença e permanencia de forças de mar ou de terra no lugar do litigio constitue uma formal occupação, e aquelle dos dous governos que a ordenasse, infringiria o pactuado, dando lugar a conflictos, cujos effeitos seria alterar as ami-

gaveis e pacificas relações que felizmente continuam a existir entre os deus governos.

Ao mesmo tempo, Sr. governador, certo dos vossos honrosos sentimentos, e de que de nenhuma maneira, por acto propriamente vosso concorrereis indevidamente para alterar essas amigaveis e pacificas relações, espero que, na hypothese de ser veridico o facto que motiva este meu officio, fareis sem demora retirar a força naval do ponto do Amapá ou de qualquer outro da parte meridional do rio Oyapock, sobre que se tem litigado, onde pelo explicito accordo entre o vosso e o meu governo não é licita occupação alguma.

Esperando a vossa resposta, dou de tudo conhecimento ao governo imperial.

Aproveito a occasião para mais esta vez reiterar os meus sentimentos de cordial estima e distincta consideração com que tenho a honra de assignar-me.—Vosso muito attencioso servidor e affectuoso venerador.—*Jeronymo Francisco Coelho.*

Na mesma data ainda ao commissario governador de Cayenna foi dirigida a seguinte carta additiva:

O presidente da provincia do Pará a Mr. Pariset, governador de Cayenna e commissario da republica franceza.

Presidencia do Pará, na cidade de Belém, 10 de Janeiro de 1850.

Em data de hoje tive a honra de dirigir-vos uma carta, relativa ao incidente que chegou á minha noticia, de se acharem no rio Amapá, alguns navios de guerra de vossa nação. Em additamento a essa carta, dirijo-vos a presente para informar-vos, que é de ambas portador o capitão de fragata da armada imperial Martinus Hannibal Boldt, commandante do brigue *Nictheroy*, que vos apresentará da minha parte os meus attenciosos cumprimentos, e ahi esperará a vossa resposta.

Como, segundo vos digo na outra carta desta mesma data, dou conta deste incidente ao meu governo, sendo de presumir que sobre elle se exijam da legação franceza na côrte do Rio de Janeiro, as convenientes explicações, por este motivo, no caso de que julgueis conveniente instruir a dita legação, para habilital-a a responder com conhecimento de causa, ácerca do occorrido, podeis entregar ao portador os officios, que quizerdes dirigir á vossa legação, na certeza de que, com muito prazer os farei fielmente e sem demora chegar ao seu destino pelo primeiro paquete de vapor, que sahir para a côrte depois da chegada dos vossos officios, devendo informar-vos que os vapores seguem daqui regularmente de 15 em 15 dias.

Aceitai, Sr. governador, a expressão sincera da respeitosa estima com que sou, vosso muito affeiçoado servidor. — *Jeronymo Francisco Coelho.*

A estes dous officios deu o Sr. governador de Cayenna, a seguinte resposta :

O governador da Guyanna franceza ao presidente da provincia do Para.

Colonia da Guyanna Franceza.—Gabinete do commissario geral da republica. — N. 111. — Cayenna, 14 de Março de 1850.

Sr. presidente. — O brigue de guerra de Sua Magestade Imperial, *Nicthoroy*, aqui chegou a Cayenna, na noite do dia 10 do presente mez de Março, e na manhã do dia 11, o capitão de fragata Martinus Hannibal Boldt, entregou-me o officio de V. Ex. de 10 de Janeiro ultimo.

Nesse officio relativo ás informações que teve V. Ex. de que, embarcações francezas de guerra tinham sido vistas na bahia do rio Amapá, me observa V. Ex., que, em virtude das convenções havidas entre os dous governos — francez e brazileiro — depois da evacuação do posto francez do Amapá, em 1840 — o *statu quo* actual devia ser estrictamente mantido no territorio contestado, abstendo-se de toda e qualquer occupação até que se chegasse a um accôrdo sobre o objecto principal da questão.

Tive a honra tambem de officiar a V. Ex., por causa de noticias que dahi me chegaram, de que se pretendia restabelecer postos brazileiros no Amapá e dos motivos que me decidiram a mandar observar esses lugares. Minha correspondencia, datada de 27 de Janeiro ultimo, n.º 84, foi enviada a essa provincia pela corveta de vapor *Crocodille*, e, suppondo eu que essa embarcação não tardaria a estar de volta, empenhei o Sr. commandante da *Nictheroy* a demorar-se mais alguns dias, julgando assim poder melhor responder a V. Ex.; porém só hoje é que chegou a dita corveta, e tendo de fazer traduzir o extenso officio que nella me dirige V. Ex., não ouso demorar por mais tempo o Sr. Boldt, que, tendo tido a bondade de esperar uma semana inteira, fez-me conhecer a necessidade que tinha de partir.

Assim, pois, não posso, Sr. presidente, senão assegurar a V. Ex. o maior respeito ao estado em que ficaram as cousas depois das ultimas communicações diplomaticas, e que não poderia alterar o apparecimento accidental de uma embarcação sobre a costa, tanto quanto eu estou prompto a aceitar o officio de V. Ex., e o appello que nelle faz a estas mesmas convenções, como uma declaração das intenções de observar a neutralidade do territorio litigioso, sem consentir que infracção alguma se faça em tudo que lhe disser respeito.

Tratei com o Sr. capitão de fragata Martinus Hannibal Boldt ácerca dos negocios que nos occupam e dos quaes apenas pude tratar resumidamente em minha correspondencia com V. Ex. Actualmente essas cousas se acham affectas aos dous gabinetes de França e do Rio de Janeiro, e depois das con-

tas que respectivamente dadas a nossos governos, sem duvida resultarão explicações das quaes brevemente seremos informados, e que aplainando as difficuldades que ambos julgamos ter encontrado, confirmarão ainda as relações de boa intelligencia e amizade em que felizmente se acham.

Rogo a V. Ex. se digne acreditar no desejo que me anima de secundar em todas as circumstancias seus votos leaes e elevados para a manutenção desta boa harmonia.

Aceite, Sr. presidente, a confirmação da alta consideração com que tenho a honra de ser de V. Ex. o mais humilde e obediente servidor. — O commissario geral da Republica Franceza em Cayenna.— *Pariset*.

P. S. Não posso aproveitar-me do offerecimento de V. Ex. de escrever á legação franceza no Rio de Janeiro, por haver já directamente levado esses negocios ao conhecimento do governo em França, porém nem por isso deixo de sinceramente agradecer a V. Ex. essa prova de attenção.

Eis o officio a que alludia o governador na resposta supra:

O governador da Guyanna franceza ao presidente da provincia do Pará.

Governo da Guyanna franceza—Gabinete do governador de Cayenna, 2 de Fevereiro de 1850.—N. 84.

Senhor presidente. As relações, infelizmente pouco frequentes, mas assignaladas por uma benevolencia reciproca, que unem ha muitos annos a provincia do Pará e a Guyanna franceza, tem sido sempre para mim uma causa de satisfação sincera e tive, além disto em diversas circumstancias, de felicitar-me pessoalmente da cortezia de V. Ex. E' portanto com inteira confiança no successo de meu procedimento, que vou dar a V. Ex. e provocar de sua parte explicações francas e precisas sobre uma questão em que estão compromettidos os interesses das provincias, que nos foram confiadas e talvez mais ainda a dignidade dos governos, que temos a honra de representar.

A incerteza deixada pelo texto do tratado de Utrecht sobre os limites reaes do Brazil e das possessões francezas da Guyanna; não foi removida pelos tratados de 1815 e a possessão definitiva do territorio que se estende entre o Amazonas e o Oyapoak, tornou-se o objecto de um litigio que os commissarios demarcadores devem resolver. Não tenho de apreciar aqui as causas, que têm retardado a solução desta questão, mas devo observar-vos que os direitos da França ficam intactos até hoje e que é do meu dever fazel-os respeitar.

Em 1836, em virtude de uma ordem emanada da metropole, um posto militar foi estabelecido em Mapá por um de meus predecessores.

Se este posto foi retirado mais tarde (em 1840) *depois de quatro annos de pacifica posse*, foi porque tratou-se então seriamente da nomeação dos commissarios demarcadores e porque o governo francez não quiz que tivessem elles de trabalhar em presença de occupação militar.

V. Ex. não deve ver e não verá sem duvida, neste acto de moderação da parte da França, senão uma clara manifestação da confiança que ella tem no seu bom direito e na sua força. Tive, pois, de preoccupar-me, Sr. presidente, dos rumores, que me chegaram por diversas vezes, relativamente á intenção das autoridades militares de Macapá, ou dos outros postos brazileiros sobre o Amazonas, de estabelecer um destacamento no Mapá. Os discursos pronunciados por V. Ex em 1848 e 1849, por occasião da abertura das sessões da camara dos deputados da provincia do Pará, contém algumas phrases, que poderião ser interpretadas de maneira a confirmar estes rumores.

Um individuo que se dizia official brazileiro e encarregado de missão do seu governo, se apresentou no lago de Mapá, lendo uma pretendida proclamação ou antes instrucções dirigidas á população, para annunciar-lhe a proxima occupação deste posto pelas forças do Brazil, para prometter perdão e amnistia aos desertores e outros criminosos, que se poderião achar naquelles lugares, induzil-os a conservarem-se unidos, etc.

O jornal official do Pará, o *Treze de Maio*, contém no seu numero de 12 de Janeiro ultimo, um artigo que pareceria indicar que V. Ex. se preoccupava por sua parte de alguns movimentos sobre a costa do territorio em litigio, por alguns barcos de guerra da estação de Cayenna.

Emfim chegou ao meu conhecimento, que se preparava ostensivamente no Pará uma expedição, cujo fim manifesto seria a occupação do territorio onde tivemos, ainda em 1840, um posto militar.

A' vista destes factos, Sr. presidente, julguei de ver chamar vossa attenção para a grave responsabilidade que assumirião aquelles que tentassem proceder assim por via de facto.

Minhas instrucções me imporião o dever de oppôr-me com todos os meios mesmo com força a uma semelhante aggressão. Mas quero crer que não chegaremos jamais a extremos, tanto mais deploraveis que uma questão pendente, ha quasi seculo e meio, não póde tornar-se subitamente tão urgente, que determine V. Ex. a comprometter a boa harmonia que existe entre a França e o Brazil.

Em conclusão, Sr. presidente, a presente communicação tem por fim: 1.° informar-vos que o França não está disposta a abandonar nenhum dos direito de que até este dia tem gozado, e aos quaes póde aspirar em virtude dos factos existentes e dos tratados; 2.° assegurar-vos que a presença dos nossos vasos no territorio contestado não foi provocada senão pelos rumores que nos chegaram de vossa provincia e que não tem por objecto modificar o estado actual das cousas; 3.° fazer um appello ao patriotismo esclarecido de V. Ex. para

pedir-lhe, tanto quanto fôr preciso, que evite que os agentes sob suas ordens tragão em plena paz, e por uma causa que não tem interesse urgente, uma collisão cujas funestas consequencias será impossivel prever, mas que certamente não trarião bem algum quér a uma, quér a outra nação.

Termino, Sr. presidente, protestando de novo o meu desejo sincero de ver continuar entre nossos concidadãos, e de conservar pessoalmente com V. Ex. as relações amigaveis que não tem até aqui sido perturbadas. Estou disposto a crer que exagerarão-me a importancia dos armamentos que se preparão no Pará e em outros lugares, e sem pretender de modo algum conhecer a seu fim, espero com confiança uma simples declaração vossa, de que não tem relação alguma com a occupação de uma parte do territorio contestado.

Aceitai, Sr. presidente, a segurança da alta consideração com a qual tenho a honra de ser de V. Ex. muito humilde e obediente servidor.

O commissario geral da republica franceza em Cayenna. —*Pariset.*

A presidencia do Pará respondeu com o seguinte officio, que nada deixa a desejar:

O presidente da provincia do Pará a Mr. Pariset, governador de Cayenna e commissario geral da republica franceza.

Presidencia da provincia do Pará.—Cidade de Belém, 11 de Março de 1850.

Hontem, por Mr. Dieudonné, commandante do vapor de guerra *Crocodille*, me foi entregue o vosso officio de 2 de Fevereiro do corrente anno, em que me fazeis varias observações relativas ao territorio do Amapá.

Antes de tudo tenho de agradecer-vos cordialmente as expressões de cortezia e benevolencia que fazeis a honra de dirigir-me e mui principalmente a manifestação sincera dos vossos desejos e sentimentos em conservar relações pacificas, amigaveis e de boa vizinhança entre as duas provincias cujos governos e interesses nos estão confiados.

Sobre este ponto, Sr. governador, posso afiançar-vos que esses vossos sentimentos e desejos encontrão em mim a mais perfeita reciprocidade, já pelo meu dever em não concorrer por acto meu para crear difficuldades entre as duas nações de quem somos delegados, já pela muita consideração pessoal, que vos tributo.

Passando agora a tratar da questão do Amapá, que se contém no vosso officio, tenho a dizer-vos que concordo e aceito textualmente as vossas palavras emquanto reconheis, como eu reconheço, que a respeito do territorio litigioso sobre a margem direita do Oyapock, toca aos governos das duas nações averiguar e discutir por seus plenipotenciarios a verdadeira intelligencia do art. 8.º do tratado de Utrecht de 11 de Abril de 1713 e do art. 107 do acto do congresso de

Vienna de 9 de Junho de 1815 e do tratado de Paris de 28 de Agosto de 1817, todos correlacionados com o assumpto de limites.

Assim portanto fica entre nós entendido, que até a decisão dos dous governos, o referido territorio continua no seu caracter litigioso e por esse motivo em absoluta suspensão, não o direito, mas o exercicio do direito, que qualquer das partes pretenda ter em seu favor.

Neste periodo do vosso officio quanto á extensão do territorio litigioso, me permittireis de observar-vos que vos exprimistes de um modo um pouco vago, quando designastes o dito territorio, pelo que se estende entre o Amazonas e o Oyapock; e como nestas materias toda a clareza é necessaria, eu me exprimirei mais precisamente com referencia ás palavras dos mesmos tratados, que o territorio litigioso é comprehendido desde o rio Calçoene. aos 2.° 30' proximamente de latitude norte até o rio Oyapock entre 4° e 5° de latitude tambem norte; porquanto a duvida suscitada desde muitos annos consistio em sua origem em que a França pretende que o rio Vicente Pinson designado nos tratados é o mesmo Calçoene, outr'ora Portugal, e hoje o Brazil pretende que o rio Vicente Pinson é o mesmo Oyapock. Seja qual fôr a applicação que se deva dar a estas denominações duplas e ambiguas, o que nos não cabe discutir, mas sim aos nossos governos, é claro que a questão do ligitio não passa dos limites entre o rio Calçoene e Oyapock, e assim deve entender-se a expressão de que vos servis entre o Amazonas e o Oyapock.

Estou tambem de perfeito accôrdo comvosco quando me dizeis que não nos cabe apreciar as causas que hão retardado a solução desta questão; e como me observais que até se effectuar essa decisão ficão intactos os direitos da França, sendo do vosso dever fazel-os respeitar, vós sereis obrigado a convir pelo principio, aliás justo, que estabeleceis e pela razão de igualdade e reciprocidade, que ficão tambem até lá intactos os direitos do Brazil, que é do meu dever fazer respeitar.

No momento em que vos escrevo, presumo que já tereis recebido a carta official que tive a honra de dirigir-vos em data de 10 de Janeiro do corrente anno, pelo capitão de fragata Martinus Hannibal Boldt, commandante do brigue *Nictheroy*. O conteúdo da minha carta, que no fundo versa sobre o mesmo objecto do vosso officio, vos provará que o meu juizo sobre o pé em que se acha a questão do Amapá, já era precisamente aquelle em que a collocais, e vejo com satisfação que quando expediamos um ao outro os officios que se desencontraram, tinhamos ambos uma opinião commum e exacta.

Posto que não sejamos nós competentes para discutir as circumstancias ou factos que devão favorecer o direito de qualquer das partes interessadas, todavia não posso deixar passar desapercebidamente a expressão *sublinhada*, que incidentalmente inseris no vosso officio, qualificando de *quatro*

annos de pacifica posse a occupação militar havida desde 1836 até 1840 pelo posto militar francez estabelecido no Amapá; e fundo-me nas seguintes considerações.

1.ª Uma occupação militar nunca póde ser transfigurada em *pacifica posse*. 2.ª Nunca essa occupação teve a acquiescencia do governo do Brazil, que não cessou desde logo de protestar e reclamar contra ella. 3.ª Finalmente, o vosso governo é quem se encarregou de caracterisar o facto da sobredita occupação militar do Amapá, quando o duque de Broglie, ministro de estrangeiros da França, em nota de 26 de Janeiro de 1836, respondendo ás explicações que lhe forão solicitadas pelo ministro brazileiro em Paris, declarou que o ministro da marinha tinha-se limitado a ordenar o estabelecimento de um posto provisorio na margem direita do Oyapock, a fim de proteger a contigua colonia franceza das sanguinosas commoções, que a esse tempo havião nesta provincia do Pará, e acrescentando que esta disposição não prejudicava em tempo algum a definitiva solução sobre os limites das Guyannas brazileira e franceza.

Nova reclamação foi depois feita por parte do Brazil a Mr. Molé, presidente do conselho de ministros, em nota de 19 de Setembro do mesmo anno, que, respondendo em nota de 12 de Outubro, tambem desse anno, declarou que a evacuação do posto provisorio do Amapá não podia effectuar-se, por existirem ainda os mesmos motivos, que determinaram a occupação.

Já vêdes, pois, Sr. governador, que a occupação militar do Amapá foi motivada, segundo a declaração solemne do vosso proprio governo, por uma causa puramente accidental e transitoria, isto é, as desordens do Pará e necessidade de proteger a colonia contigua; que aquella declaração salvou desde logo os direitos a liquidar na futura discussão de limites; e que, portanto, o facto do estabelecimento provisorio do posto do Amapá por quatro annos, motivado por circumstancias occasionaes, ainda quando não houvesse a declaração positiva do vosso governo, não póde de maneira alguma ser apresentado nem aceito como argumento, e muito menos transformado em *pacifica posse*.

Não vos remetto cópia das notas supracitadas dos ministros de França, porque presumo que as devereis, como eu, possuir no vosso archivo, e me desculpareis se vos pareço um pouco susceptivel sobre a qualificação de *pacifica posse*, que tenho contestado, pois meu silencio, em assumpto de tanta gravidade, poderia importar o reconhecimento de um titulo prejudicial aos intereses e direitos do meu governo.

Feitas estas observações, e uma vez que ambos estamos de accôrdo, que poderes mais altos reservaram para si a solução definitiva da questão, o que nos cumpre é tomar por ponto de partida o estado em que as cousas ficaram e se achão desde o anno de 1840, em que se effectuou a evacuação do posto militar do Amapá e averiguar se estão em harmonia com esse estado de cousas os incidentes, que ora occorrem.

de que tratão os dous officios, que nos temos mutuamente dirigido, e que se desencontraram.

No vosso officio apenas vos referis á época da evacuação em 1840, e nada mais acrescentais; eu, porém, no que vos dirigi, puz em claro o referido estado de cousas a partir da desoccupação, remettendo-vos cópia da nota de Mr. Guisot, presidente do conselho de ministros, de 5 de Julho de 1841, dirigida ao barão Rouen, ministro de França no Rio de Janeiro, e por este communicada ao ministro de estrangeiros do governo imperial. Por essa nota do vosso ministro, pela aceitação do meu governo, foi resolvido o *statu quo* da inoccupação do territorio litigioso até difinitiva e ulterior solução da questão de limites. Este accôrdo formal entre os governos de França e Brazil traça com facilidade e clareza a linha de conducta, que a ambos nos deve guiar.

Entrarei agora no exame dos incidentes que occorrem, a saber, uns cuja iniciativa vos pertence, em que vós não fallais, e que motivou o meu officio, que vos remetti pelo commandante do brigue *Nictheroy*, outros que me são attribuidos no vosso officio remettido pele commandante do vapor *Crocodille*, e nos quaes tambem vos não fallei. Entre uns e outros ha intima relação e principarei pelos que me dizem respeito e vêm exarados no vosso officio.

1.° Dizeis, que vos chagaram por vezes rumores que vós preoccuparam, relativamente á intenção das autoridades de Macapá e de outros postos brazileiros sobre o Amazonas de estabelecer um destacamento no Amapá. Posso asseverar-vos que esses rumores não têm o menor fundamento, que nunca houve a intenção supposta, nem mesmo a mais ligeira idéa de tal estabelecimento no Amapá. A maneira sincera e franca pela qual vos tenho exposto o modo por que considero o estado de cousas do Amapá, depois da evacuação de 1840, e em presença do accôrdo entre os dous governos, me não permittiria, sem ser contradictorio, e sem quebra do que foi actuado, autorizar ou consentir na collocação de destacamentos militares no lugar do litigio. Fico, pois, presumindo que esses rumores vos forão levados em consequencia de mal fundadas interpretações ácerca de um ou outro facto muito natural e legitimo occorrido no territorio brazileiro, porém nas vizinhanças do Amapá, como por exemplo a presença do brigue de guerra *Nictheroy* no porto da villa de Macapá nos mezes de Junho a Setembro do anno passado.

Existindo no Amapá alguns brazileiros foragidos e asylados, uns presumindo-se criminosos sem o serem, taes como os outr'ora compromettidos nas desordens de 1836, outros realmente criminosos e escapos á prisão ou á justiça, desertores, escravos fugidos, etc., é muito natural que taes individuos, temerosos, e em constante receio, se assustem ao presentir qualquer movimento nos lugares vizinhos, e mesmo é possivel que esses temores ainda mais fossem augmentados pelas noticias, que costumão a correr entre o vulgo, que por via de regra em presença de algum facto

quer sempre dar explicação daquillo que observa mas não comprehende. Portanto, Sr. governador, faço um elevado conceito do vosso criterio e bom discernimento, para ajuizardes até que ponto devem ser acreditados rumores e boatos, ou espalhados por pessoas do vulgo, que ignorão o fundo das cousas (pois a administração publica não póde apregoar por toda a parte tudo o que faz e pretende fazer) ou colhidos e exagerados pelo susto dos proprios foragidos, como é de suppor, pelo estado de permanente desconfiança em que vivem.

Se em tempo me tivesseis pedido esclarecimentos, eu vos teria informado, que desde Outubro do anno de 1848 fiz principiar os reparos da praça de S. José de Macapá para tiral-a do abandono em que jazia, e que já ia levando á decadencia, tanto no material da fortificação, como no do seu armamento, e tambem nessa mesma occasião incumbi ao commandante do mesmo brigue a commissão especial de inspeccionar as obras feitas e o estado da praça e igualmente de explorar o rio Araguary até o posto militar da colonia brazileira de Pedro II e de examinar mais alguns pontos do nosso territorio não contestado, onde conviesse collocar outros postos militares; e esta ultima parte teve por fim o proseguimente do projecto que vos communiquei em meu officio de 29 de Novembro de 1848, para estabelecimento de um ou mais pontos de registo, como meio de evitar a fuga de escravos para as partes de Cayenna, visto que por decreto do vosso governo foi abolida a escravidão nas suas colonias; e os escravos dos subditos brazileiros tendo o passo livre, e sabendo, como sabem que, tocando o territorio francez, ficarão libertos, não deixarião de aproveitar-se de tão prompto e facil recurso, como de facto alguns se tem já aproveitado.

O estabelecimento de taes registos militares tem mais a vantagem de tranquilisar os habitantes de Macapá, que algum tanto e com razão se inquietão pela proxima vizinhança dos foragidos do Amapá, que, como taes, seguramente não podem dar garantias do seu bom proceder.

Eis, pois, a explicação tão simples e natural, quanto veridica do principal incidente, que provavelmente originou os falsos rumores, que ahi vos chegaram, e que talvez sorprendessem a vossa boa fé.

São factos mui legaes e legitimos, todos passados no nosso territorio e do serviço administrativo e interno, que nenhuma estranheza podem causar; do mesmo modo que nenhum reparo eu poderia com justiça fazer, se soubesse que tinheis um ou mais navios de guerra no rio Aprouage, que fazeis reparar o forte de S. Luiz ou que tinheis collocado um destacamento nas vizinhanças da montanhas de Argent.

Assim, Sr. governador, ficai desde já prevenido contra novos rumores, que possão ainda apparecer, por novos factos tendentes aos objectos que acima vos tenho declarado e que de maneira alguma tem relação com estabelecimento de postos militares no Amapá.

2.° Quanto aos discursos que citais pronunciados por mim na abertura da assembléa provincial, nas sessões legislativas de 1848 e 1849 e que dizeis serem susceptiveis de interpretação no sentido dos rumores, que se espalharam, depois do que fica referido ácerca do nenhum fundamento desses rumores, torna-se desnecessario entrar em longos desenvolvimentos. Junto vos remetto dous exemplares desses meus discursos. Em um dos topicos do de 1848, o que mais poderia soffrer alguma interpretação, é o da pagina 113, em que tratando dos receios dos habitantes de Macapá e villas contiguas pela vizinhança dos foragidos e criminosos do Amapá, como capazes e dispostos a depredações, eu prometto cogitar nos meios de providenciar sobre o caso. E nada mais simples; o meio por mim cogitado é o de estabelecimentos dos postos militares, de que ha pouco tratei, collocados em posições proximas ao Amapá, para evitar qualquer aggressão, tanto como a fuga de escravos.

3.° Dizeis ter ido ao lago Amapá um official brazileiro em commissão do governo, lendo uma pretendida proclamação, annunciando proxima occupação militar daquelle ponto, promettendo perdão e amnistia aos desertores e criminosos, etc.

Dir-vos-hei que ignoro completamente essas circumstancias que referis como praticadas por um official brazileiro. Sei sim que em dias de Setembro ou Outubro do anno passado esteve no Amapá um individuo de nome João Manoel de Lira Lobato, que é tenente da guarda policial (que corresponde á milicia ou guarda nacional); mas posso assegurar-vos que nem elle foi em caracter e serviço militar, nem foi incumbido de ler proclamações, nem annunciar occupações. O que ha de positivo em tudo isto é o seguinte:

No Amapá existe, como já mencionei, uma classe de individuos, que se presumem criminosos, sem o serem. São os compromettidos nas desordens de 1836. Para elles ha desde muitos annos um decreto de amnistia e perdão com pleno esquecimento do passado. Elles vivem, porém, na illusão e ignorancia e pensão que as autoridades do seu paiz os perseguirão se se apresentarem.

Ha tambem alli desertores, classe esta a quem por vezes se tem estendido os effeitos da clemencia imperial.

Facil tem sido por intermedio das autoridades locaes fazer chegar ao conhecimento dos individuos, que n'outros pontos tambem ha nas mesmas circumstancias, a noticia dos decretos de perdão que lhes aproveitão; porém tem sido isso difficil a respeito dos que existem no Amapá.

Por estes motivos, e como meio opportuno, as autoridades de Macapá têm ordem de recommendar a todos os que frequentão o Amapá, e alli vão para seu negocio particular de pescaria ou troca de generos, que digão aos illudidos e desertores, que podem desassombradamente vir apresentar-se ás autoridades do seu paiz; e aceitarem o perdão que se lhes tem concedido.

Desta capital costumão tambem ir á pescaria no Amapá

algumas canoas, e eu pessoalmente tenho recommendado aos individuos que vão, o aconselharem a esses foragidos para que se apresentem, e voltem sem receio ao seu paiz, a suas familias ou a suas bandeiras. Escuso dizer-vos que nada disto se entende nem com os criminosos de justiça, nem com escravos fugidos. Póde bem ser (o que eu ignoro) que um ou outro individuo nos seus entretenimentos com os foragidos do Amapá lhes haja dirigido discursos mal cabidos, e mesmo em termos repugnantes ou contradictorios; mas vos convireis, Sr. governador, que um governo não poderia impedir que os individuos entre si e em suas relações pessoaes, usem de expressões e linguagem cada qual accommodada ao seu gráo de illustração.

Bem podeis ajuizar ácerca da classe infima a que pertencem; tanto os foragidos, que alli vivem, como as tripolações dos pequenos barcos de pescaria, que la vão. Uns e outros são geralmente tapuios. Esse mesmo official da guarda policial, que foi a negocio seu particular ao Amapá e a quem se attribuem discursos no sentido que dizeis, é um simples lavrador do centro do districto, segundo me informão, em quem se não póde suppor toda a illustração precisa para calcular o alcance de suas palavras (si as proferio) em assumptos desta ordem; talvez mesmo se lhe attribúa mais do que elle praticou, e que os rumores, que tanto mais crescem, quanto mais caminhão, vos chegassem tambem neste ponto exagerados. O que ha pois de positivo, é que eu procuro fazer saber, pelo meio já dito, a certa classe de foragidos, que podem vir livremente apresentar-se. Seguramente reconhecereis, que o procedimento de um governo, que envia palavras de benevolencia e de paz, para attrahir a seus subditos, é um acto de moralidade e digno de louvor, seja em qualquer parte do mundo que existão esses subditos, quanto mais em um territorio do dominio litigioso e se eu não tivesse escrupulos de vos ser importuno, recorreria á vossa benevolencia para me coadjuvardes no empenho de fazer chegar aos foragidos do Amapá, que alli se conservão, na illusão uns, na ignorancia outros convencimento de que podem sem risco vir apresentar-se ás autoridades do seu paiz.

Eis o facto esclarecido, e estou certo que agora cessará toda a preoccupação que elle vos pudesse ter suscitado.

4.° Referis a annuncio do jornal *Treze de Maio*. Esta folha não é, como pensais, propriamente official, mas sim é sómente nella que a presidencia manda publicar os seus actos officiaes, que devem ser conhecidos do publico. O annuncio limita-se a dizer *que constava* existirem estacionados na foz do rio Amapá alguns navios de guerra francezes. Narrou um facto nesse tempo em duvida e actualmente confirmado.

O annuncio terminava dizendo que o brigue *Nictheroy* ia sahir em commissão. Já antes vos indiquei ao que esse brigue é destinado, quando estaciona em Macapá, e agora deveis mais saber qual foi a commissão em que elle sahio e que por delicadeza e por não parecer ostentação, o annuncio deixou de mencionar. Já esse brigue deveria achar-se no

ancoradouro de Cayenna, e ainda aqui ninguem suspeitava da viagem a que foi, o que sómente agora é sabido. O annuncio portanto do jornal, não só em nada justifica as vossas apprehensões, mas até prova que houve a boa intenção de as não suscitar.

5.° Dizeis finalmente que vos chegou a noticia de que aqui no Pará se preparava ostensivamente uma expedição com o fim sabido da occupação do territorio onde estivera o posto militar francez em 1840. Essa noticia é tão pouco fundada como os outros rumores exagerados que vos chegaram; e vós mesmo no final do vosso officio tivestes não só o bom discernimento de tomar como exageração a importancia desses preparativos, mas tambem a delicadeza de não pretender de maneira alguma conhecer o seu fim.

Bem incommoda, Sr. governador, seria a posição de dous vizinhos, que sem motivo justificado se constituissem em estado de mutua desconfiança, e que sob taes impressões, que de ordinario conduzem a errados juizos, se vissem obrigados a observar e interpretar os movimentos de cada um.

Certo da lealdade do vosso e do meu governo, tendo a consciencia da minha sinceridade e confiança na vossa, é-me lisongeiro esperar que esse estado de desconfiança nunca apparecerá. E pelo que respeita a este topico do vosso officio, posso afiançar-vos que, quando um motivo qualquer pudesse ter feito apparecer a necessidade de mais algum movimento nos preparativos navaes, se esse motivo mesmo fosse justificado em presença de um facto, como medida de prudencia e cautela, semelhante á que vós tomastes sobre simples rumores, em todo o caso, não havia nem pensamento de occupação, nem de especie alguma de aggressão.

Cabe agora, Sr. governador, mencionar o incidente que vos pertence.

Depois da primeira ida do brigue brazileiro *Nictheroy* a Macapá, onde estacionou de Junho a Setembro do anno passado, correram os infundados rumores que vos preoccuparam, e pelos quaes fizestes estacionar uma força naval na embocadura do rio Amapá.

Tive noticia vaga de que em Agosto ou Setembro do anno passado alli estacionaram por mais de um mez um brigue e duas goletas. E como estes navios não permaneceram e mesmo não tive então plena certeza do facto, nenhuma explicação provoquei. Mas posteriormente chegou-me a noticia de que no mez de Dezembro achavão-se estacionados no mesmo lugar dous brigues e um vapor de guerra, o que motivou o meu officio de 10 de Janeiro, que vos expedi pelo brigue *Nictheroy*.

Finalmente por communicações officiaes do mez de Fevereiro proximo passado, fui informado que ainda permanecia um brigue de guerra francez estacionado em frente da embocadura do lago Amapá, no canal formado entre a ilha de Maracá e a terra firme. Dá-se portanto a hypothese que figurei no meu officio de 10 de Janeiro de permanencia de força no lugar do litigio, o que é em contrario ao estatuido

entre os dous governos, que concordaram em manter o *statu quo* de inoccupação.

Na 2.ª das conclusões do vosso officio me prevenistes, de que a presença dessas embarcações de guerra fôra provocada pelos boatos que ahi vos chegaram. Como, porém, agora esses boatos cahem completamente, e pelos esclarecimentos que ora vos dou, ficais convencido do seu nenhum fundamento, desappareceu o motivo que julgaveis legitimar alli a presença da força naval franceza.

Cumpre-me tambem dizer-vos, que sei pelas ultimas participações, que o brigue de guerra francez, que ainda alli se conserva, tem estabelecido um activo registo sobre todas as canoas de pequeno commercio que se dirigem ao lago. São ellas visitadas, dão-se-lhes busca, examinão-se os papeis e são acompanhadas até certas distancias por lanchões armados, de maneira que este procedimento constitue um verdadeiro bloqueio e exercicio de jurisdicção no territorio litigioso, o qual neste caracter, se não está constituido como um estado neutro, está seguramente no que se deve qualificar *nullius jurisdictionis*.—E como no vosso officio me previnis que não devo preoccupar-me com alguns cruzeiros sobre a costa do territorio litigioso, fico convencido de que as vossas instrucções não têm sido litteralmente cumpridas, pois que um simples cruzeiro pela costa, que qualquer de nós póde estabelecer, foi convertido em bloqueio com vexação dos subditos brazileiros, que alli vão, e deste modo devo suppor que contra vossas intenções tem havido da parte dos executores das vossas ordens mais que excesso de zelo; e tal é a confiança que tenho na nobreza de vosso caracter, e na rectidão de vossos sentimentos, que conto com toda a segurança que fareis cessar semelhantes factos. Em conclusão, Sr. governador, á vista de tudo quanto fica dito resulta:

1.° Não ha nem houve a mais ligeira idéa de uma occupação militar por parte do Brazil sobre qualquer ponto do territorio litigioso, e alguns factos a que alludis nunca tiveram o alcance que os rumores lhes derão.

2.° Estamos de accôrdo que não a nós, mas sim aos nossos governos, compete decidir as duvidas sobre os direitos que cada um possa ter ao dito territorio, e que até essa decisão ficão intactos os mesmos direitos, tanto a uma, como a outra parte.

3.° Que a nenhum de nós é permittido alterar o estado de inoccupação do territorio litigioso e nem exercer nelle acto algum de jurisdicção, porque assim está convencionado pelos nossos governos.

4.° Finalmente que nenhuma força de mar ou de terra, franceza ou brazileira, póde estacionar nos lugares do litigio.

Tendo-vos fallado, Sr. governador, com a precisão e franqueza que mostrastes desejar, agora que tudo fica esclarecido, será com a mais viva satisfação que verei desvanecidas todas as apprehensões sobre os actuaes incidentes relativos ao Amapá e tudo restituido ao anterior estado de cousas, e no pé lisongeiro em que pelas nossas mutuas ex-

plicações fica este assumpto, desde já officio ao meu governo, asseverando-lhe que póde contar terminados estes ligeiros incidentes, que só tiverão por origem uma equivoca interpretação de factos aliás bem simples.

Assim, Sr. governador ficai plenamente convencido dos meus puros e sinceros desejos de manter a mais completa harmonia e amigaveis relações entre os subditos de nossas nações, residentes nas provincias que governamos; e pelo que pessoalmente vos respeita, é-me sempre grato ter occasião de exprimir-vos os sentimentos de minha cordial estima e da distincta consideração com que tenho a honra de assignar-me— Vosso muito affectuoso servidor e venerador.— *Jeronymo Francisco Coelho.*

A este officio respondeu o governador de Cayenna.

O governador da Guyanna Franceza ao presidente da provincia do Pará.

Colonia da Guyanna Franceza.—Gabinete do commissario geral da republica franceza. —N. 138.—Cayenna, 1.° de Abril de 1850.

Sr. presidente. — Tive já a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex. de 11 do passado, que me foi entregue pelo Sr. capitão-tenente de marinha Dieudonné, commandante da corveta de vapor *Crocodille;* e, na falta de tempo, para responder a V. Ex. pelo brigue de Sua Magaestade Imperial, *Nictheroy*, vou agora dirigir-vos algumas observações, que julgo indispensaveis, mesmo antes que a intervenção de poderes, que nos são superiores, venha concluir definitivamente a polemica entre nós havida a respeito da questão do Amapá.

Com effeito, Sr. presidente, felicitando-me com V. Ex. pelo feliz resultado, que certamente terá a correspondencia a que nos levaram os ultimos incidentes, e que tem por objecto este territorio, aceitando com empenho e satisfação sincera a explicação dos factos que me hão preoccupado, a manifestação da inteireza e lealdade das intenções de V. Ex., e finalmente, sem prejudicar os sentimentos de cordialidade e estima, com que sempre tenho o prazer de ser reciproco, para com V. Ex., não posso deixar passar desapercebidos alguns pontos do officio de V. Ex., que devião particularmente fixar minha attenção; não que, a meu ver, um esquecimento ou o silencio da parte de um de nós possa trazer a respeito de nossos governos uma obrigação, ou uma especie de adhesão tacita, por isso que não temos commissão para tratar; mas, como mui bem diz V. Ex., nestas materias faz-se necessaria a maior clareza, e convém repellir claramente aquillo que se não aceita.

Desde que V. Ex., deixando o que lhe parece ser vago em minha designação das terras litigiosas, situadas além do Oyapock e do cabo de Orange para o Amazonas, fixa o limite do territorio contestado no rio Calçoene a 2° 30' de

latitude norte, isto é a muitas leguas ao norte do Amapá, decide uma questão, que de nenhuma fórma me parece tel-o sido pelos tratados e convenções que até hoje regem a materia.

Não tenho conhecimento de documento algum diplomatico, em que se tentasse estabelecer semelhante limite, senão um tratado de 20 de Agosto de 1797, segundo julgo, que devia dar por fronteira ás duas Guyannas o rio Calçoene; porém este tratado não foi ratificado nem pela França, nem por Portugal. E de facto, recorrendo-se aos tratados, só um encontrar-se-ha, no qual alguma cousa de preciso se tenha estabelecido relativamente á contestação originada da interpretação do art. 8.º do tratado de Utrecht, e este tratado é o de Amiens de 25 e 27 de Maio de 1802, não mencionado por V. Ex. em seu officio.

Dando, pois, este tratado, sem ambiguidade alguma, o Arawary ou Araguary por limite ao territorio francez, é natural, comquanto os tratados posteriores tenham em duvida a justiça da solução adoptada em 1802, que não possamos aceitar no territorio contestado limites mais estreitos que os naquella época admittidos como definitivos. E' isto que a França sustenta; e tal é evidentemente o sentido em que foi redigida a nota do Sr. Guisot, de 5 de Julho de 1841, junta ao officio de V. Ex., assim como tambem o que tem precedido a toda essa controversia desde a paz de 1815.

Voltando ao objecto mais especial destas explicações, inteiramente reconheço com V. Ex. a exageração que sempre acompanha as noticias da especie das que nos occupam, e quanto é conveniente não lhes dar facilmente credito.

Foi este precisamente o motivo por que eu limitei-me primeiro que tudo a mandar observar o que se passava nesses lugares; e se o officio de V. Ex. de 10 de Janeiro me tivesse sido entregue nessa data, desde então toda a difficuldade estaria provavelmente aplanada; porque em Janeiro embarcação franceza alguma existia no Amapá, tendo, eu repito-o, accidentalmente enviado uma em fins de 1849, só com poucos dias de demora por cada vez, e jamais duas ou tres, como foi relatado a V. Ex.

E como estes boatos assim são os mais.

O certo é que nunca existio tão grande numero de embarcações do Pará no lago do Amapá, como nestes ultimos tempos, e que se mesmo por causa de seu numero, o commandante de um navio tomou algumas medidas para sua inspecção, nem por isso foram um só momento interrompidas sua industria, nem suas operações; nada pois mais infundado que as queixas feitas a este respeito.

O que, porém, é grave, e isto se vê do officio de 11 de Março e das declarações de V. Ex., é a existencia da colonia Pedro II, da jurisdicção e direitos de soberania, affectadas nas terras vizinhas ao cabo do Norte.

Lembra-me V. Ex. que, quanto ao que lhe diz respeito, eu poderia encontrar a explicação das medidas tomadas por V. Ex. na participação que me fez em fins de 1848, que no

intento de evitar a evasão dos escravos dessa provincia para territorio francez, indubitavelmente teria V. Ex. de reforçar os postos de suas fronteiras.

Eu não havia esquecido estas considerações: mas como esperasse o resultado, eis que me chega a noticia da partida do *Nictheroy* do Pará em fins de Janeiro e venho tambem ao conhecimento das intenções de V. Ex. de estender seus meios de inspecção além do antigo posto brazileiro do Araguary.

Segundo as explicações que me deu o Sr. Martinus Hannibal Boldt, a colonia de Pedro II não se acha estabelecida no Araguary, mas n'um dos affluentes deste rio, vindo do norte, e que por conseguinte desagua pela margem esquerda. Não é preciso mais que notar-se que são estas as proprias terras do Cabo do Norte. Ora quanto a nós e segundo os tratados, não são estas as fronteiras da provincia a cargo de V. Ex. E' pois realmente uma invasão do territorio reservado, a que eu poder-me-hia oppor.

Refiro-me, Sr. presidente, aos mesmos principios invocados por V. Ex., isto é, que aquelle dos dous governos que por uma occupação de facto infringisse as convenções relativas ao territorio contestado, romperia as boas relações, tão felizmente mantidas até ao presente.

De todas estas occurrencias dei parte ao meu governo e aguardando suas ordens cumpro um dever, protestando desde já em seu nome contra o que se passa por parte do Brazil em todo o territorio ao norte do curso do Araguary.

Muito folgaria, Sr. presidente, de não ter que contestar ponto algum essencial do officio de V. Ex. de 11 de Março, aliás tão cheio de attenciosas e benevolas expressões para com a França.

Apraz-me emfim esperar, que attenta a boa harmonia de nossos respectivos governos, brevemente veremos extinguir-se este germen de dissensões; e que o Brazil se prestará a fazer cessar as causas de preoccupação com que se agita. Creia V. Ex., senhor presidente, que de minha parte não pouparei esforços, a fim de que nada venha a aggravar o actual estado de cousas.

Novamente repito a V. Ex. a expressão dos sentimentos de alta consideração com que tenho a honra de ser, de V. Ex., o mais humilde e obediente servidor.— O commissario geral da republica franceza em Cayenna.

PARISET.

O presidente do Pará respondeu ainda nos termos seguintes:

O presidente da provincia do Pará a Mr. Pariset, Commissario geral da republica franceza e governador da Cayenna.

Presidencia do Pará, na cidade de Belém, 30 de Maio de 1850.

E' com satisfação que accuso a recepção da vossa honrosa

carta official do 1.° do mez proximo passado, que me foi entregue por Mr. Henry Jule, commandante do brigue francez *Eglantine*, aqui chegado no dia 27 do corrente. Como de costume, tendes a bondade de penhorar-me com delicadas e obsequiosas expressões, proprias da vossa cortezia, e que mui cordialmente vos agradeço.

E' a vossa carta resposta á que vos dirigi em data de 11 de Março e que veio chegar aqui com grande demora, pela longa viagem que trouxe o dito brigue.

Passando a entrar no assumpto relativo ao territorio do Amapá, direi que esta vossa carta official, bem como a anterior, contém ainda duas especies distinctas, a saber: a questão de direitos, ou puramente diplomatica, e a questão dos factos ou incidentes que occorrem.

Quanto á primeira, posto que a questão de direitos sobre o territorio litigioso, ou a solução final dos verdadeiros limites, como já tive occasião de dizer-vos, não seja de nossa competencia por terem os nossos governos guardado para si o ajustarem ou resolverem essa delicada e antiquissima, questão, e sendo certo que ácerca della nossas opiniões pessoaes, ou sejam verdadeiras ou erroneas, nenhum engajamento trazem a nossos governos, todavia é sempre util esclarecer com franqueza e lealdade qualquer ponto duvidoso ou equivoco sobre questões importantes, tal como esta, tanto mais que quando nossos governos hajam de tomar alguma deliberação, ou venham a chegar a algum accôrdo definitivo, nossas opiniões poderão ser por elles consideradas, conforme o gráo de confiança e conceito que lhes merecemos, visto que nos achamos em presença das localidades, e que por esse motivo em nós se deve presumir perfeito conhecimento do assumpto questionado.

Permittireis, Sr. governador, que eu principie por dizer-vos que muito injusta me pareceu a vossa pretenção de quererdes definir a extensão do territorio litigioso desde o rio Araguary para o norte até o Oyapock, soccorrendo-vos, para explicar a disposição do art. 8.° do tratado de Utrecht, de 1713, ao caduco tratado de Amiens de 25 e 27 de Março de 1802, sendo este ultimo que fixára o rio Araguary para limites entre as duas Guyannas Franceza e Portugueza, quando o outro designára para limite o rio Oyapock ou de Vicente Pinson, declarando em termos muito claros e expressos, que ficavam pertencendo em todo o dominio á corôa portugueza as terras chamadas do Cabo do Norte. A aceitar-se, Sr. governador, a vossa inadmissivel pretenção de limites pelo Araguary, resultariam as manifestas contradicções, que passo a expor-vos.

1.° Nossos governos estão de accôrdo que o tratado de Utrecht é o que vigora, posto que dependente de ser esclarecido em sua verdadeira intelligencia. Vós, e eu tambem, estamos do mesmo accôrdo. Ora, esse tratado, em termos livres de todo o equivoco, nos dá o dominio das terras chamadas do Cabo do Norte: assim, pois, se o limite fôr, como dizeis, o rio Araguary ao sul do dito Cabo, ficará este, bem

como as terras áquem e além delle, pertencendo á nação franceza, quando essas terras, que são as do Cabo do Norte, nos ficaram expressamente pertencendo pelo tratado, que reconheceis válido.

2.° O fundamento em que vos baseais para traçardes o limite pelo rio Araguary, é que, sendo equivoca a designação constante no art. 8.° do tratado de Utrecht, pela dupla denominação do rio Oyapock ou Vicente Pinson, sómente o tratado de Amiens foi o unico, em que encontrastes alguma cousa de preciso para interpretação do de Utrecht.

Se assim fosse, se o limite estava traçado pelo de Amiens de um modo claro e preciso pelo rio Araguary, sendo esse tratado do anno de 1802, não tendo havido outro até a paz geral em 1815, que necessidade haveria de nova affixação de limites entre os dous governos de França e Portugal, como a que consta do art. 107 do congresso de Vienna de 9 de Junho de 1815, revalidando e explicando o tratado de Utrecht? Não será contradicção, existindo um tratado com limites precisos, fazer-se outro inutilmente duvidoso, e em pura perda? A verdade é que o acto do congresso de Vienna teve por fim annullar os limites do de Amiens e quaesquer outros, e de explicar com precisão o de Utrecht, marcando a posição geographica entre os 4° e 5° de latitude norte; e bem vedes, Sr. governador, que a embocadura principal do rio Araguary está apenas na latitude de 1° e 20' norte.

Demais a vossa opinião de ser o tratado de Amiens explicativo do de Utrecht traria o notavel resultado de dar ao rio Araguary quatro nomes distinctos, a saber: Araguary ou Arawri, Oyapock ou Vicente Pinson; e neste caso que nome ficará tendo o rio que desagua por entre o cabo de Orange e a ponta d'Argent? Ficarão havendo dous Oyapocks um ao norte, outro ao sul, servindo de extremos ao territorio contestado? Seguramente que o não admittireis, logo sereis obrigado a convir, que o rio Araguary não é e nunca foi o Oyapock ou Vicente Pinson, que menciona o tratado em vigor.

Aqui cabe dizer-vos, que esse tratado de Amiens não só caducou pelo acto posterior do congresso de Vienna, mas ainda que, quando nenhum outro tratado posterior houvesse, o de Amiens nenhuma obrigação impuzera a Portugal, que nelle não foi representado, não interferio, e nem foi ouvido nos ajustes, que então se fizeram entre differentes potencias com a nação franceza. Não posso portanto aceitar o vosso principio, de que por ser o tratado de Amiens o unico que marca limites precisos, deve ser elle o explicativo das duvidas do de Utrecht; por esse principio, se elle fosse aceitavel, ainda poderieis ir mais longe, porque antes do tratado de Amiens e depois do de Utrecht, houveram varios tratados, inclusive o de 20 de Agosto de 1797, por vós citado, e que, como muito bem dizeis, não foi ratificado; e entre elles se encontra o ephemero tratado de Madrid de 29 de Setembro de 1801, que fixava para limite o rio Carapanatuba, que des-

agua dentro do Amazonas acima da fortaleza de Macapá. Nem é pois, como vos persuadis, o tratado de Amiens o unico que se encontra depois do de Utrecht, fixando limites precisos e definitivos; nem é exacto o vosso modo de pensar, porque então o dito tratado de 1801 poderia tambem considerar-se explicativo do de Utrecht.

3.° Vós declarais ainda que as pretenções do vosso governo têm sido sempre sustentar como seus limites ao sul o rio Araguary; e que é esse o espirito da nota de Mr. Guisot de 5 de Junho de 1841, de que vos remetti cópia.

Tereis a boudade de me permittir, que eu vos observe que, se taes têm sido as pretenções do vosso governo, ellas pelo menos nunca foram manifestadas; demais não convenho que esse seja o espirito da nota de Mr. Guisot. Esse illustrado ex-ministro da nação franceza se exprime bem claramente, referindo-se precisamente ao estado de cousas que diz respeito á inoccupação do posto do Amapá, sem mais alguma outra referencia directa ou indirecta sobre a questão do litigio, que elle não discute, nem ao menos nella toca levemente.

O que vos posso tambem asseverar é que, pela discussão diplomatica havida entre os nossos dous governos, occasionada pela occupação franceza do Amapá em 1836 até 1840, nunca o vosso governo argumentou com a validade do tratado de Amiens, nem uma só vez, em virtude desse tratado, reclamou para limite o rio Araguary; de sorte que, quando elles designavam o territorio do litigio apenas usavam da expressão indefinida—margem meridional do Oyapock.— O primeiro que se lembrou de invocar esse tratado, foi em 1836 um de vossos antecessores, Mr. Laurent de Choisy, e agora vós que a elle vos referis.

Nas duvidas em antigos tempos suscitadas sobre a intelligencia do tratado de Utrecht, nunca tambem entrou em questão o Araguary.

A pretenção do governo francez nesses tempos era que o tratado devia entender-se fixando os limites na bahia de Vicente Pinson, e vós sabeis que esta bahia é a comprehendida entre a ilha de Maracá e a embocadura do Amapá, e dahi sómente póde ter derivado o pretendido direito de occupação em 1836. Para vos demonstrar que nunca passaram a mais as antigas pretenções sobre a intelligencia daquelle tratado, vos citarei o periodo 3.° de uma carta da municipalidade do cantão do Oyapock ao commandante de um navio da armada portugueza alli fundeado, com data de 18 de Outubro de 1794, em que lhe dizia, contestando as nossas pretenções sobre o Oyapock, que os francezes occupavam, ha muito tempo, a margem meridional do dito rio Oyapock até a bahia de Vicente Pinson. Na sessão do conselho de guerra de Cayenna, de 25 do mesmo mez e anno, se vê igual declaração de que consideravam os seus limites no Cabo do Norte ou bahia de Vicente Pinson.

Modernamente na occasião da occupação franceza em 1836, tanto não se tinha em mente o Araguary para limite, que o vosso antecessor já menciona. do Mr Laurent de Choisy, na

abertura da sessão do conselho colonial desse anno, assim se exprime: «Em observancia das ordens de Sua Magestade tomei posse dos limites meridionaes da Guyanna franceza fixados pelo tratado de Utrecht.» Eis pois o vosso antecessor qualificando, por ordem do vosso governo, como limite meridional o ponto do Amapá, e fazendo tal declaração em um documento solemne, publicado na *Quotidienne* de 5 de Julho. Tudo isto está de accôrdo com as pretenções de antigos tempos, pois que effectivamente o Amapá está na altura da bahia de Vicente Pinson.

Agora ficareis conhecendo, Sr. governador, o motivo por que no meu officio anterior eu fiz menção do rio Calçoene, como limite meridional pretendido pela nação franceza; não foi porque considerasse válido o tratado não ratificado de 20 de Agosto de 1797, e tão pouco o mencionei; mas pelo menos esse tratado esclarece as idéas recebidas naquelles tempos e manifesta qual tem sido desde então o objecto do litigio, porque habeis negociadores por parte de ambos os governos, pretendendo fixar os limites, declararam que era o rio, que os portuguezes chamavam Calçoene, mas que os francezes chamavam Vicente Pinson.

As palavras pois do dito tratado sómente servem como autoridade subsidiaria, de tanto mais peso, quanto estão de perfeita harmonia com as declarações da municipalidade do cantão do Oyapock e do conselho de guerra de Cayenna, e até com o discurso de Mr. Laurent de Choisy, de que acima vos fallei.

De tudo quanto tenho tido a honra de expor-vos, resulta evidentemente, que só é territorio do litigio, pela propria declaração das autoridades francezas antigas e modernas, o que decorre do ponto do Amapá, onde teve lugar a occupação, até o Oyapock reclamado pelo Brazil, e portanto não póde ser aceita qualquer outra pretenção, ampliando o territorio litigioso além desses limites.

Passando a tratar da questão dos factos ou incidentes occorridos, torna-se ella agora bem simples, depois das nossas reciprocas explicações.

Vós ficastes sabendo, Sr. governador, da exageração dos boatos, que alli vos chegaram, e de que nunca houve a mais ligeira idéa da minha parte ou do meu governo de uma projectada occupação do Amapá, eu fico tambem sabendo, pelo que agora me fazeis a honra de dizer, que igualmente me exageraram as noticias sobre a permanencia de uma força naval franceza em frente da embocadura do Amapá, pois declarais, que á vista daquelles boatos, vos tinheis limitado a enviar um navio para aquelle ponto, accidentalmente, e só por poucos dias de cada vez. Assim portanto, nesta parte é um assumpto completamente findo, e não tereis motivo algum fundado para enviar, nem mesmo accidentalmente, e por dias, mais navio a estacionar em frente do Amapá.

Aproveito a occasião para informar-vos que a mesma exageração de boatos sobre esta questão chegou ao conhecimento

do encarregado dos negocios de França no Rio de Janeiro, e que este, pedindo explicações ao governo imperial, teve em resposta a asseveração formal pelo ministro dos negocios estrangeiros, de que nenhuma pretenção havia de nossa parte para alterar o accôrdo subsistente sobre a inoccupação do territorio do litigio, e é com muito prazer, que tenho a honra de fazer-vos esta communicação.

Pelo que respeita ao facto, que vos parece muito grave, da existencia da colonia de Pedro II, negando-nos, segundo os tratados, que tenhamos direito ás terras vizinhas do Cabo do Norte, e acreditando de mais estar a dita colonia, não no rio Araguary, mas em um dos confluentes que nelle se lança pela margem esquerda, á vista do que ahi vos explicou o capitão de fragata Martinus Hannibal Boldt, cumpre-me dizer-vos, que de modo algum, em favor desta vossa pretenção, podeis invocar os tratados. Vosso governo, e vós reconheceis que é válido o de Utrecht, e já ácima vos lembrei, que o art. 8.° desse tratado nos dá expressamente o dominio das terras do Cabo do Norte.

Como, pois, contra esse nosso direito expresso, nem ao menos reconheceis-nos com direito do dominio das terras vizinhas do Cabo do Norte?

Tudo isto nasce do equivoco em que laborais, de que póde ter applicação o — desde sua origem nullo — tratado de Amiens, cuja validade nem o vosso governo em tempo algum reclamou perante o meu, nas questões suscitadas sobre as duvidas do tratado de Utrecht.

O facto real e unico é, que o ponto contestado do limite meridional francez, no territorio litigioso, é o Amapá, e que, não tendo o vosso governo manifestado mais extensas pretenções ao sul do Amapá, não podeis vós transportar dahi o ponto do litigio para o Araguary, e terras do Cabo do Norte.

Não posso nesta occasião ter conhecimento dos precisos termos em que o capitão de fragata Boldt, vos teria dado explicações sobre o lugar em que existe a colonia Pedro II, visto que este official se acha ausente, mas posso desde já asseverar-vos que houve manifesto equivoco, ou no modo por que elle vos deu taes explicações, ou no sentido em que as recebestes, porquanto não é exacto, que a dita colonia esteja situada em confluente algum da margem esquerda do Araguary, mas sim no rio principal, isto é, no proprio Araguary.

Basta consultar a hydrographia fluvial destes lugares, e se saberá: 1.°, que o rio Araguary não tem confluente algum pela margem direita, pois nesse caso poderia suscitar-se duvida quando se quizesse apresentar o rio confluente pelo principal; 2.°, que pela margem esquerda do Araguary, além de alguns riachos ou igarapés, cerrados de mato, e quasi intransitaveis, sómente confluem dous rios secundarios e de pequeno cabedal, e que são o Aporêma e o Tracajatuba, e em nenhum delles está a colonia, e sim acima da confluencia do primeiro e pouco abaixo da do segundo, e portanto está no rio principal do Araguary. Accresce mais

que esta colonia foi solemnemente fundada, e alli tem subsistido ha mais de nove annos, ainda antes do accôrdo entre os dous governos sobre a inoccupação do Amapá.

Não é, pois, facto moderno, nem clandestino, nem incompetente, que possa de qualquer modo ter ligação com as questões pendentes, as quaes em nada se referem ao territorio de sua collocação; e, portanto, não ha o mais leve fundamento para reclamação alguma da vossa parte.

Desculpai-me, Sr. governador, de ter sido talvez demasiadamente extenso sobre este assumpto, mas a sua importancia assim me pareceu exigir. Em conclusão, o facto principal e o mais grave. que deu origem a toda esta discussão, está esclarecido. Pelas nossas mutuas explicações e declarações não ha, nem houve da parte do vosso, nem do meu governo, e muito menos da nossa parte pretenção alguma tendente a alterar o *statu quo* da inoccupação do territorio litigioso, e deste modo estão desfeitas todas as nossas mal fundadas apprehensões sobre a possibilidade de qualquer occurrencia, que pudesse alterar as relações amigaveis e de boa intelligencia que felizmente subsistem entre os nossos governos, a quem agora toca a se ajustarem definitivamente sobre esta questão, cuja solução clara e precisa, qualquer que ella seja, traria a grande vantagem de acabar com este estado indefinido e duvidoso, que será sempre uma fonte de interminaveis conflictos.

Por este modo, Sr. governador, concluo esta resposta á vossa honrosa carta; e se grande é o pezar que tenho tido, de que entre nós e involuntariamente apparecesse esta questão, nascida de boatos exagerados e factos mal interpretados, é-me ao memo tempo sobremaneira grato, que ella ficasse esclarecida e terminada por um modo franco, leal e honroso; e pelo que pessoalmente me diz respeito, só tenho motivos de felicitar-me por ter merecido de vossa parte não equivocas provas de vossa delicadeza e benevolencia, e de tambem ter-me proporcionado, por vezes, occasiões de poder significar-vos a minha expressão de subida estima e distincta consideração que vos tributo, que ainda esta vez vos reitero e com que tenho a honra de assignar-me — Vosso muito affectuso respeitador e servidor.—*Jeronymo Francisco Coelho.*

Em virtude das reclamações do governo imperial, ordenou o governo da republica franceza a evacuação da foz do Amapá e a manutenção do accôrdo havido em 1840.

E assim terminou aquelle incidente.

E' de crer que o governo imperial, logo que ache occasião opportuna, procure terminar de uma vez para sempre essa tão velha questão de limites que de um momento para outro póde tornar-se causa de serios e perigosos conflictos.

Esses tratados dubios, essas convenções celebradas para manterem por tempo indefinido o *statu quo*, que de um dia para outro póde ser alterado, não convem á tranquillidade do paiz.

As transacções não resolvem as questões, adiam as difficul-

dades. São como a espada de Damocles, suspensa sobre a cabeça.

Fechemos o parenthesis.

As ilhas mais notaveis da embocadura do Amazonas são : a ilha de Marajó, que é a maior de todo o Brazil, a Caviana, a Mexiana, Flôres, e as que formam o archipelago denominado do Curuá.

A ilha de Marajó ou de Johannes, chamada primitivamente ilha dos Nheengahibas, por serem de linguas differentes e difficeis as muitas tribus indigenas, que nella habitavam (1), é de fórma quadrangular : tem 150 milhas de extensão de leste para oeste e 100 milhas de norte para sul, pouco mais ou menos.

Nas partes de leste e nordeste tem esta ilha uma elevação de 20 a 30 pés acima do nivel do mar, mas para o Oeste, desce a superficie até quasi ao rio, de modo que durante o

---

(1) Na boca do Amazonas está atravessada uma ilha, maior, ella só, que todo o reino de Portugal, e povoada então de muitas nações de indios, que, por serem de linguas differentes e difficeis, eram geralmente chamados nheengahibas. Ao principio receberam estas nações aos portuguezes em boa amizade; mas, conhecendo que o nome de paz com que vinham, era disfarce que para logo se declarava em captiveiro, tomaram as armas e começaram a fazer-lhes guerra por toda parte. Usava esta gente de canôas ligeiras e bem armadas, com que infestavam as entradas, que quasi todas eram por agua, matandoe roubando com tal estrago, que nem em suas proprias defensas estavam seguros os portuguezes. Em vão tentaram diversos governadores e nomeadamente André Vidal de Negreiros, acabar com um vizinho tão incommodo ao Estado, empenhando na empreza todos as forças delle; pois nunca da guerra se alcançou outro resultado mais que o repetido desengano de que as nações nheengahibas eram inconquistaveis pela ousadia, pela cautela, p la astucia e pela constanci da gente e mais que tudo, pelo sitio inexpugnavel com que as defendeu e fortificou a mesma natureza.

« E' a ilha toda, diz o padre Antonio Vieira, composta de um confuso e intrincado labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e sahidas, estes sem entrada nem sahida alguma; onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver o inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores, apontando e empregando as suas frechas. E porque esse modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os nheengahibas quando se resolveram á guerra, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudessem umas avisar ás outras e nunca serem acommettidas juntas. Desta sorte ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte della; servindo-lhes porém em todos os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, cada nheengahiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate. »

(JOÃO FRANCISCO LISBOA.— *Vida do padre Antonio Vieira.*)

tempo da enchente, fica a maior parte della inundada. Esta parte baixa é cortada em todas as direcções pelos *furos* do Amazonas, tendo além destes muitos outros pequenos rios, que despejam a quantidade immensa d'agua, que cahe durante o inverno.

As margens da ilha de Marajó são cobertas de matas, onde existem muitos seringaes. Poucas milhas distante do rio desapparecem as matas e o resto da ilha é uma vastissima campina com excellentes pastagens, proprias para a criação de gado, que lá existe em grande quantidade.

«A structura geologica da ilha de Marajó, diz o Sr. Derby, geologo americano, que visitou-a em 1871, é conforme á da terra, que limita o rio de ambos os lados.

« Excepção á regra que se applica a quasi todos os grandes rios, o Amazonas não desemboca n'um delta recentemente formado pelo sedimento da agua, mas em depositos mais antigos que os do presente. Encontrando a corrente do equador, não póde a quantidade immensa do sedimento que o rio transporta ser depositada na embocadura, e é elevada a formar a costa da Guyanna. Dahi resulta que o rio não augmenta o seu comprimento, como fazem o Mississipi, o Nilo e outros; mas ao contrario o mar actualmente ganha pela destruição da costa de leste do Pará e da ilha de Marajó. Grande parte do lado occidental da ilha é devida aos depositos presentemente formados pelo rio, onde a força da corrente é quebrada pela intervenção da parte mais antiga de leste. »

A parte mais oriental da ilha de Marajó, estende para o norte uma ponta de terra, conhecida pelo nome de Cabo de Maguary. Póde ser reconhecido, diz o Sr. 1.° tenente Rufino Tavares, da tolda de qualquer embarcação, em tempo claro, na distancia de 15 milhas. (1)

As terras do Cabo são altas, mui arenosas e alagadas: nellas vegetam mangues e outras arvores originarias dos lugares pantanosos, como são quasi todos os da ilha de Marajó.

Para o nordeste mostra uma face, com pouco mais de 4 milhas de comprimento, em cujos extremos se acham o cabo e a ponta *Jaraú*. Proximo desse ponto começa uma perigosa curva, onde existem encravados os mais temiveis bancos e alphaques de arêa, entrecortados de canaes, conhecidos sómente dos pescadores e conductores de gado, e aos quaes as mais modernas cartas dão o nome collectivo de — bancos de *Santa Rosa* ou *Maguary*.

Todo o systema de bancos circumscriptos no cabo, occupa uma extensão de 16 milhas para E, e de quatro para N. Tem tres canaes, que podem dar passagem ás embarcações peque-

---

(1) *Instrucções para navegar sobre o canal da ilha das Flechas, desde o cabo de Maguary até o porto de Macapá.* Sirvo-me destas *instrucções* para a noticia sobre o cabo de Maguary.

nas e de pouco calado, o de *Maguary*, dos *Botos* e do *Gallo*, formados pelos bancos *Manoel Oroca*, *Simão*, *Santa Rosa*, *Grande* e *Jagodes*.

O primeiro canal desemboca proximo da foz do ribeiro *Maguary* e contornando a testa da ilha virada para o N E, vai communicar com o dos *Botos*, por fóra do banco de Santa Rosa, passando rente á terra ao sul do banco *Manoel Oroca* e pela parte de cima do *Simão*. Tem na entrada duas braças escassas d'agua e quasi a dobrar o cabo, tres e quatro. As canôas e barcos conductores do gado que vai para a capital, procedente das fazendas de criação existentes nas ilhas de Marajó, Caviana e Mexiana, por elle se dirigem, por ser de todos o mais abrigado do mar e do vento, ainda que o mais estreito e tortuoso.

O segundo, muito mais profundo e largo que o precedente, tem de quatro a cinco braças d'agua. Fica situado a E do cabo, segundo a direcção NO—SE. Durante a vasante é que costumam demandal-o e por elle investem quando as embarcações se acham na distancia em que o mato que cobre Maguary se vê metade alagado. Termina na ponta mais ao sul do banco de Santa Rosa, onde ha tres braças d'agua. Tambem dá passagem pela parte do norte da corôa do *Simão* para o canal de Maguary, por occasião da prêamar.

O terceiro finalmente jaz ao nordeste do banco *Grande*; é formado por este e pelo *Jagodes*, que não é outra cousa mais do que uma serie de cabeços irregulares, mui perigosos á navegação, formando um intrincado labyrintho de canaletes e poções de difficil accesso. Sómente n'um caso extremo é que os pescadores o seguem e o reconhecem pelo pouco e variavel fundo que tem.

Todos os referidos canaes vão desaguar no que passa pela parte do norte da corôa *Kiriri*, até fazerem juncção com as aguas que banham a costa oriental da ilha de Marajó, e que por fórma alguma devem ser demandados sem um bom pratico, e na quadra das marés de aguas vivas, porque, correndo com muita força na direcção EO, é mui possivel ser a embarcação levada sobre qualquer delles se sobrevier a enchente.

Posição astronomica do cabo Maguary, segundo o Sr. 1.° tenente R. Tavares.

Long. O do Rio de Janeiro.....	5.°17' 8"
Lat. S.....	0.°13'17"

Os rios principaes da ilha de Marajó são:

Na vertente septentrional, o rio das Tartarugas, Arapixi e Anajaz.

Na vertente occidental, o rio Mapuá.

Na vertente meridional, o rio Anabijú.

Na vertente oriental, os rios Arary, Camará, Igarapé-Grande, e Cambú.

Ha ainda os rios dos Macacos, Piriá, Quanaticú, Pracuúba ou Paracuúba, Muaná, Atuá, Marajó-assú, Caracará e Cajú-nua.

O *Anajaz* é o mais extenso e volumoso dos rios da ilha de Marajó. Tem sua origem nas campinas centraes a O do lago *Arary* e das fontes do rio deste nome, e engrossa-se successivamente com o rio *Moccoôcs*, que vem dos *Mondongos*, com o *Corurú*, que sahe quasi das immediações da contra-costa, fronteira á ilha de Mexiana; com o *Mapuá* e outros rios menores. Entra na bahia dos Vieiras, no Amazonas, depois de communicar-se com o *Cajú-nua* e com o *Aramá*, que póde ser considerado como um grande braço, que elle lança para Oeste.

O Aramá tem fundo de 10 braças em toda a sua extensão, é bastante largo e offerece navegação facil para vapores.

Largo e com fundo de 15 a 30 braças em uma metade do seu curso, o *Anajaz* offerece uma navegação extensa e livre de perigos, havendo sómente um grande baixo fóra já da sua barra.

As margens são em geral de terra firme, muito ferteis e arvorejadas, excepto nas cabeceiras do rio, onde só ha campos, occupados por muitas fazendas de gado.

Os productos naturaes consistem quasi exclusivamente em borracha. Ha tambem algum cacáo silvestre e andiroba.

O rio *Mapuá* nasce de varios pequenos lagos, que se encontram nas matas, entre os rios *Anajaz*, *Quanaticú* e *Guajará* e lança-se no rio *Aramá*.

E' navegavel por canôas e até por pequenos vapores.

Nas suas matas e principalmente nas margens dos lagos, que lhe dão origem, ha grande abundancia de seringaes, dos quaes se extrahe talvez a melhor borracha, que vai ao mercado do Pará.

O rio dos *Macacos* é uma ramificação do rio dos *Breves*. Vai do poção dos Macacos para E, recebe alguns affluentes, inclina-se para o norte e entra no *Aramá*, a E da confluencia deste com o *Jaburú*.

Os rios *Piriá*, *Quanaticú* e *Pracuúba* lançam-se na bahia chamada dos Bocas.

Seguem o rumo de N a S.

Em suas margens encontra-se borracha em quantidade, castanha, estopa, jutahicica, tabaco e urucú. (1)

---

(1) Quando escreviamos estas linhas deparámos com um curioso artigo do general L. Bernard ácerca do *urucú*.

Não resistimos á tentação de transcrevel-o:

« O urucuseiro (*bixa orellana*) cresce espontaneamente nas matas da Guyanna, de onde foi transplantado para as roças, afim de ser cultivado.

« Produz em grande cópia sementes agglomeradas em capsulas, que abrem-se quando maduras.

« Contém essas capsulas, como a maior parte das *leguminosas*, a substancia nutriente do embryão, encerrada em um involucro

O rio *Muaná* é apenas um braço do rio *Atuá*. Este é formado pela reunião do *Tauá* e *Atuá* que se reunem com o *Anabijú*, seguindo antes desta ultima juncção, o furo *Muaná* para o sul até a bahia de Marajó defronte da bahia do Tocantins; neste, onde se acha a villa de Muaná, e nos dous outros rios, ha grande numero de estabelecimentos permanentes de criação de gado na parte dos campos, e de cultura nas da mata.

Os seus productos naturaes são : borracha, breu e cacáo.

O rio *Cajú-nua* é de curso pouco extenso, através de matas e terras em geral pouco alagadiças. Pouco acima da ponta denominada *S. Joaquim* entra no Amazonas por tres braços ou bocas, em frente da ilha das *Pacas*, que lhe fica muito proxima. A pouca distancia da boca oriental, que é a principal, começam os campos geraes da ilha de Marajó.

Communica com o Anajaz por um furo estreito de 10 a 12 braças, mas que apresenta o fundo extraordinario de 30 a 40;

---

fibroso bastante duro, e coberto de uma massa nimiamente adherente, de natureza resinosa e de uma côr rubra brilhante. Esta massa é que constitue um ramo de commercio. Os indigenas de Guyanna extrahem a materia colorante por meio de lavagens repetidas e servem-se della para tingir pannos de algodão e outras obras, porém mais que tudo para untar o corpo.

« Por meio de experiencias certificamo-nos que extrahida a materia colorante por lavagens, não fica no grão a minima parcella de côr, ao passo que a agua, onde ella se deposita, adquire uma bella côr vermelho-carregada.

« Parece-nos que por uma operação tão simples alcançar-se-hia facilmente o principio colorante ; mas não é esse o methodo seguido no paiz. Em resumo eis o que está em uso:

« Tiradas as sementes das capsulas e medidas, são immediatamente lançadas em um pilão, onde são pisadas por espaço de algum tempo á força de braços ; depois passam-nas para grandes tanques de madeira ou gamelões, que contêm agua pura, e onde ficam de molho alguns dias, havendo o cuidado de mechel-as muitas vezes ao dia. Então deita-se esta substancia em porções sobre arupemas, esfregando-a aos punhados, deixando cahir a agua colorida em outro tanque. A materia, depois de bem expressa, é posta a seccar em montões em outro tanque, onde deixa-se fermentar mais ou menos ; em seguida é lançada no pilão para ser de novo pisada, e isto repete-se oito ou dez vezes. Hoje em dia, nas fazendas grandes, substituem os pilões por moinhos de laminar, movidos por animaes.

« A agua do tanque, estando bem espessa, passa-se por urupemas mais finas, e recolhe-se em uma cisterna, onde a materia deposita-se no fundo, porém com muita lentidão. Tira-se a agua que sobrenada, que nunca é muito clara e que serve para ensopar outros grãos. Dahi deita-se a substancia em grandes caldeiras aquecidas por fogo muito violento ; a agua superabundante evapora-se e o urucú cosido em consistencia d'extracto, é lançado em um resfriador, de onde sahe para ser levado ao commercio.

« Examinemos o resultado desta manipulação, que julgamos muito irracional.

na barra porém o fundo não guarda proporção com o deste furo, sendo por isso a sua navegação muito mais segura na parte superior do seu curso do que na inferior.

Os productos naturaes são: borracha em grande quantidade, e fructos de palmeiras como tucuman, bacaba e assahy.

O rio *Arary*, que como diz Baena, é o mais bello e o mais povoado de todos os rios da ilha de Marajó; o seu curso é de 45 leguas e tem a sua origem em uma lagôa do mesmo nome. E' nesta lagôa que se acha uma notavel ilha conhecida pelo nome de *Pacoval*. Tem ella uma elevação de 12 a 15 pés acima das terras mais altas, que margêam a lagôa, o que, diz o Sr. Derby, mostra a sua origem artificial.

Claro é, continúa elle, que de proposito foi a ilha assim elevada pelos indios sobre a extremidade de uma lingua de terra, que a prende á lagôa e que desapparece com a enchente da mesma lagôa. No fim da estação secca, vê-se

---

« Dissemos que na tinta tirada por meio de lavagens, o grão não conservava sequer um atomo do principio colorante; logo este influe tanto para o producto que se quer obter, como outra qualquer semente, como por exemplo os caroços de maçã, de pêras, etc. A unica vantagem real, se ha, neste processo, é só a de augmentar a massa dos productos, e isto é evidente que se dá á custa do producto. Este motivo ninguem o confessa, ou melhor, ninguem pensa nelle. Opera-se, como se vio operar, e todavia os fazendeiros illustrados vêm perfeitamente que é um processo vicioso, mas ha um preconceito arreigado: crê-se geralmente que o urucú não é empregado como tinta, mas como mordente preparatorio de outra tinta. O erro a tal respeito é completo: o urucú nem é um mordente, nem nunca é empregado como tal, e para convencermo-nos disso, basta ver a facilidade com que o tiramos das mãos com um pouco d'agua. O mesmo não se dá quando tocamos castanhas de cajú, caroços de abacate, etc. Assim, pelo processo usado, a bella parte colorante do urucú é misturada com a parte fibrosa do grão, com a amendoa, cuja parte mucilaginosa apodrece com summa facilidade e dá ao todo um cheiro infecto, e afinal tem-se alterado por uma longa manipulação, por sua estada mui prolongada nos tanques, pelas reiteradas fermentações, pelo contacto incessante do ar e pela demorada cozidura. Portanto, uma materia que deveria conservar uma bella côr viva, principalmente em razão da sua natureza resinosa, apenas apresenta-se com a fórma de uma massa escura, sem brilho, e que, em difinitiva, não passa de pessima tinta.

Mr. Chevreuil, em seu relatorio, demonstrou que com uma parte de urucú puro cobrio um panno que exigiria cinco vezes a mesma quantidade de tinta do urucú igual áquella que fornece o commercio; e que a tinta produzida pelo primeiro era muito superior á deste.

Isto deve dar que pensar aos plantadores de urucú, porque nada vemos racional que se nos opponha ao que acima dissemos. Trata-se nada menos do que abandonar uma manipulação longa, fatigante e dispendiosa, por outra simples e facil, que permittiria dar extensão ou maiores cuidados á cultura; substituir um producto mediocre, de difficil transporte, por outro

toda a espessura da parte artificial, que consta de 20 pés pouco mais ou menos.

A fórma da ilha é oval, o comprimento de cerca de 400 pés e a largura de 200.

Ao lado oriental batido pelas ondas ha uma pequena praia submergida durante a enchente, atrás da qual a ilha levanta-se perpendicularmente. A pequena planicie acima é coberta de arvores bastante consideraveis, e entre ellas conta-se uma grande quantidade de pacoveiras, das quaes toma a ilha o nome.

A praia, segundo informa o Sr. Derby, é coberta de pedaços de louça, achando-se em melhor estado a que existe na terra da parte elevada e de onde são desenterrados muito fragmentos, cada anno, durante a enchente.

Consiste esta louça em potes funereos (igaçabas), idolos, ornamentos pessoaes e utensilios domesticos.

A maior parte da louça é muito bem ornamentada com figuras de homem, de animaes e com differentes desenhos e lavores artisticos, pintados ou gravados de uma maneira tal,

---

de qualidade infinitamente superior, de facil transporte e de natureza incorruptivel. Tudo isto é muito bom; mas a questão muda de face quanto ao rendimento, resultado legitimo de todo o trabalho. Eis a questão:

« Empregando tão sómente a massa colorante do urucú, obter-se-ha o quinto em peso do que hoje se obtem ? Julgamol-o que sim. A amendoa, com effeito, deve entrar como pequena parte no peso total do producto, porque sua parte mucilaginosa deve misturar-se com a agua durante as numerosas operações da manipulação e evaporar-se em grande parte com ella. Resta, por conséguinte, a parte fibrosa que, repetidas vezes pisada, reduz-se a pó e passa através das urupemas finas, e suppomos que isto não equivalerá ás quatro partes do todo: demais, são faceis as experiencias para convencerem da verdade deste facto.

« Mas embora a experiencia prove que se extrahe o quinto da bella materia colorante, uma objecção mui grave apresenta-se ainda contra uma mudança espontanea no modo de fabricação. Os usos commerciaes não mudam espontaneamente. O negociante habituado a pagar 1 ou 5, segundo o preço constante, não pagará amanhã 5 ou 25, que o productor deverá obter para ter o mesmo rendimento. Reconhecerá que o genero é mais bello e consentirá talvez em compral-o por 5 ou 10 % mais. Talvez dirá ainda: « Não conheço este genero que chamais urucú; isto não é o urucú do commercio e não quero expor-me ao risco de compral-o. » E' demais sabido que, principalmente em agricultura, não se é a principio bem succedido com as innovações espontaneas; mas em Cayenna ha agricultores illustrados e ricos para não recuarem ante ensaios sabiamente tentados, não sobre uma colheita inteira, mas sobre grandes porções, a fim de não serem tratadas por meras operações de laboratorio. Calcularão o que davam proporcionalmente os dous processos, e quando mandarem o novo producto aos correspondentes, recommendar-lhes-hão de especificar com clareza aos compradores a sua qualidade. O que é bom em si, acaba sempre por ser reconhecido e adoptado como tal. »

que mostra um apreço de arte abstracta, que raras vezes se encontra entre os indigenas.

E' admiravel que alli, entre muitos desenhos toscos, se achem ornamentos usados na architectura e pintura pelos artistas gregos e romanos, assim como tambem pelos modernos. O que é mais importante, é que nestas antiguidades a arte está n'um estado tão primitivo, que é possivel seguir o desenvolvimento de muitos ornamentos bem conhecidos, mas cuja fórma é tão complicada, que até agora tem sido impossivel descobrir a sua origem.

O professor Hartt, a quem devo estas observações, continúa o Sr. Derby, tomando para base dos seus estudos as antiguidades de Marajó, tem descoberto a lei pela qual estas fórmas complicadas se desenvolvem da linha recta, e a publicação de seus estudos marcará uma phase importantissima na historia da arte e da archeologia. Convem notar que, provavelmente, a arte em Marajó teve uma origem independente, e não mostra connexão com outro povo conhecido, quér da Europa, quér da America.

As *igaçabas* são de diversas fórmas curiosas. As mais interessantes pertencem á classe que ultimamente tem attrahido muita attenção na Europa, sob a denominação de *gesichtsurnen*, isto é, vasos com a representação do rosto humano. A melhor e maior urna, até agora achada, mede tres pés de altura, mas a sua capacidade não a deixa admittir o corpo inteiro de um homem adulto. Esta, como outras muitas, tinha dentro ossos mal conservados, porém que deixavam ver que um esqueleto inteiro havia alli sido enterrado, provavelmente depois da dissolução da carne.

Ainda não foram encontrados craneos perfeitos na ilha Pacoval, mas o Sr. Ferreira Penna tem achado na costa, ao norte de Marajó, alguns de boa fórma, que talvez pertençam á mesma raça.

A terra da ilha Pacoval é misturada com cinzas, o que parece indicar, que ella não só foi um lugar de sepultura, como uma aldêa onde os indios habitaram por muito tempo. Quanto á sua idade, affirma o Sr. Derby, que é impossivel dizer, visto como não ha noticias historicas, e entre os escriptos dos jesuitas e outros que primeiramente visitaram a ilha de Marajó, nada se encontra a respeito, podendo imaginar-se como certo o desapparecimento dos habitantes da ilha Pacoval, ainda antes da descoberta da America.

A criação de gado vaccum tem ainda, apezar de muito diminuida, o seu principal assento na ilha de Marajó. Até o anno de 1803 havia alli não menos de 226 fazendas de gado, numero que hoje se acha um pouco reduzido.

No triennio volvido de 1756 a 1759, diz Baena, a producção da vaccaria rendeu ao dizimo, no acto da ferra, o numero de 7.416 rezes, no decorrido de 1801 a 1803 a mesma operação distinctiva comprehendeu 9.499 rezes, e no de 1825 a 1827 o de 9.935.

E' portanto sem a minima sombra de duvida que a diminuição da vaccaria principiou no intervallo que medeou entre

o terceiro e o quarto dos indicados triennios; e que o ultimo delles patentea uma notavel minoração na quantidade das rezes e na quantidade das fazendas, pois que, havendo em 1825 56 fazendas na costa septentrional e 92 nos campos, que dalli se dilatam para o sul e para o oeste, e tendo-se marcado 3 993 rezes, já no anno subsequente de 1826 o numero das fazendas na costa septentrional reduzia-se a 44 e nas outras paragens a 86, e a ferra não ultrapassou o numero de 3.226 rezes; e no anno de 1827 contavam-se 38 fazendas na dita contra-costa e 75 no restante da ilha e o numero da ferra vio-se circumscripto a 2.716 rezes, e por consequencia houve naquelle triennio a rapida e consideravel perda de 35 fazendas e de 1.271 rezes.

Para fazer-se idéa do grande numero de gado que havia em Marajó, basta dizer, que o desembargador Miguel Joaquim de Serqueira e Silva, segundo affirma o Sr. coronel Ignacio Accioli, remetteu, quando alli era inspector, para a thesouraria da capital a quantia de 7:811$360, do subsidio de 320 rs. por cabeça de gado morto para o commercio e exportado vivo, do 1.° de Janeiro de 1813 até Agosto de 1815, quantia aquella que corresponde ao numero de 24.723 cabeças, não computadas as reduzidas á carne para sustento da tropa, que nesse tempo occupava Cayenna, as consumidas dentro da ilha e as furtadas ou subtrahidas aos direitos, illudindo a vigilancia dos destacamentos

Até 1820 custava um boi 4$000, uma vacca 2$000, um cavallo manso 4$000, um potro 1$600 e uma egua 600 réis a 1$000.

O numero das fazendas de gado actualmente existentes em toda a ilha de Marajó não passa de 190 a 200. O municipio, que nellas é mais rico, é incontestavelmente o de Chaves, cujo numero monta a 114.

Eis o quadro dos fazendeiros deste municipio, numero das fazendas, numero do gado e sua exportação, organizado em 1868 e que muito pouca alteração tem soffrido.

Nomes dos fazendeiros.	Fazendas.	Gado.	Exportação.
Viuva Chermont.....	6	14.000	600
Dr. Joaquim José de Assis.....	3	12.000	500
A. Campbell.....	2	10.000	400
D. Thereza de Bohemia Sampaio Arantes e Filhos.....	6	8.000	300
D. Anna Joaquina Gemaque.....	4	6.000	200
Silvano Joaquim de Souza Rodrigues.....	3	6.000	300
João Victorino Ribeiro e Filhos...	6	5.000	250
Manoel da Gama de Almeida.....	2	2.500	100
D. Romana Dias & Filhos.....	4	2 000	100
João José Mendes.....	2	2.000	100
Viuva Britto & herdeiros.....	4	2.000	100
José dos Reis Pereira de Castro...	2	1.700	80
D. Thomazia Rosa da Purificação.	2	1.500	150

Antonio Joaquim dos Santos.....	2	1.000	50
Herdeiros da viuva Bagundes....	3	1.000	50
Gentil Augusto Cardoso.....	2	1.000	50
Candido Gemaque de Almeida....	1	650	30
D. Anna Maria Felippa.....	1	500	25
José Victorino Barbosa.....	1	500	25
F. G. de Figueiredo Vasconcellos.	1	500	25
José de Almeida.....	1	400	27
Bernardo Antonio de Carvalho...	1	360	20
Antonio José de Sampaio.....	1	300	15
Miguel Ferreira da Silva.....	1	300	15
Pascoal da Gama de Almeida.....	2	300	15
Felix Pinto do Couto.....	1	300	15
Aleixo Cambra.....	1	300	25
Antonio de Almeida Coelho.....	1	300	15
Manoel Martins de Amorim.....	1	300	15
Felippe José de Souza Rabello.....	1	250	12
Theodorico da Gama de Almeida.	1	230	18
D. Victoria Maria Caetana.....	1	225	12
Ladisláo da Gama de Almeida....	1	223	16
Leonardo Saraiva da Rocha.....	1	200	10
Talisman Augusto Cardoso.	1	200	10
Manoel Marques de Oliveira Britto.	1	200	10
Florentino de Almeida.....	1	200	12
Zeferina Soares.....	1	50	5
Antonio de Nazareth.....	1	50	3
Prudencio do Espirito Santo.....	1	50	3
Ignacio Alves Campos.....	1	50	3

Fazendas centraes.

Paula & Mendes.....	2	5.000	250
Assis & Corrêa.....	2	4.000	300
Viuva Pombo.....	1	2.500	80
Manoel Antonio de Paula Ferreira.	3	1.600	150
Leonel David de Oliveira.....	1	1.500	70
João Nepomuceno.....	1	1.000	50
Manoel Ruy-Secco.....	1	800	42
Pedro Gemaque de Albuquerque..	2	800	42
Foro & Irmão.....	1	600	27
Serafim Antonio Cordeiro.....	1	600	30
A. J. de Souza Teixeira.....	1	520	25
Estevão Ruy-Secco.....	1	500	25
Theodorico Vicente Magno.....	1	500	25
Julião de Freitas Espinola.....	1	500	25
D. Dina Corrêa da Boa Morte.....	1	500	25
Os herdeiros de D. Maria de Jesus.	1	300	15
Quintino Antonio dos Santos.....	1	300	15
Amancio José Espinola.....	1	300	15
Florinda Maria de Pina.....	1	300	30
Thereza Maria de Freitas.....	1	220	20
José Henrique de Moraes.....	1	200	10
Remigio Antonio Florindo.....	1	200	10

Ezequiel Antonio de Mendonça...	1	200	20
Archangelo Antonio de Ascensão.	1	200	10
Luciano José da Silva.....	1	200	20
Isaac Fróes de Jesus.....	1	200	10
F. J. da Costa Camurim.....	1	155	15
Marcos Antonio da Caridade.....	1	112	10
Manoel José Tavares.....	1	100	8
D. Rachel Corrêa da Boa Morte...	1	50	5

Forma este quadro a totalidade de 114 fazendas de gado com 105.595 cabeças, exportando annualmente 5.090.

Nelle se não faz menção do gado cavallar por ter sido ainda calculado exactamente o numero existente em cada fazenda. Entretanto póde-se com tal ou qual segurança avaliar em 5.000 cabeças. As fazendas que mais possuem são: as do Dr. Joaquim José de Assis com 800 cabeças; da viuva Chermont com 500; inclusive 300 bravias; e de Manoel da Gama de Almeida com 400.

A cinco causas attribue Baena a diminuição que tem havido no gado da ilha de Marajó: 1.ª as onças que prêam o que podem (1);—2.ª os atoleiros que sorvem as rezes, que por elles acertam de passar;—3.ª a falta de applicação de medicamentos ao gado morboso, porque a ninguem lhe importa ter noticia das molestias mais ordinarias do gado, seus symptomas e curativo;—4.ª os salteadores, que não cessam de fazer excursões sobre as manadas para rapinar o gado e descoserlhe a carne para a seccar e recolher em pacotes;—5.ª os fazendeiros, uns que banqueteam com manjares de quanta rez podem agadanhar, ou que chacinam para vender, submergindo nos rios a cabeça e o couro, para offuscar a veracidade do latrocinio, o qual sem essa submersão ou outro qualquer sumiço seria logo reconhecido pela simples inspecção occular da marca estampada, que é o indice demonstrativo do dono: outros que são assiduos no fabrico de carnes seccas, couros vaccaris e de boi, lançando os escravos por aquelles campos, para matarem os touros e todas as mais rezes, quando deveriam mandar fazer esta chacina nos touros amontados e difficeis de ferra: e outros, que frequentemente extinguem as novilhas biennaes, chamadas aralhas,

---

(1) O tigre malhado e outras especies de onças chegam muitas vezes a invadir os curraes das fazendas cujos vaqueiros são menos vigilantes. O jacaré, occultando seu corpo encouraçado e tendo sómente os olhos á superficie d'agua, mede a distancia em que vê a sua victima e não desapparece senão para surgir junto della no momento de assaltal-a. O sucurijú, com a cauda presa a um rochedo ou á raiz de um tronco, espreita do fundo d'agua a victima, que vai beber á beira do lago ou do rio; atira-lhe bote certeiro, arrasta-a para si, envolve-a nas dobras do seu corpo escamoso até esmagal-a para melhor devoral-a.

Como o jacaré, este monstro ataca indistinctamente toda a qualidade de animaes medianos, silvestres ou domesticos, ao homem mesmo e principalmente ás crianças (*Ferreira Penna*).

para seu regalado repasto, e que vendem novilhos denominados garrotes, por não terem bois em numero, que contente as grandes e reiteradas vendas, que o seu interesse desmesurado traça effectuar.

O Sr. Baena, entretanto, esqueceu-se da razão principal da diminuição do gado, produzida pela mortandade. As grandes enchentes e a excessiva abundancia das chuvas do inverno, alagando as campinas da ilha de Marajó, causam incalculaveis prejuizos aos fazendeiros, destruindo-lhes grande parte do gado. Na enchente de 1859, de que ainda com susto se recordam os habitantes do Amazonas, foi sobremodo consideravel a destruição do gado. Em alguns municipios, criadores que possuiam de 3 a 5.000 rezes, no fim da enchente contavam apenas 100, e conta o Sr. Ferreira Penna que um, que antes da enchente possuia perto de 2.800 cabeças, não pôde achar depois mais de 30!

« A criação de gado, dizia em 1862 o Sr. conselheiro Brusque á assembléa provincial do Pará, merece a vossa attenção e cuidados. A do gado vaccum luta com as difficuldades da rotina, a raça se vai abastardando, o furto a dizima na ilha de Marajó, além dos embaraços naturaes que de todos os lados conspiram contra a sorte futura deste ramo de producção.

« A do gado cavallar está quasi extincta em Marajó por causa da epizootia denominada *quebrabunda*, não tendo sido possivel até hoje encontrar um paradeiro a esse mal, que continúa a grassar.

« Se o fazendeiro de Marajó comprehendesse que, através de todos os embaraços, que antolha, deve ser de seu maior cuidado não conservar seus gados no estado bravio em que, se acham, costeando-os por fórma que venham todos a rodeio teria melhor consultado seus proprios interesses, a producção cresceria e poderia então dar-se reciproca fiscalisação entre os fazendeiros. No estado, porém, em que se acham, os prejuizos são incommensuraveis. O gado vaga indistinctamente no campo do seu dono, como no do seu vizinho, não é possivel separal-o como e quando convenha ao fazendeiro, e ninguem por certo se accusa de ter usufruido gado alheio no estado de confusão, em que se acha.

« Mas si os gados fossem costeados e os fazendeiros obrigados a reunil-os em certos e determinados casos para que seus vizinhos apartassem os que lhes pertencessem, os interesses reciprocos seriam mais bem garantidos.

« O grande extravio que soffre o fazendeiro em Marajó, não está sómente no pequeno furto isolado, está tambem no desfalque occasionado pelos que matam para o seu consumo diario e assignalam o gado alheio.

« Uma mal entendida condescendencia consente de ordinario nas fazendas de criação de gado grande numero de individuos como dependentes ou protegidos do fazendeiro.

« Os postos ou retiros instituidos para evitar a sahida dos gados para o campo alheio, não produzindo jámais o desejado effeito nas fazendas de gados alçados, collocados de or-

dinario sobre as divisas com a herdade confinante, abrigam sempre individuos, cujo comportamento não póde ser bem inspeccionado. A distancia em que ficam da casa central da fazenda, lhes abre espaço a desvios consideraveis. Matarão elles sómente o gado do senhorio do campo em que estão situados, quando isso lhes seja permittido? Respondam os fazendeiros conscienciosos e experientes....

« Por sobre tudo isso, a fraca acção da autoridade, deparando a cada instante com a difficuldade das distancias e communicações, vergada ás vezes ao peso de mal entendidas considerações locaes, lutando com a má vontade daquelles mesmos què deviam ser os primeiros a coadjuvar o empenho da autoridade em perseguir o crime, completa o triste quadro que acabo de traçar.

« Em verdade é raro o processo de crime de furto de gado, que não esbarre diante da falta de prova; e quando elle é concluido a despeito dos estorvos, que se oppõem, não faltam protectores, que se não levantem do seio mesmo da classe dos fazendeiros, para disputar á justiça a liberdade do accusado! Emquanto os fazendeiros morigerados, que em verdade são os que mais soffrem, não derem as mãos e de commum accôrdo em cada districto não coadjuvarem por sua parte a autoridade local na pesquisa do crime e descobrimento da prova, a acção da policia por si só não será bastante forte e poderosa para reprimir tão inveterados habitos. »

Para, senão extinguir, ao menos modificar semelhante estado de cousas, aconselhava o Sr. conselheiro Brusque as seguintes medidas:

— O costeio geral das fazendas, de modo que os gados venham todos a *rodeio*, ou *malhadas* uma vez por semana em tempo de verão, para maior desenvolvimento da producção e para garantia reciproca da propriedade.

Para não ser muito pesado aos fazendeiros este trabalho, conviria prescrever-lhes o prazo de tres annos ou mais, dentro do qual com os mesmos recursos com que apanham os gados, poderiam ir pouco a pouco costeando as fazendas.

Ser o fazendeiro obrigado a reunir suas malhadas ou rodeios, quando seus vizinhos mais proximos o requisitassem, para apartarem o que lhes pertencesse, guardadas certas cautelas que os ponham ao abrigo de reciprocos caprichos.

A' venda ou sahida de gados ou couros da fazenda, deveria preceder a organização de um registro em duplicata, assignado pelo fazendeiro ou seu preposto e duas testemunhas de fé, no qual se descrevesse a qualidade, quantidade, a marca ou ferro do gado. Um destes documentos deveria ficar archivado na subdelegacia do respectivo districto e o outro acompanhar o gado ou couros, para ser entregue á autoridade policial do lugar a que se destinasse.

O fazendeiro deveria ser obrigado a dar aviso a seus vizinhos mais chegados da occasião em que fizer a sua ferra ou marcação dos gados, ou a reunião delles para qualquer outro beneficio ou venda.

Aconselha mais o Sr. conselheiro Brusque, a conveniencia de mandar vir, a expensas da provincia, alguns animaes de raça vaccum aperfeiçoada, para serem distribuidos por alguns fazendeiros mais dedicados a esta industria, a fim de ir melhorando a raça existente, que se acha muito abastardada.

O termo médio das quantidades e valores da exportação de couros, procedentes na maior parte da ilha de Marajó, nos annos que decorreram de 1836 a 1852, segundo dados officiaes, é o seguinte:

Couros seccos.

Unidade..... 26.356 Valores..... 59:363$613

Couros salgados.

Unidade..... 5.776@ Valores..... 1:112$072

Nos annos que decorreram de 1852 a 1862 a exportação regulou do modo seguinte:

Couros seccos.

Annos.	Unidades.	Libras.	Valores.
1852—1853.....	30.273		77:875$440
1853—1854.....	19.563		68:058$500
1854—1855.....	28.073		93:387$500
1855—1856.....	21.679		80:844$390
1856—1857.....	45.107		231:010$300
1857—1858.....	37.997		185:597$400
1858—1859.....	46.761		164:391$750
1859—1860.....	178.576	1.208	391:052$998
1860—1861.....	36.652	74.326	188:909$280
1861—1862.....	45.558	64.538	217:991$020

Couros salgados.

Annos.	Arrobas.	Valores.
1852—1853.....	582.249	44:334$670
1853—1854.....	858.035	114:091$400
1854—1855.....	871.573	85:966$345
1855—1856.....	697.954	89:771$320
1856—1857.....	1.218.115	147:392$400
1857—1858.....	1.058.247	144:559$123
1858—1859.....	1.471.998	177:037$085
1859—1860.....	1.336.109	201:563$755
1860—1861.....	723.895	116:584$220
1861—1862.....	909.053	82:707$280

A quantidade representada em libras é proveniente de differentes pelles, como sejam de carneiro, cabra, cobra, cutia, lontra, onça, veado, etc.

Nestes algarismos computam-se cerca de 25 a 30.000 couros, que annualmente descem pelo Tocantins, procedentes das cidades e villas ao norte de Goyaz, como sejam Boa-Vista, Porto Imperial, Palma e Natividade e bem assim Santa Thereza e Carolina da provincia do Maranhão.

A exportação de 1863 a 1870 foi a seguinte:

Couros verdes.

Annos.	Libras.	Valores.
1863—1864	949.092	106:052$200
1864—1865	860.523	85:583$460
1865—1866	741.956	78.175$855
1866—1867	1.018.589	105:868$915
1867—1868	1.320.343	180:352$250
1868—1869	1.115.480	177:222$208
1869—1870	2.034.665	204:531$567

Couros seccos.

Annos.	Libras.	Valores.
1863—1864	37.234	105:288$200
1864—1865	40.590	116:283$100
1865—1866	43.020	123:475$686
1866—1867	40.114	124:808$400
1867—1868	62.430	237:549$485
1868—1869	42.182	186:467$800
1869—1870	43.247	207:001$507

Foram os religiosos mercenarios os que primeiro estabeleceram na ilha de Marajó fazendas de gado vaccum e cavallar; facto este que deu lugar á provisão de 27 de Outubro de 1702, determinando aos moradores do Pará que removessem de suas roças para a ilha todo o gado vaccum e cavallar trazido do Cabo Verde em 1644.

Depois da expulsão dos mercenarios passaram as fazendas que possuiam a fazer parte dos bens da corôa. (1)

---

(1) Por aviso régio de 24 de Março de 1794 procedeu a junta de fazenda do Estado ao sequestro de todos os bens que os padres mercenarios possuiam no Pará. Esses padres haviam sido poucos mezes antes expulsos dahi e mandados para os seus conventos do Maranhão, em virtude de uma representação que contra elles fizera o bispo D. Fr. Caetano Brandão, de saudosa memoria. Os bens foram avaliados em duzentos trinta e dous contos quinhentos e noventa e oito mil setecentos e setenta réis.

O vasto e sumptuoso templo que possuiam na cidade de Belém, foi dado á irmandade de Santo Christo do Forte, para alli celebrar os seus actos religiosos. Este magnifico templo, que até o meiado do anno de 1861 desabára em ruinas, acha-se hoje restaurado pelos esforços e diligencia do então commandante das armas, o marechal Francisco Sergio de Oliveira, e de outros distinctos militares.

De 14 a 15 leguas de campinas constam as fazendas nacionaes de gado da ilha de Marajó. (1)

Em 1757 possuiam ellas 80.000 rezes; mas em 1796, quando, por ordem régia, dellas tomou conta a junta de fazenda, apenas possuiam 45.732 cabeças de gado vaccum e cavallar, segundo consta dos registros.

Até o anno de 1794 a irmandade de Santo Christo do Forte fazia as suas festividades na igreja de Santo Alexandre, que pertencera aos jesuitas, mas teve de abandonal-a quando ella ia ser entregue á confraria da santa casa da misericordia, que a solicitava, por se achar a sua precisada de reparação. Entretanto semelhante reparação nunca foi feita, de modo que a igreja desabou completamente e hoje nem vestigios sequer existem.

A prata dos padres mercenarios, que era de grande valor sendo remettida para Lisboa, foi ao fundo a bordo da charrúa *S. João Magnanimo* que naufragou nos baixos da Tijoca. A charrúa era um magnifico navio, construido no arsenal de marinha do Pará, e fazia a sua primeira viagem.

A fazenda *Val de Cães*, pertencente aos mercenarios, foi vendida em Agosto de 1796 por 64:106$131, assim como a de *Santa Anna*.

As outras, comprehendendo 186 escravos, 40.470 cabeças de gado vaccum e 5.262 de gado cavallar, foram incorporadas aos bens da corôa.

A ordem régia, expulsando os mercenarios do Pará, foi confirmada pela bulla pontificia *gloriosa reginarum*, segundo a qual deviam os bens dos mercenarios ser applicados para a fundação e patrimonio de um recolhimento de educandas a cargo do bispo diocesano. Diz o Sr. Ignacio Accioli, que D. Francisco de Souza Coutinho, que então governava o Pará, ou por desaffeição ao bispo, ou porque reputasse inutil um tal recolhimento, fez com que a nação fosse a successora dos sobreditos religiosos.

(1) A proposito das fazendas nacionaes de gado da ilha de Marajó, damos aqui uma breve noticia das fazendas nacionaes do Rio Branco, na provincia do Amazonas. Deixámos de publical-a no lugar competente, por sómente nos terem agora chegado os apontamentos de que careciamos.

A fazenda—*S. Marcos*—está situada desde a confluencia do Rio Branco com o *Tacutú*, até a cordilheira *Paçaraima*.

E' limitada ao norte por terreno neutro, a léste pelos rios *Tacutú* e *Sarumú*, e a oeste pelos rios *Branco* e *Parimá*.

Comprehende em uma área, não inferior a 96 leguas quadradas, as serras *Taramé*, *Xiriry*, *Urubú*, *Maruahy* e *Surumú*, diversas baixas, grande numero de ilhas de mato e meritisaes. Nas serras e matas encontram as onças garantidos escondrijos durante o dia, onde esperam a noite para sahirem á cata de preza. E' extraordinario o estrago que alli fazem no gado, não só por falta de pessoal que o guarde, como de *retiros* em pontos convenientes. Para o serviço da immensa fazenda de S. Marcos apenas existem oito vaqueiros, que nem sempre estão presentes, pela necessidade de irem ás *malocas* buscar farinha, gastando nestas excursões 10 e mais dias. Apenas conta a fazenda dous *retiros*, e posto que sejam bem collocados, deixam entretanto de ser aproveitados por falta de pessoal, não podendo ser tocado até elle o gado que se acha espalhado por outros pontos, que distam muito destes centros. O aspecto da fazenda, segundo se exprime o illustrado director das obras militares das fronteiras da provincia do Amazonas, não é li-

Em 1868 só a fazenda denominada *Arary* (1) contava 15.624 cabeças de gado vaccum, afóra cerca de 1.200 bezerros e o gado não contado dos retiros *Jenipapucú*, *S. Miguel*, *Sonharan* e *Guajará*.

O numero de escravos nas diversas fazendas era em 1868 de 113.

Fórma a ilha de Marajó duas comarcas distinctas: a d *Marajó* e a da *Cachoeira*, ultimamente creada.

Os povoados mais importantes da ilha são:

Villa de Chaves.— Esta villa, creada em 1758, acha-se situada na costa septentrional da ilha de Marajó, a 42 leguas da ponta ou cabo de Maguary.

Limita-se ao norte com a ilha Juncal; ao sul com a villa da Cachoeira pelo igarapé Cacualinho no alto Anajaz; a léste com o rio das Tartarugas e as villas de Soure e Cachoeira; e ao occidente com o rio Anajaz e a villa de Breves.

O seu territorio abrange pouco mais ou menos 50 leguas de léste a oeste e 80 de norte a sul.

Foi primitivamente aldêa dos Aruans, missionada pelos religiosos de Santo Antonio.

A esta villa, diz Baena, achegaram-se os poucos moradores do lugar de Parada, o qual primitivamente tinha sido aldêa de Cajuna, por ser collocada na garganta do rio assim chamado, a qual demora seis leguas ao occidente da villa.

---

songeiro, e o desanimo que se nota em seus empregados é devido principalmente ao mesquinho salario que percebem. Tanto o administrador como os demais empregados têm apenas por abrigo cinco casas de palha em ruinoso estado.

A fazenda de *S. Bento* está situada á margem direita do Rio Branco, tendo o seu porto em frente do forte de S. Joaquim. Limita ao norte e a léste com o Rio Branco, e ao sul e oeste com o rio *Caiamé*. Tem uma área de 40 leguas quadradas, comprehendendo as serras *Caiamé*, *Murupú*, *Veado* e *Truarú* e diversos valles e campinas, contendo grandes ilhas de mato e miritisaes.

Não se acha esta fazenda em circumstancias mais lisongeiras que a de S. Marcos. O pessoal que tem é insufficiente para acudir ás necessidades do serviço, e a falta de *retiros* faz com que nem se possa saber o gado que possue. Estou convencido, diz o illustrado director das obras militares da provincia do Amazonas, de que não pequena porção de gado desta fazenda é hoje propriedade dos diversos fazendeiros que ficam abaixo do Caiamé. A fiscalisação nella é quasi nenhuma.... O pessoal que hoje possue não me parece idoneo, porque poucos vaqueiros montam bem, e nem têm a coragem e disposição que exige o arriscado serviço de campear gado, em grande parte bravio, e de affrontar a investida das onças, cousa que é muito commum presentemente.

(1) Na fazenda *Arary*, além de uma excellente casa e uma sumptuosa capella, havia uma fabrica de tecidos de algodão para os escravos e outra de queijos.

Muito prosperou a villa de Chaves, quando alli aquartelou, por espaço de 15 annos, o regimento denominado de Macapá, mas retirando-se elle em 1818, começou a villa a tornar-se decadente.

Dizem que no lugar em que estava assentado o quartel do regimento fundeam hoje as embarcações.

Comprehende o territorio da villa de Chaves toda a ilha Caviana, e as demais ilhas circumvizinhas, que são: Mexiana, Jurupary, Janaucú, Viçosa, Porcos, Cotias, Maruy, Camaleão, Cajutuba, Paccas, Paquinhas, Juncal, Flexas e Machados.

Os ramos de exportação mais importantes do municipio de Chaves, são: borracha e gado vaccum.

A população é calculada em 4.000 almas.

Villa de Soure. —Creada em 1757, acha-se situada a villa de Soure á margem esquerda do rio *Paracauary* ou *Parauary*, pouco distante da freguezia de Salva-terra. Foi antiga aldêa dos *Marauanazes*.

Dentro do districto da villa, por provisão régia de 12 de Março de 1691 e por proposta do governador do Estado Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, foi estabelecido um pesqueiro de tainhas e gurijubas, para subsistencia da capital e de outros lugares da provincia. Tinha este pesqueiro, além de um official inferior que feitorisava os respectivos trabalhos, um administrador na cidade, um armazem de venda e um vendedor.

Esta administração cessou em 1818, adoptando-se o systema dos arrendamentos por arrematação. Em 1822 reviveu a antiga administração, mas em Julho de 1827 a junta da fazenda extinguio os lugares da administração e ordenou que a feitoria remettesse o peixe aos armazens da marinha para seu provimento. Finalmente foi extincto o pesqueiro. «Seja qual fôr o motivo, diz Baena, que deu lugar á extincção dos pesqueiros, é indubitavelmente certo que as pescarias volantes, que hoje fazem alguns moradores das villas de Collares, Vigia e Cintra, não apresentam na cidade a mesma cópia de peixe secco e salmourado: e além disso ellas estragam sobremaneira o peixe, porque sendo os lanços abundosos, como sempre acontece, não chegam as mãos de tão poucos pescadores para preparar o peixe apanhado: salgam o que podem e o resto damna-se nas praias e nutre as aves aquaticas, que affeitas a esta esperdiçada pitança revoam continuamente em torno dos lugares em que avistam pescadores.

« Só o extincto pesqueiro é que pelo seu methodo de empregar os indigenas podia estar sempre provido sufficientemente de Aruans, mestres na arte piscatoria e nella não menos capacitados de que, exercendo na boca os seus *uatapús* atroadores, os peixes attrahidos pelo som destes busios vinham logo emmalhar-se nas rêdes por elles lançadas. »

Conta o municipio de Soure quarenta e tantas fazendas de criação de gado vaccum e cavallar, com 40.000 cabeças de gado, exportando annualmente de 2.500 a 3.000.

A exportação dos principaes artigos de producção agricola e industrial, foi em 1862 a seguinte:

Azeite, 50 potes.....	400$000
Farinha, 100 alqueires.....	250$000
Grude de peixe, 120 arrobas....	$
Gergelim, 40 arrobas.	80$000
Milho, 1.000 mãos.....	200$000

A população do municipio de Soure é calculada em 2.000 almas.

A villa da *Cachoeira*, cabeça da comarca do mesmo nome, foi creada em 1747. Acha-se situada na margem esquerda do rio Arary. Tomou o nome que tem da fazenda do capitão-mór André Fernandes Gavinho, seu fundador, que lhe havia dado essa denominação pela cachoeira que o rio tem naquelle sitio.

A população do municipio da Cachoeira é calculada, segundo o recenseamento de 1872, em 3.238 almas.

A villa de *Muaná* acha-se situada á margem esquerda do rio do mesmo nome, tendo 400 braças de frente e uma legua de fundo. Fronteiro á boca do rio, diz Baena, jaz um grupo de pequenas ilhas, cuja grande proximidade a este rio, constituindo-as em uma subordinação geographica á ilha Grande de Joannes, as fez dependentes da freguezia (hoje villa) e iguaes na denominação ao mesmo rio. A maior parte do referido grupo é despovoado.

Possue uma igreja matriz, construida de pedra e cal, um quartel, uma espaçosa casa da camara e alguns predios regulares.

Os generos de producção agricola e industrial regulam annualmente na seguinte proporção: 3.000 alqueires de arroz, 800 ditos de farinha de mandioca, 5.000 frasqueiras de aguardente, 2.500 arrobas de algodão, 8.000 ditas de cacáo, 6.500 ditas de borracha, 1.000 potes de azeite de andiroba, 4.500 potes com mel, 400 ditos com azeite de patauá, 5.000 mãos de milho.

A maior parte destes generos é exportada, elevando-se o seu valor a 200:000$000.

Em 1862 existiam neste municipio 20 engenhos de fazer aguardente, sendo 3 movidos por agua e 17 por animaes e uma olaria com 143 braços.

Estes estabelecimentos produziram:

Aguardente.....	1.296 frasqueiras.
Tijolos.....	12.000 milheiros.
Telhas.....	25.000 »
Potes.....	1.000 »

Dos principaes artigos de producção agricola e industrial foram exportados nesse mesmo anno:

Arroz, 1.500 alqueires.....	2:400$000
Aguardente, 1.296 frasqueiras.....	4:147$200
Algodão, 800 arrobas.....	1:024$000

Azeite de andiroba, 3.000 potes.....	24:000$000
Breu, 200 arrobas.....	400$000
Cacáo, 6.000 ditas.....	30:000$000
Farinha, 600 alqueires.....	1:200$000
Feijão, 50 ditos.....	200$000
Gomma elastica, 5.000 arrobas.....	80:000$000
Mel, 3.000 potes.....	6:000$000
Milho, 4.000 mãos.....	800$000
Azeite de patauá, 250 potes.....	2:000$000
Taboado, 200 duzias.....	1:200$000

Existiam tambem 14 fazendas de gado vaccum e cavallar e 71 de cultura, tendo aquellas 5.000 cabeças de gado vaccum e 80 de dito cavallar.

Segundo o recenseamento de 1872, é calculada a população do districto de Muaná em 6.064 almas. (1)

A freguezia de Ponta de Pedras, assim chamada em razão dos penedos que cingem aquella porção da costa, acha-se situada á margem esquerda do rio Marajó-assú, para onde foi transferida em 1839. A sua primeira fundação teve lugar em 1757, pelos padres jesuitas, na costa denominada Mangabeira, em consequencia da grande abundancia de mangabeiras, que alli havia.

Os generos de producção agricola e industrial da freguezia são: café, algodão, arroz, milho, farinha de mandioca, cacáo, urucú, borracha e aguardente.

Segundo o recenseamento de 1872, é calculada a sua população em 2.490 almas.

A villa de Monsarás, creada em 1757, acha-se situada na costa meridional da ilha de Marajó. Foi primitivamente aldêa de Caiá.

Os principaes artigos que exporta são: farinha, milho, azeite de andiroba e peixe salgado.

A sua população é calculada em 2.100 almas.

Entre a margem esquerda do Amazonas e entre as ilhas do Curuá e a foz do Araguary, é que se nota o celebre phenomeno da *pororoca*.

Para complemento do que escrevi na primeira parte deste trabalho, por occasião de ter presenciado o estupendo phenomeno da *pororoca* do rio Guamá, transcrevo aqui o que a respeito escreveu, em sua *Chronica*, o padre Bento da Fonseca:

---

(1) Os habitantes de Muaná, diz o Sr. Ignacio Accioli, não esmorecendo pela fatalidade da revolução da capital em o dia 14 de Abril de 1823, proclamaram, tambem a 29 de Maio, o systema da independencia do Brazil; mas atraiçoados pelos que mais figuravam na revolução e carecendo de bons directores, tiveram, por premio do seu patriotismo, violencias extraordinarias contra elles praticadas pela força expedicionaria que marchou da cidade.

« Falta para concluir a narração do Cabo do Norte fazer menção de um grande phenomeno, que nelle se experimenta, a que chamam os portuguezes *pororoca* e os francezes *barra*. Consiste esta em um movimento irregular das aguas na occasião da enchente das marés, na conjuncção das luas novas e cheias, dous dias antes e dous ou tres tambem depois das ditas luas.

«Principia está pororoca em uma ilha chamada da *Pororoca*, ao norte do rio Maacaré, em 2° 30' de latitude septentrional, vem correndo toda a costa do Cabo do Norte, entrando pelos rios e lagos della, com tal impeto, qual logo diremos, chega até a villa de Macapá e prosegue o seu curso por entre as ilhas, até a costa da ilha de Johannes, entrando pelos rios que descem da dita ilha até cousa de 10 leguas acima da ponta de Maguary; para cima de Macapá pouco sóbe, nem já se sente na bôca do rio Tajipurús, que desemboca no Amazonas. Não se sente no meio do rio, onde ha fundo, senão pela força das correntezas, porque os grandes mares que levanta, só são em corôas de arêa e baixos e em canaes apertados com ilhas e muito mais nos rios, por onde sóbe com um impeto inexplicavel, até quasi ao fim dos ditos rios.

« A fórma e tempo em que principia é quando a maré quer encher; parece que o peso das aguas do rio pugna com a força da maré do mar e com effeito a demora mais de tres horas, até que finalmense rebenta contra o rio com tal furia, que parece cousa viva e espirituosa. Levanta-se primeiramente um monte ou promontorio de aguas, de altura de seis ou sete varas de alto, a este se segue outro e a este outro e algumas vezes quatro e daqui corre com tal velocidade por aquellas costas e baixios, como um cavallo desenfreado, arrasta e despedaça tudo quanto encontra e se lhe oppõe, arranca arvores e bailam os troncos da maior grandeza com ella, como se fossem uma boia. Segue-se a estes tres ou quatro mares grandissimos, uma correnteza tão arrebatada, como se fôra uma manada de cavallos, uns sobre outros, correndo desenfreados, mordendo uns nos outros, de sorte que os navegantes pelos rios acima despedem cousa de um quarto de legua depois da *pororoca*, e não só não é necessario remar a embarcação rio acima, mas é preciso muitas vezes encontrar os remos para a embarcação não ir cahir nos mares da *pororoca*, e fazer-se nelles em pedaços. De sorte que dá este phenomeno uma facil navegação pelos rios acima, por onde entra.

« O modo que usam os navegantes para livrarem as embarcações do perigo que lhes faz a *pororoca*, é esperarem-na em um lugar muito fundo, porque nas partes fundas abatem aquelles promontorios d'aguas, e só se sente uma intumescencia ou altura d'agua instantanea, e uma grande correnteza d'aguas, para o que, ou têm dado fundo a fortes amarras, e as vão largando por mão, por não quebrarem nos primeiros impulsos da agua, ou estão em terra com cordas, tendo mão por ellas as embarcações, emquanto passa a maior furia da correnteza das aguas, passada a qual, vão seguindo

a mesma *pororoca*, com summa velocidade e facilidade. Enche a maré em menos de um minuto primeiro, e quem a observa de terra, em um abrir e cerrar d'olhos a vê subir do profundo rio na vasante, até a sua maior altura, ainda nas margens fundas.

« Nos rios onde ha *pororocas*, gasta a enchente pouco mais de duas horas, e vasa perto de dez horas.

« Resta agora examinar a causa desta extravagancia das aguas, a qual vimos repetidas vezes, tornámos a ver, sem nunca chegar a perceber a sua verdadeira causa.

« Occorria-nos que o peso das aguas doces, pugnando com as salgadas, depois de grande pugna, vinha a vencer a força das aguas do mar, e com a força do recúo, que tinha tido naquella pugna, rompia naquelle extraordinario impeto. Porém, contra isto está que em muitos ou em todos os mais rios não faz estes effeitos e só são particulares no Estado do Maranhão, e tambem se diz haver uma pequena *pororoca* no rio Guamá, perto da cidade do Pará e nos mais rios nada, nem nos da Europa e outras partes, e só se conta a mesma maravilha do rio Ganges, na India, além de que observa-se no curso da dita pororoca, que em muitas partes e rios largos succede correr primeiro uma margem e depois descer pela outra, por modo de redemoinho, correndo ao redor quantas corôas encontra, e acabado isto, vai surgir mais acima, continuando o mesmo impeto com que principiára, de que se convence ter outra causa maior este movimento tão extravagante.

« Faz um grande estrondo o mar da *pororoca* e se ouve em uma legua de distancia : commove tambem os ares, em fórma, que sempre a precede um grande vento commovido dos mares della.

« Isto é o que observámos, deixamos a outros o discurso das suas verdadeiras causas. »

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM